DO MEU MUNDO PARA O TEU

JASPER SWAIN E NOEL LANGLEY

Amadeu António

O Relato de um Jovem Sobre a Vida Depois da Morte
1977 por Jasper Swain e Noel Langley

PREFÁCIO

"Pé-assente na terra" poderá parecer uma expressão estranha para descrever a forma como um pai enlutado encontrou um meio de comunicar com o seu filho falecido. Jasper Swain exerce advocacia na cidade sul-africana de Pietermaritzburg. Antes da morte do filho, não tinha qualquer crença prática no paranormal, nem se tinha aventurado na escrita profissional. O seu livro é um relato simples e direto do que viveu em primeira mão.

O leitor que se aventura neste território pela primeira vez encontrará um estilo claro e incisivo. Recordo a absoluta fascinação da jovem estenógrafa do gabinete em Los Angeles que fotocopiou o original do autor. Disse-me que nunca tinha lido nada semelhante e que "não conseguira largá-lo".

Tenho um certo interesse pessoal no autor, tendo vivido os primeiros vinte e dois anos da minha vida praticamente parede com parede com ele, por assim dizer. Jasper Swain é um homem ao meu gosto. Concordo de todo o coração com a filosofia contida neste livro.

Noel Langley

INTRODUÇÃO

Este não é, de modo algum, apenas o meu livro.

Enquanto viveu, o Mike e eu partilhámos uma vida intensa e ativa. Quando eu competia em corridas automóveis, o Mike ia muitas vezes comigo até ao circuito. Ficava horas nas bancadas ou nas boxes, conversando com os mecânicos, amigo de todos. Depois passávamos a longa viagem de regresso a casa a comparar impressões sobre os acontecimentos do dia. Nas longas e preguiçosas tardes de fim de semana, o Mike e eu levantávamo-nos frequentemente voo num avião privado, dançando com as nuvens em alegria e admiração.

No outono encontrava-nos no mato a caçar, caça miúda e graúda, com espingardas de grosso e pequeno calibre. O Mike era um excelente atirador e eu orgulhava-me de lhe ensinar tudo o que sabia. Poder-se-ia pensar que, após vinte anos a discutir pontos de direito em tribunal, eu ficaria satisfeito

por regressar a casa e desfrutar de algum sossego familiar; contudo, guardo ainda com carinho as memórias de me sentar à mesa para jantar e iniciar longas discussões com o Mike e o Kevin sobre as sessões do dia em tribunal ou sobre aquele tema constante de preocupação no nosso país: o apartheid.

Quando o Mike deixou este mundo, abalou profundamente a Clarice, o Kevin e a mim. Todas as nossas crenças foram lançadas novamente para dentro da panela, como se fossem um guisado, e vi-me forçado a lançar um olhar longo, muito longo, sobre a vida e o seu significado. Sempre fui um buscador, não o nego. Ao dominar uma massa de metal e potência estrondosa nas corridas ou no voo, ao escolher aquele momento vital e livre entre as batidas do meu coração para premir o gatilho, ao argumentar em tribunal para defender o injustiçado, sentia a emoção de satisfazer um desejo particular.

Depois da morte do Mike, percebi que, em tudo isso, eu procurava algo, procurava aliviar uma dor subtil, uma necessidade fundamental: o que era, não o sabia.

Estamos todos familiarizados com a ideia de que aprendemos experimentando opostos: preto e branco, bom e mau, dor e prazer, alegria e tristeza. A experiência de um é intensificada, para o bem ou para o mal, pelo conhecimento da ausência do outro. No entanto, até agora, uma metade do mais enigmático dos pares sempre esteve inacessível: conhecemos a vida, mas a morte escapa-nos. A morte, em toda a sua fria magnificência, estendeu-se e levou o meu filho mais velho, um rapaz profundamente amado e promissor, levou-o para um mundo infinitamente belo onde ele está seguro e protegido no calor e junto do coração de Deus. Através do Mike, fui conduzido a uma ligação privilegiada com a morte, e é essa experiência que gostaria de partilhar convosco.

Este livro foi inicialmente publicado sob pseudónimo numa edição impressa de forma privada. Fiquei bastante surpreendido e gratificado quando ganhou popularidade e recebeu considerável atenção na imprensa sul-africana. Com o público a clamar por saber quem era o autor misterioso, senti que não podia permanecer anónimo e revelei a minha identidade, embora isso se tenha revelado penoso para a minha família, amigos, carreira e particularmente para a mulher que primeiro me pôs em contacto com o Mike, Nina Merrington.

Mantive o livro na terceira pessoa, não tanto por modéstia, mas porque, francamente, já me tinham retirado todo o "eu" que podia suportar durante muito, muito tempo. Ao compor o livro, descobri que havia demasiado de mim na primeira pessoa. Nunca teria chegado ao que se segue sozinho. O que se segue é do Mike, e é verdadeiro. O Mike e eu continuamos em contacto e dedicados a afastar dos outros o medo da morte. Se o conseguirmos, mesmo que apenas para alguns, então teremos movido montanhas.

— Jasper Swain, 1977

Parte um

O dia em que tudo aconteceu foi num quente pleno verão. Era pouco depois do meio-dia e o trânsito avançava ruidoso e estrondoso ao longo da estrada nacional. De repente, sob pequenas nuvens brancas e felpudas que pairavam imóveis no céu, a tragédia abateu-se.

O Mike conduzia o seu pequeno Mini verde de regresso a Pietermaritzburg. Os pais da sua namorada, Moira, tinham-no convidado a visitá-los em Joanesburgo para assistir às corridas automóveis em Kyalami e, na quarta-feira seguinte, todos tinham partido de regresso a Pietermaritzburg.

O Mike tinha feito recentemente os exames finais do semestre e estava otimista quanto às suas probabilidades. Os pais tinham até contactado as autoridades da Universidade em Durban, tão ansiosos estavam por vê-lo concluir a licenciatura em Arquitetura.

Enquanto conduzia o pequeno carro sob o calor abrasador (a temperatura ultrapassava largamente os 39 °C), o pensamento do Mike estava concentrado no seu futuro. Iria agora deixar o lar confortável que conhecera toda a vida; mas tinha a certeza de que a Universidade em Durban em breve lhe permitiria valer por si próprio.

À sua frente, através da ondulação do calor, conseguia ver o carro pertencente aos pais da Moira, Bill e Maureen. O Bill era um condutor prudente que nunca ultrapassava os 60 milhas por hora. No mesmo carro seguiam a Moira e uma amiga dela.

Até cerca de uma hora antes da tragédia, a Moira e a sua amiga tinham viajado com o Mike no Mini. Mas em Harrismith, a irmã de onze anos da Moira, Heather, decidiu que queria viajar com o Mike. Como a Moira e a

amiga estavam algo apertadas no pequeno Mini, todos ficaram satisfeitos por deixar a Heather viajar com o "irmão mais velho" Mike.

Combinaram que, quando chegassem a Mooi River ou a Estcourt, mais abaixo na estrada, voltariam a parar para permitir que a Moira retomasse o seu lugar ao lado do Mike no Mini.

Estavam todos contentes por se aproximarem do fim da longa viagem, pois tinham saído de Joanesburgo cedo naquela manhã e tinham estado na estrada desde então.

O Bill, do lugar do condutor do carro maior, comentou o intenso trânsito daquele dia. Os carros ultrapassavam-nos constantemente a 70 milhas por hora, o limite máximo de velocidade, e havia tanto trânsito no sentido contrário, em direção ao Transvaal.

O Bill reparou então num carro alemão de modelo recente que se aproximava e comentou com a Maureen: "Olha, lá vai um daqueles novos autocarros Duits." Distraidamente, olhou pelo espelho retrovisor para o ver desaparecer atrás de si.

Então o seu coração gelou. Já não conseguia ver o Mini.

Em vez disso, num segundo suspenso e ofegante no espelho retrovisor, viu o carro alemão erguer-se verticalmente no ar, girar de frente para trás e cair numa nuvem esmagadora de pó.

Travou bruscamente. Nunca soube explicar como conseguiu virar o carro, mas no instante seguinte corria de volta em direção à nuvem de pó que tudo envolvia.

Ao princípio não conseguiu ver o Mini. Depois pensou tê-lo visto parado à beira da estrada. Ao olhar de novo, percebeu que a cor estava errada. O Mini do Mike era verde-escuro. Este Mini era verde-claro. Freneticamente, encostou o carro à beira da estrada, as rodas a ranger e a derrapar na gravilha solta.

À sua esquerda, completamente fora da estrada, viu um destroço verde-escuro. Duas cabeças louras desalinhadas pendiam da janela esquerda. Sem se aperceber, já estava fora do veículo, a correr em direção ao Mini.

A Maureen saiu do seu lado do carro. Pressentia vagamente que uma grande tragédia tinha ocorrido. Quando corria em direção ao Mini, a figura de

um homem de braços estendidos surgiu do nada, dizendo: "Não vá para lá, não vá para lá."

Calma e friamente, a Maureen respondeu: "Tenho de ir. São meus."

Quando chegaram ao Mini, ficaram estarrecidos. Apenas as duas rodas traseiras permaneciam intactas. Dali para a frente, nada havia senão metal retorcido e partes do motor deformadas. Parecia impossível que alguém tivesse sobrevivido.

O Bill colocou a mão sobre a cabeça da Heather. Bastou-lhe um único momento atroz para saber que a sua filha estava morta.

Tudo o que conseguiu dizer à esposa foi: "Ela partiu."

A Maureen, ainda incrédula, disse mecanicamente: "Mas o Mike está apenas inconsciente, Bill."

O Bill correu para o outro lado do carro; por entre os destroços emaranhados, deslizou a mão por baixo da camisa do Mike. Depois olhou para ela e disse entorpecido: "Não, ele também partiu."

Ficaram ali em silêncio. O mundo parecia ter parado.

Então a Maureen tomou consciência de um som sufocado atrás de si e virou-se. O outro carro estava de lado. Ao seu lado jazia a figura retorcida de um homem. Tossiu e depois ficou imóvel.

Outros carros começaram a parar e pessoas aproximaram-se, querendo ajudar. O Bill percebeu que a Maureen não podia ficar ali. Colocando o braço à volta dela, conduziu-a de volta ao seu carro.

Depois regressou ao Mini e tentou mover os dois corpos, tentando rasgar os destroços com os dedos para os separar, até perceber que era inútil.

Os pertences pessoais do Mini estavam espalhados pela estrada próxima. Como um autómato, começou a apanhá-los e a levá-los para a parte de trás do seu carro. A cerca de quarenta metros pela estrada abaixo, encontrou a câmara de filmar que o Mike usara em Kyalami. A tampa tinha sido arrancada da caixa, mas estava intacta. Encontrou também uma bolsa de binóculos com o conteúdo ainda intacto.

Depois começou a apanhar os pequenos objetos que o Mike deixara no banco traseiro do Mini e a transferi-los também para o seu carro. Mantinha o

Mini sob vigilância pelo canto do olho e viu então um homem jovem aproximar-se e parar. Imediatamente, uma onda de raiva irrompeu dentro de si e correu de volta aos destroços para o mandar afastar-se. Mas o homem disse: "Posso ajudar? Sou médico."

Isso trouxe o Bill de volta à realidade. Pediu ao médico que verificasse se ainda havia vida nos dois jovens. Sabia que não podia haver, mas talvez houvesse uma hipótese…

O médico fez um breve exame e disse-lhe: "Estão ambos mortos."

O Bill descarregou a sua fúria impotente sobre os curiosos, agora já mais de uma centena. O Mike trazia sempre as suas ferramentas na parte de trás do Mini, cuidadosamente embrulhadas numa velha manta branca. O Bill despejou as ferramentas e estendeu a manta sobre as duas cabeças desalinhadas para que ficassem decentemente ocultas da vista pública.

Três polícias chegaram então ao local para evitar novas colisões na estrada congestionada. Um deles aproximou-se do Bill, que ali permanecia entorpecido, e informou-o de que já tinham pedido por rádio uma ambulância e um reboque a Ladysmith.

Um jovem casal a caminho da Rodésia com os filhos aproximou-se do Bill, percebendo que ele estava quase em estado de choque. Ofereceram-se para levar as mulheres até ao Hotel de Colenso, onde poderiam descansar até que o Bill se juntasse a elas, pois ele recusara categoricamente abandonar o local do acidente antes de os dois corpos serem recolhidos.

Uma hora mais tarde, chegaram a ambulância e o reboque e macacos hidráulicos separaram os destroços. Só então os dois corpos destroçados puderam ser colocados em macas e levados para a ambulância, e só então o Bill permitiu que os novos amigos o levassem até Colenso.

A Maureen já tinha pedido ao proprietário do Hotel de Colenso que contactasse os pais do Mike em Pietermaritzburg; e, embora um médico tivesse sido chamado para assistir a Maureen e à Moira, ambas recusaram a sua ajuda. Não queriam estar sob sedação quando os pais do Mike chegassem.

O pai do Mike, Jasper, advogado de profissão, começara esse mesmo dia a defender a causa de um condutor embriagado que ferira duas pessoas

num acidente de viação, e trabalhara arduamente, acreditando que os factos do caso justificavam alguma clemência.

Como habitualmente, regressou a casa para almoçar ao meio-dia e, como habitualmente, a Clarice e o Kevin aguardavam a sua chegada.

Enquanto comiam, comentaram distraidamente que o Mike provavelmente não chegaria antes das três da tarde. Discutiram também os resultados dos exames finais do semestre do Mike, que deveriam ser anunciados na imprensa local em qualquer dia.

O irmão mais novo do Mike, Kevin, então com dezasseis anos, fora um aluno tão brilhante que conseguira alcançar o irmão mais velho e concluir o secundário um ano antes dele, havendo entre os dois uma viva rivalidade fraterna. Enquanto o Mike preferira Arquitetura, o Kevin decidira exercer Medicina e já se candidatara à Universidade da Cidade do Cabo.

À uma e quinze, o telefone tocou. Amavelmente praguejando contra quem telefona às pessoas à hora das refeições, o Jasper atendeu. Ouviu a operadora de chamadas interurbanas dizer: "Por favor, aguarde. Glencoe chama-o", e perguntou-se distraidamente qual dos seus clientes quererá telefonar-lhe de Glencoe àquela hora.

Depois ouviu uma voz masculina perguntar por ele pessoalmente. O Jasper confirmou que falava com ele. A voz disse então: "Tenho aqui uma senhora que deseja falar consigo."

O Jasper ouviu a Maureen do outro lado da linha.

"Olá, Maureen!", cumprimentou-a ele com agrado. "Ainda bem que já estão tão perto de casa!"

A Maureen respondeu: "Oh, Jasper, houve um acidente."

O Jasper replicou: "Bem, não pode ser assim tão grave. Soa-me tão bem disposta como uma rosa!"

Ela respondeu: "Não, Jasper. Aconteceu uma tragédia. O Mike morreu num acidente de carro."

O Jasper ouviu as palavras, mas, a partir daí, pareceu-lhe como se tivesse saído do corpo e estivesse a ver-se a si próprio a falar ao telefone. Disse: "O quê? Como é que disse?"

A Maureen repetiu: "O Mike morreu."

Maquinalmente, ele disse: "E a Moira?"

Percebeu a Maureen responder: "Sim", e depois acrescentar: "E a Heather também."

Com isso, aquele homem que ele observava ao telefone atirou a cabeça para trás e soltou um grito terrível. "Fiquem aí. Eu vou já", disse à Maureen, e pousou o telefone.

Viu então esse homem virar-se e voltar a ser ele próprio enquanto caminhava de regresso para junto da esposa. Olhou para a Clarice e disse: "O Mike e a Moira e a Heather morreram todos num acidente de carro."

A Clarice limitou-se a olhar para ele de olhos muito abertos, sem querer compreender. O Kevin parecia paralisado. Os três olharam uns para os outros durante muito tempo. Depois o Jasper disse à Clarice: "Vamos ter de telefonar à tua família e à minha. Depois temos de ir."

Decidiu telefonar primeiro aos pais da Clarice, mas já sabia que não fazia ideia de como lhes dar a notícia. Decidiu apenas informar que tinha havido um acidente e que ele, a Clarice e o Kevin iam partir imediatamente para saber o que acontecera, de facto.

Depois telefonou aos próprios pais e ouviu o grito terrível de angústia da mãe ao receber a notícia.

No longo silêncio que se seguiu, pousou o auscultador e saiu diretamente para o carro, onde a esposa e o filho o esperavam. Encheu o depósito e partiram para o Hotel de Colenso.

O Jasper observava agora o seu "outro eu" a conduzir o carro. Isso enchia-o de uma sensação de irrealidade, como se aquela pessoa que ele via fosse, de facto, outro ser humano. No entanto, conseguia sentir a força do seu próprio aperto no volante. Conseguia sentir o toque do acelerador à medida que o carro respondia ao seu controlo.

Dentro de si, o Jasper sentiu crescer uma raiva gelada e assassina, à medida que a enormidade do que acontecera se tornava real. Aquele Menino de Ouro que ele embalara em bebé; o jovem promissor a quem ensinara a jogar críquete; o adolescente que tantas vezes precisara de orientação, mas aceitara tão pouca quanto podia… o deus grego de cabelo cor de linho, mais alto do que o próprio Jasper, fora apagado, aniquilado.

O Jasper não era um mau homem. O ódio, a inveja e a ganância não tinham acesso fácil ao seu coração; e, no entanto, naquele momento resolveu que quem quer que tivesse ousado roubar a vida ao seu filho deveria ser condenado a arder eternamente no Inferno. Impiedosa, implacável — lamentável —, esta fixação sombria foi-se formando no coração do homem que conduzia o carro.

Só quando já subiam as montanhas acima de Pietermaritzburg é que o Jasper sentiu que regressava para trás do seu próprio volante; e, um instante depois, tomou consciência de uma presença radiante. Quando virou a cabeça para olhar para a Clarice, viu a forma dourada do filho sentado entre ambos, e, fundo e claro na sua mente, vieram as palavras: "Não faças nenhuma estupidez, Jasper. Não sejas parvo!"

Incrédulo, desviou o olhar e depois voltou a fitar a imagem, apenas para descobrir que tinha desaparecido; mas um trovão ainda ecoava dentro da sua cabeça. Sabia com toda a clareza que era desejo do filho que ele ultrapassasse a sua ira.

Continuou a conduzir, perguntando-se por que razão as coisas tinham acontecido daquela forma. A urgência com que aqueles horrores se acumularam, uns sobre os outros, entorpeceu-o. Ocorreu-lhe então que aquilo teria de ser, seguramente, o fim do caminho, tão profundo era o sentido de desolação, o medo puro e absoluto, que lhe enchia o coração dorido.

No início daquela viagem, a Clarice estivera tão confusa quanto ele, sem saber no que acreditar, sem saber o que pensar. Gradualmente começou a aceitar o facto de que o seu filho mais velho estava realmente morto; e depois entrou-lhe na mente o horror de que, ao partir, ele poderia ter sofrido dor. "Por favor, Deus, que ele não sinta mais dor", repetia silenciosamente enquanto o carro avançava veloz pela paisagem rural.

O Kevin, no banco de trás, continuava incapaz de aceitar que o seu único irmão lhe fora tirado. Só mais tarde viria a sofrer a solidão que se torna a companheira constante do enlutado… nunca mais os desafios e triunfos fraternos; nunca mais as brincadeiras felizes; nunca mais discussões sobre cantores pop e música rock… apenas desolação, agora.

Na sala do Hotel de Colenso, o Bill e a Maureen sentavam-se ao lado da Moira, à espera da chegada da família do Mike. Quase não tinha havido

conversa entre eles, pois, a essa altura, o choque começara a agir com vingança, e a Maureen retraíra-se para um mundo onde o tempo deixara de contar.

Quando os faróis do carro do Jasper se aproximaram pela estrada, o Bill, que estava atento, saiu para o encontrar. Em silêncio, cada um pôs um braço em volta do outro, num laço de compaixão mútua. Depois a Maureen desceu os degraus e juntou-se-lhes, e ela e a Clarice abraçaram-se, com a dor demasiado crua para palavras.

Entraram todos na sala antes de o Jasper ter tido tempo de perguntar ao Bill o que acontecera. Então viu a Moira. Até aquele momento acreditara que ambas as raparigas tinham morrido no acidente. Automaticamente deu por garantida a sobrevivência dela e a sua mente exausta aguardou, expectante, que o Mike aparecesse naquela mesma sala.

Depressa compreendeu que só a Heather tinha morrido com o Mike, e ficaram todos sentados a olhar uns para os outros, aturdidos. Depois percebeu que seria chamado a identificar oficialmente o corpo do filho, quando o Bill identificasse a Heather. Insistiu em que ele e o Bill regressassem ao local do acidente. Sabia que tinha de o ver com os próprios olhos. Só então poderia seguir para Ladysmith, para onde os corpos dos dois jovens tinham sido levados. Disseram ao Kevin para ficar para trás e confortar as mulheres, e os dois homens conduziram de volta pela noite dentro.

Na esquadra de Ladysmith disseram-lhes que, como ambos os jovens tinham sido declarados mortos à chegada, os corpos já estavam no depósito de cadáveres do Hospital do Governo. O sargento da polícia, reparando que ambos os homens estavam perto da exaustão, acompanhou-os no resto do caminho.

No interior do depósito de cadáveres havia o que parecia um arquivo metálico de grandes dimensões, com gavetas muito maiores do que o normal. Quando o funcionário abriu a gaveta superior do lado esquerdo, ela estendia-se por quase seis pés de comprimento.

Ali, o Jasper foi confrontado com o seu filho mais velho, com os caracóis louros familiares e a pequena barba por fazer intactos.

O Jasper fixou-o demoradamente, notando com alívio a expressão serena e relaxada no rosto. Não conseguiu obrigar-se a baixar o lençol à

procura de lesões no corpo. No rosto, pescoço ou ombros do rapaz não havia nenhuma.

O funcionário fechou então a gaveta e puxou a de baixo. Ali jazia o corpo da Heather.

Não havia necessidade de o Bill se preparar para o pior, pois já tinha visto a filha quando a retiraram do Mini.

Num silêncio absoluto, os dois homens viraram-se e saíram juntos do depósito de cadáveres.

De volta ao carro, o sargento disse-lhes que lhes estava grato por terem comparecido tão cedo, porque isso o ajudava nas suas funções; e perguntou então, em voz alta, quanto tempo levaria até que o outro corpo fosse oficialmente identificado.

Só então o Jasper se apercebeu de que o homem que conduzia o outro carro também tinha perdido a vida. Por um momento, a ideia lampejou-lhe na mente de que isso não era mais do que o seu amargo pagamento. Depois lembrou-se de que ainda não sabia como o acidente acontecera. E, de qualquer modo, seria a mais vazia das vitórias atribuir culpas, quando nada poderia devolver qualquer das vítimas à vida.

Regressaram à esquadra para descobrir que não havia dactilógrafa disponível tão tarde; mas, como os certificados de óbito ainda tinham de ser preenchidos, o Jasper sentou-se à máquina de escrever e dactilografou ambas as declarações, com um dedo.

Depois voltaram ao Hotel de Colenso, e ambas as famílias enlutadas partiram para Pietermaritzburg nos respectivos carros, chegando lá por volta das oito dessa noite.

O Jasper e a Clarice seguiram para casa dos pais dela, onde o pai da Clarice explicou, ou tentou explicar, a lógica divina por detrás da tragédia.

Em seguida conduziram até aos pais do Jasper. Mais uma vez tiveram de descrever o que acontecera e confirmar que o Mike estava morto. O pai do Jasper chamara o médico de família quando a esposa, Louise, colapsara ao ouvir a notícia. O médico deixara comprimidos para dormir para o Jasper e para a Clarice, caso não conseguissem dormir.

Foram para casa e encontraram um carro estacionado do lado de fora, e um jovem aproximou-se. Um lampejo de raiva cansada no coração do Jasper

dissipou-se quando o jovem expressou, com cortesia, as suas condolências. A tragédia já tinha sido noticiada na rádio, e ele queria uma fotografia do Mike para a edição da manhã do jornal local.

De manhã cedo, no dia seguinte, o Jasper e a Clarice abriram os olhos e encontraram a irmã da Clarice, Rose, e o marido dela, de pé ao fundo da cama.

A Rose era mais nova do que a Clarice e sabia melhor do que ninguém quão estreito fora o laço entre mãe e filho. Tinham vindo de Durban na noite anterior, chegando à meia-noite, e encontraram a casa inteira ainda iluminada. Como não houve resposta às pancadas, perceberam que todos tinham adormecido de pura exaustão, e por isso dormiram no sofá da sala até ao nascer do sol.

Quando o Jasper desceu para ir buscar o jornal, os factos frios e duros da tragédia estavam estampados na primeira página, juntamente com a fotografia do Mike.

Por fim, o Jasper aceitou o facto de que tudo aquilo tinha realmente acontecido, que não fora um pesadelo; e, quando levou o jornal para cima, para a Clarice, a realidade dura do dia anterior instalou-se finalmente nele.

Foi para o escritório muito mais cedo do que o habitual, mas a secretária já lá estava e sabia todos os pormenores da tragédia. O Jasper, depois de lhe pedir que adiasse os vários processos, reparou num memorando em cima da secretária que dizia o seguinte: "Uma senhora, Mrs. Merrington, telefonou de Sezela, na Costa Sul, com a seguinte mensagem: 'como uma vez a ajudou na vida, ela agora ajudá-lo-á na morte'."

A única reacção dele foi a indignação por uma desconhecida tentar envolver-se no seu luto privado, e atirou o memorando para o caixote do lixo.

O Jasper fora educado como cristão ortodoxo na fé anglicana, mas há muito que sentia que a religião organizada já não desempenhava um papel realista na sociedade moderna. Ao longo dos anos, investigara outras religiões — luterana, católica, protestante — e até algumas crenças mais suspeitas que apenas atraíam grupos minoritários. Em nenhuma encontrara respostas para as suas dúvidas.

Chegara até a examinar o espiritualismo, mas também isso não o satisfizera. Voltou-se então para as religiões orientais — hinduísmo,

maometanismo, budismo, taoismo e zen — e continuava incapaz de apaziguar as suas dúvidas.

Só quando se deparou com as obras de Paul Brunton é que começou a detetar uma filosofia afim. A partir daí, avançou para Vera Stanley Alder, e das obras dela para as de Alice Bailey, que achou demasiado austeras, exigindo aplicação e disciplina totais.

Assim, quando a tragédia aconteceu, o entendimento do Jasper acerca de valores espirituais ainda se encontrava numa fase improvisada.

O agente funerário que o Jasper contactou era também um velho amigo da família, Sven Larsen. Embora o assistente dele fosse normalmente quem recolhia os corpos e os levava para a agência funerária, o próprio Larsen conduziu a ambulância por mais de cem milhas até Ladysmith para poder estar presente na autópsia, e foi ele próprio quem trouxe os corpos dos dois jovens de regresso a Pietermaritzburg.

Molhos de flores começaram a chegar num fluxo interminável, vindos de amigos ansiosos por expressar a sua simpatia e tristeza. A Clarice mantinha-se ocupada a tentar encontrar jarros para as colocar a todas. Nessa manhã, as cartas enchiam a caixa do correio; mensagens de amor, de condolências e de apoio de pessoas que muitas vezes eram quase estranhas. Entre os primeiros a aparecer estiveram o médico de família e a mulher. Ele veio tanto como amigo como como médico, pois tratara o Mike de todas as doenças e achaques da infância.

A Clarice levantara-se antes do amanhecer. Caminhara de um lado para o outro na varanda do andar de cima, no ar frio da manhã, tentando criar na mente um padrão que pudesse revelar algum tipo de razão para aquela tragédia. Decidiu também que o Reverendo Tobias MacGregor deveria entregar os restos mortais do Mike à terra. E, embora o Sr. MacGregor tivesse sido ordenado numa igreja ortodoxa, era, além disso, um homem excelente, a quem o Mike respeitara profundamente. No instante em que este pensamento ganhou vida na sua mente, a Clarice soube que aquele homem também a poderia ajudar.

Começou a informar-se sobre o seu paradeiro, pois ele deixara Pietermaritzburg alguns anos antes. Por fim, foi-lhe entregue um recado; e o MacGregor, sem qualquer hesitação, entrou no carro em Durban e foi até à porta deles para levar o conforto que pudesse.

O Dave e o Brian, dois amigos próximos do Jasper, um especialista em electrónica e um professor de música, tinham acesso a um órgão e a uma grande biblioteca de música e, entre ambos, compuseram um pot-pourri de hinos da igreja e melodias populares que o Mike e a Heather mais tinham amado. Haveria uma única cerimónia religiosa antes da cremação, pois os pais tinham concordado que os restos dos jovens deveriam ser purificados juntos.

A primeira reação do MacGregor foi de surpresa, mas ele ouviu calmamente toda a fita e depois recostou-se, em silêncio, e disse: "Isto é música verdadeiramente sagrada. É absolutamente pura."

O fluxo de amigos continuou. Bem mais de quinhentas cartas chegaram à família durante a semana seguinte.

Na sexta-feira, o Larsen telefonou a dizer que os dois corpos estavam na sua capela mortuária e, ao fim da tarde, a Clarice, o Jasper e o Kevin foram vê-los.

Assim que entraram na capela, os três tiveram a sensação de que o ambiente era quente, acolhedor e cheio de velhos amigos, embora não estivesse mais ninguém presente.

No sábado de manhã, à mesa do pequeno-almoço, o Jasper reparou que tinha sido posto um quarto lugar. Foi até à cozinha e disse à cozinheira: "Elphus, sabes que o inkosaan já não está connosco. Não é preciso pôr-lhe um lugar. Ele já não fará mais refeições com esta família."

O Elphus era um homem de quarenta anos, um zulu grande, forte, robusto. Os zulus são educados a acreditar que um homem nunca deve mostrar o seu luto ou a sua tristeza; no entanto, quando o nome do Mike foi mencionado, os olhos dele encheram-se de lágrimas.

"Elphus, isto não foi dito como repreensão", assegurou-lhe o Jasper, com preocupação. "Isto é um assunto em que o jovem inkosaan foi chamado pelo Grande para se juntar a Ele nos céus. Os nossos corações podem chorar, mas as coisas são como devem ser!"

Mais tarde, nessa manhã, quando os vários membros de ambas as famílias começavam a chegar, o Jasper saiu sem rumo para regar o jardim da frente. O homem das entregas do leite subiu a entrada e pousou duas garrafas de leite frescas no chão. Com a voz embargada pela emoção, disse: "Hauw! Uma ferida terrível foi infligida a esta casa!"

O Mike sempre escolhera os amigos sem atender a cor ou credo e, agora, o coração do Jasper comoveu-se por aquele velho zulu que ali estava com lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto. Disse-lhe: "Mkize, o Grande desceu à minha casa e decidiu que este jovem seria um líder muito bom para Ele, por isso disse-me que queria o meu filho. Como eu sou um dos Seus homens, tive de obedecer ao pedido. Eu não queria perder o meu filho, mas o costume e a lei diziam que eu tinha de o fazer."

Isto estava completamente de acordo com as crenças do povo zulu, e o velho compreendeu de imediato. O rosto iluminou-se e ele ponderou bem a resposta. "Sim", disse. "Eu vejo: quando o Grande quer uma coisa que te pertence, tens de a dar. Agora o Grande tem, de facto, um líder novo muito bom!" Pegou nos vasilhames vazios e afastou-se a passo macio, perfeitamente satisfeito por aquilo que inicialmente tomara por uma terrível injustiça ser, afinal, correto e apropriado, tal como entendia as coisas. O coração magoado do Jasper recebeu igual conforto.

Enquanto continuava a regar o jardim, as carrinhas dos floristas não paravam de chegar e partir, e os visitantes continuavam a chegar e a ir-se embora. Ele deslocou-se para o canto mais afastado do quintal, para que aquelas pessoas, bondosas e bem-intencionadas como eram, deixassem de perturbar os seus pensamentos.

Quando o MacGregor perguntou às duas famílias onde queriam que se realizasse o serviço fúnebre, o Bill e a Maureen escolheram a igreja da Heather, e a Clarice e o Jasper alinharam com o desejo deles.

No entanto, tinham sido marcados cinco casamentos para essa mesma tarde e, por isso, o MacGregor telefonou ao Jasper e perguntou se a cerimónia poderia ser transferida para a igreja do Mike; mas, quando o Jasper se informou, descobriu que a igreja dele também estava reservada para essa tarde.

Então o MacGregor decidiu tomar o assunto nas suas próprias mãos. Depois de ter abordado o Deão, informou-os de que a própria Catedral estaria disponível às duas e meia dessa mesma tarde.

O MacGregor era um tipo de homem invulgar neste mundo moderno; era um verdadeiro servo de Deus. Contudo, nos tempos de escola, raramente — se é que alguma vez — pensara na sua vocação final, pois considerava os párocos um apêndice muito distante da sociedade que o rodeava. Depois de

concluir o secundário e ir para a universidade, passou por uma sucessão de empregos temporários, não encontrando satisfação em nenhum, e por fim voltou ao seu modo de pensar anterior, inscrevendo-se como professor.

Nos anos seguintes "assentou" numa escola secundária em Pietermaritzburg, e foi aqui que veio a conhecer o Mike. Houve de imediato um laço entre o professor e o rapaz. O Mike chegava a casa e contava-lhes que professor maravilhoso tinha, e cedo se tornou evidente para a Clarice e para o Jasper que aquele era o seu primeiro caso de genuína idolatria. O MacGregor era um dos poucos professores que realmente compreendiam a mente dos seus alunos. Mas este período na sala de aula também incutiu no MacGregor um desejo de se dedicar permanentemente à obra de Deus e, por fim, foi ao diretor e apresentou a demissão.

Regressou então à universidade e concluiu a sua licenciatura com distinção em Teologia e, depois, seguiu para o estrangeiro para obter o diploma em Teologia em Inglaterra, onde, por fim, foi ordenado nas Ordens Sacras.

Ao regressar à África do Sul, foi nomeado para uma paróquia em Natal, onde depressa se tornou querido da sua comunidade. Um dos seus paroquianos disse ao Jasper que o MacGregor "fizera voltar a respirar a alegria da adoração" às suas celebrações.

Um dia, uma jovem muito perturbada foi ter com ele. Tendo sido membro da paróquia durante muitos anos, soubera, para seu total desespero, que o marido tinha um caso com outra mulher. Por conselho dos pais, divorciara-se dele com fundamento em adultério. Depois, já concedido o divórcio e atribuídas as crianças a ela, disseram-lhe que nenhuma mulher divorciada podia ser admitida à Sagrada Comunhão.

Convencido de que a Igreja não ousava proibi-lo de administrar o sacramento a uma mulher como aquela, o MacGregor tomou sobre si a responsabilidade de a admitir na sua celebração com o filho, recentemente confirmado. Anunciou também essa decisão do púlpito, sem a mencionar pelo nome, e nem uma única voz se levantou em protesto.

Infelizmente, contraiu então uma gripe e foi obrigado a meter baixa por três semanas. Quando essa mulher foi à igreja, como habitualmente, para seu espanto foi-lhe recusada a comunhão pelo padre que substituía o MacGregor.

Quando o caso chegou ao conhecimento do Bispo, o MacGregor viu-se chamado a prestar contas. Argumentou longamente e com seriedade; o seu ponto era que a mulher obtivera reparação honrosa segundo as leis do país: como poderia isso excluí-la do sacramento da comunhão? O Bispo compreendia o ponto de vista do MacGregor, mas também estava preocupado em fazer cumprir as regras e regulamentos. E não era a primeira vez que as "atitudes" do MacGregor chocavam com o dogma da Igreja. À medida que cuidava da sua congregação crescente, ia colidindo cada vez mais com tudo aquilo que não "alimentasse e guiasse o Meu rebanho".

Confrontado com o conflito, o MacGregor tentou resolvê-lo como Cristo o teria feito. Não tentando pôr-se no lugar de Cristo, mas tentando fazer o que sentia que o seu Mestre aprovaria.

Tornava-se, porém, cada vez mais evidente para ele que, aos olhos do Bispo, ele não era tanto um pastor "alimentando e guiando as Minhas ovelhas", mas uma dor de cabeça pouco conveniente.

Uma violenta rebelião começou a crescer-lhe no coração. Demasiado consciente das suas próprias falhas, começou a perguntar-se qual dos seus pecados seria o pior. Mereceria ele realmente ira e censura? Deveria ser banido para outra paróquia na hora do seu amargo acerto de contas? Estava rapidamente a tentar carregar sobre os seus ombros estreitos todos os pecados do mundo.

Foi neste ponto que o Mike morreu e ele respondeu ao pedido de ajuda do Jasper e da Clarice.

Quando entrou na casa deles, a primeira coisa que fez foi rezar pelas duas crianças mortas; e, para a Clarice e o Jasper, foi a mais bela oração que alguma vez tinham ouvido na vida.

Nessa noite falou com ambos sobre a diferença entre o seu Senhor Pessoal e o Senhor de toda a Evolução; descreveu as leis da razão que decretam o caminho do destino; e rezou pela aceitação e compreensão deles, invocando em nome deles a compaixão do Todo-Poderoso, para que a fé na Sua misericórdia continuasse, mesmo enquanto ainda sentiam que tinham sido demasiado duramente maltratados pelas Suas mãos.

Depois de ele ter partido, a Clarice e o Jasper sentiram um ténue raio de sol a penetrar a escuridão que os envolvia; e começaram o longo e lento processo de voltar a confiar na Sua vontade.

O Jasper não queria que o funeral do Mike e da Heather fosse uma ocasião de dor e lamentação. Queria que refletisse aquilo que eles tinham sido em vida: despreocupados e alegres. O MacGregor compreendeu-o perfeitamente. Nunca conseguira perceber por que motivo se retiravam as flores do altar num funeral cristão; ou por que razão o hino da Páscoa não era incluído no serviço de sepultura. Tinha conduzido muitos funerais na sua vida; mas agora, quando se sentou para escrever a oração fúnebre, pela primeira vez viu-se sem palavras.

Pela primeira vez, compreendeu a enormidade do que acontecera. Ajoelhou-se e pediu ao seu Criador que lhe desse forças naquele deserto de desgosto.

Enquanto se vestiam para o funeral, o Kevin entrou e disse ao Jasper: "Pai, os meus únicos sapatos decentes são brancos e castanhos. Ficavam mesmo mal num funeral!"

Como a maioria dos jovens da sua idade, o Mike e o Kevin tinham preferido o tipo de sapatos "mod"; mas o Jasper lembrou-se de que o Mike também usava calçado mais conservador, e por isso disse: "Vai ver ao armário do Mike. Tenho a certeza de que os sapatos pretos de cerimónia te servem."

"Pai!", protestou o Kevin. "Ir com os sapatos do Mike ao funeral dele?"

"A menos que tenhas medo de que ele não aprovasse!", respondeu o Jasper, com ar sério.

Aliviado, mas ainda impressionado, o Kevin foi requisitar os sapatos.

Às duas e um quarto, conduziram até à Catedral, onde já se reunira uma grande multidão.

Enquanto o Jasper estacionava o carro, a Clarice e o Kevin entraram, incapazes de suportar o olhar compassivo de tantas caras desconhecidas. O Jasper seguiu-os rapidamente.

A Catedral, construída para acolher mil pessoas, estava completamente cheia. Sentaram-se no banco da frente, do lado direito, e a Rose e o Mike sentaram-se ao lado deles. Na primeira fila do lado oposto sentavam-se o Bill, a Maureen, a Moira e a mãe da Maureen.

O MacGregor aproximou-se então do altar e genufletiu; depois avançou lentamente pelo corredor central até às portas principais.

Lá fora, o Larsen já tinha colocado o carro funerário junto daquela entrada. Fez sinal aos dois grupos de carregadores para se aproximarem. Passo a passo, os dois caixões foram trazidos pelo corredor.

O pequeno caixão branco que continha o corpo da Heather foi transportado por quatro membros da família do Bill e da Maureen.

Depois veio o Jake, irmão do Jasper; depois o Kevin; depois os quatro irmãos da Clarice, todos a transportar o caixão do Mike.

Do fundo do coração da Catedral elevava-se uma música suave do grande órgão.

Quando ficaram ao nível do Jasper, ele viu que os caixões estavam a ser levados para o altar com os pés à frente. Com um sobressalto nauseante recordou a ocasião em que um auxiliar hospitalar o empurrara, de pés à frente, em direção à sala de operações, para logo ser severamente corrigido por um médico que passava, porque "só os mortos vão de pés à frente".

Agora os dois caixões foram colocados sobre cavaletes diante do altar-mor, e o MacGregor começou a cerimónia fúnebre. O Jasper e a sua família, e o Bill e a sua família, tinham apenas uma vaga consciência do ritual; mas o Jasper lembrava-se claramente de ouvir o MacGregor dizer: "Aqui esteve um jovem sem malícia. Eu, pessoalmente, não lhe encontrava defeito. Mas não devemos, não podemos, questionar os desígnios do nosso Pai no Céu. Cristo poderia tão facilmente ter dito: 'Tenho apenas trinta e três anos. Deixai-me até aos sessenta e seis. Ainda assim salvarei o mundo por Vós; mas pensai no que conseguirei entretanto!' A morte é apenas lógica para um Deus totalmente amoroso. Como mortais, sofremos profundamente. Mas, como cristãos, podemos alegrar-nos; porque foi a crianças como estas que Jesus disse: 'Vou preparar-vos um lugar. Se assim não fosse, Eu vo-lo teria dito.'"

A voz firme do MacGregor trouxe força e conforto às duas famílias enlutadas; e quase sem dar por isso, o Jasper percebeu que a cerimónia dilacerante estava praticamente terminada. Em breve, os carregadores retomaram os seus fardos e começaram a descer o corredor em direção às grandes portas.

A Clarice tomou o braço do pai. Ele era um homem idoso, de setenta e dois anos, que sentia profundamente a perda daquele neto de ouro. O Jasper caminhou atrás dos dois. Depois vinham o Bill e a Maureen, seguidos do resto da família.

Sob o sol brilhante, os dois caixões foram colocados com cuidado no carro funerário, e iniciou-se a derradeira viagem até ao crematório.

O Jasper concordara que não haveria cortejo formal, pois estes costumavam abrandar o trânsito.

Mas três polícias motorizados convergiram inesperadamente para a comitiva fúnebre. Com um motociclista à frente e dois a flanquear a retaguarda, sirenes a gritar, conduziram os enlutados através da zona comercial apinhada da cidade.

Os olhos do Jasper encheram-se de lágrimas ao compreender o significado daquela homenagem ao cortejo. Não era hábito da polícia local providenciar escolta para um funeral privado; mas o Mike, que possuía uma potente motocicleta Suzuki de 250 cc, tornara-se amigo de muitos agentes de trânsito da cidade; e estes homens, de folga, tinham "inscrito o serviço" por iniciativa própria, como tributo.

Já perto do crematório, os motociclistas desviaram-se para a esquerda e ficaram em sentido, prestando continência enquanto o carro funerário passava.

À porta principal, houve uma pausa enquanto os carregadores se recompunham; depois os dois caixões foram levados para dentro e colocados sobre o estrado, e o pequeno crematório depressa ficou cheio até transbordar de amigos e simpatizantes. O Larsen, de pé ao fundo da capela, estava atento à emoção intensificada por todo o lado. Sabia que bastaria uma pessoa desabar para mergulhar toda a assembleia em lágrimas.

O Jasper permaneceu lá fora, sozinho. Comoveu-o ver tanta gente jovem — rapazes em motorizadas — a chegar ao crematório num zumbido incessante.

Por fim, ele próprio entrou. Estava quase na hora da cerimónia de entrega. Quando se sentou, ouviu a música suave e apaziguadora que fora escolhida para a fita. The Shadows a tocar "Marie Elaine" e "Stardust", o maravilhoso hino "The Day Thou Gavest", e o preferido da Heather, "Once in Royal David's City", tinham sido reunidos num todo harmonioso.

À medida que a música enchia os ouvidos da congregação, o Jasper conseguia ver, de facto, a tensão a abrandar. Quando a música terminou, o

MacGregor tomou o seu lugar no púlpito e, depois de ler a lição, entregou os restos. A cerimónia terminou.

Mas só depois de a congregação ter saído da capela é que o MacGregor se ajoelhou diante dos dois caixões e deixou correr as lágrimas, sem vergonha.

Em silêncio, as famílias regressaram aos carros. Quando o Jasper lançou um último olhar ao crematório, agora amarelo sob o sol poente, a primeira ténue espiral de fumo começou a enrolar-se para fora da alta chaminé de ventilação. Sabia que vinha do verniz dos caixões. A Heather e o Mike estavam agora entregues às chamas purificadoras.

E, nesse mesmo instante, ao longe, em casa, a cadela Teckel deles, Mitzi, levantou o focinho e uivou a sua tristeza para os céus. Depois caiu um silêncio mortífero sobre a vizinhança, que só seria quebrado quando o carro com a família regressasse.

Parte dois

O Jasper e a Clarice sentiram que deviam enviar notas pessoais de agradecimento a todos os que tinham expressado as suas condolências. Era uma tarefa de verdadeira magnitude e ocupou-os por completo nos dias seguintes.

Ninguém na família alguma vez tinha encarado a morte de frente; e ser visitado por ela de forma tão violenta tinha-a afastado ainda mais do seu quadro de referência. Mas, gradualmente, uma resignação inarticulada começou a mexer-se nos seus corações.

O Bill, a Maureen e a Moira eram visitantes frequentes da casa, à medida que cada família retirava conforto da presença da outra.

Por fim, o Jasper lembrou-se do bilhete que a secretária lhe deixara em cima da secretária, na manhã seguinte à tragédia. Tentou afastar da mente aquele incómodo persistente, mas depressa cresceu até quase se tornar uma obsessão. Algo lhe repetia constantemente: "Vai a Sezela, vai a Sezela."

Finalmente já não conseguiu ignorar a pressão constante e conduziu em direção a Durban, embora não soubesse exatamente onde ficava Sezela, exceto que se situava na parte baixa da Costa Sul.

Numa estação de serviço, uma hora mais tarde ou pouco mais, soube que a saída não ficava muito mais adiante.

Sezela revelou-se uma grande fábrica de açúcar, com a sua própria propriedade em redor. Conduziu até ao portão principal, onde descobriu que o Sr. Merrington era um dos engenheiros ali, e disseram-lhe onde o poderia encontrar.

O Jasper mal tinha entrado no gabinete do homem quando este o cumprimentou com: "Ah, deve ser o Jasper Swain. O Mike disse à minha mulher para esperar por si aqui esta manhã. Ainda nem há dez minutos ela me telefonou para eu estar atento à sua chegada."

Levou o Jasper para o exterior e apontou na direção da sua casa particular. O Jasper, completamente desnorteado, seguiu as instruções e foi recebido pela Mrs. Merrington à porta de entrada.

Assim que a viu, lembrou-se de a ter conhecido nove anos antes, quando usava outro nome. Fora abandonada com duas crianças pequenas e dependia de organizações de assistência social para obter ajuda. Como o Jasper muitas vezes lhes prestava apoio voluntário, o caso dela tinha-lhe sido encaminhado. Ele encontrara o marido fugitivo na Rodésia e obtivera uma ordem judicial que o obrigava a sustentar a mulher e os filhos. A pedido da mulher, o Jasper conduzira então o processo de divórcio; ela viria depois a conhecer o Sr. Merrington, viúvo com três filhos, e casara com ele. Continuavam muito ligados um ao outro.

Logo que convidou o Jasper a entrar na sala de estar, ela recostou-se e colocou as duas mãos sobre os olhos. Quando voltou a falar, para espanto dele, o Jasper ouviu o seu filho morto tratá-lo por "Chud", um nome que só o Mike alguma vez usara.

Como se endurecera contra a ideia de que o Mike pudesse ainda estar vivo, o Jasper decidiu deliberadamente apanhar aquele impostor numa armadilha.

Ainda assim, ele e o Mike prosseguiram a discutir em detalhe o acidente fatal: como ocorreu, a sua causa e a forma como se deu o falecimento do Mike.

Ao fim de uma hora, a Nina Merrington esfregou os olhos e voltou a si, dizendo que estava exausta e que precisava de descansar. O Jasper estava

demasiado abalado para trocar banalidades com ela; mas, ao agradecer-lhe, perguntou se poderia trazer a Clarice e o Kevin consigo quando voltasse. Ela anuiu com gosto.

O Jasper conduziu as cem milhas de regresso a Pietermaritzburg sem parar. Assim que chegou a casa, disse à mulher: "Clarice, aconteceu um milagre! Quero que vocês os dois venham a Sezela imediatamente!"

A Clarice e o Kevin ficaram assustados com o desabafo, mas tudo o que ele acrescentou foi que tinha entrado em contacto com o Mike e queria que eles também falassem com ele.

Na sua própria mente, o Jasper não sabia bem se tinha enlouquecido ou não; mas pediu-lhes que mantivessem a mente completamente aberta e, sem mais demoras, os três entraram no carro e voltaram a Sezela.

A essa altura, já era fim de tarde. Mais uma vez a Nina levou o dorso das mãos aos olhos; e a Clarice e o Kevin puderam falar com o seu amado Mike.

Depois de a Clarice ter feito todas as perguntas que o seu coração conseguia conter, ficou satisfeita de que aquilo só podia ser o Mike. Ele estava tão cheio de alegria, tão cheio de felicidade.

O Kevin também, depois de as suas perguntas hesitantes terem sido respondidas, ficou convencido de que só podia estar a falar com o irmão.

Quando lhe perguntaram como acontecera o acidente, o Mike disse que colocaria a Nina no lugar do condutor, para que ela pudesse descrever exatamente como as coisas se tinham passado.

Ela começou por dizer: "Ele colocou-me num pequeno Mini verde. Tem uma alavanca de mudanças estranha, uma alavanca curta e grossa, junto à minha perna esquerda." (O Mini tivera o manípulo normal alterado e fora montado um comando remoto de mudanças entre os bancos.)

"É um dia terrivelmente quente, e eu vou a conduzir por uma estrada muito movimentada. Há uma menina ao meu lado. Chama-se Heather. Está a conversar comigo sobre a mãe e o pai, que vão no carro à nossa frente. Consigo ver o carro deles, a aproximadamente cinquenta jardas de distância. É de cor cinzenta; parece um Rambler. É meio-dia, e há uma massa de trânsito de férias a passar por nós nos dois sentidos.

"Agora vejo um carro preto a vir na nossa direção. À medida que se aproxima, vejo este outro carro a vir atrás dele. Consigo ver este outro carro

claramente, porque está no meio da estrada, a tentar ultrapassar o carro preto."

A Nina fez uma pausa e depois disse: "O sol está a bater no para-brisas do carro preto e a refletir-se de volta para os meus olhos. Não consigo ver nada senão um brilho prateado intenso. Está a cegar-me.

"De repente, o brilho muda de prateado para dourado. Estou a ser levantada no ar, a sair pelo topo do carro. Agarro a mão da pequena Heather. Ela também está a ser levantada para fora do carro.

"Fomos erguidas a trinta pés acima do Mini. E, num segundo horrível, vejo o pequeno Mini e aquele carro grande a colidirem de frente. Há um ruído como o estalar de cordas de banjo de aço. O pequeno Mini ressalta diretamente para fora da estrada, diretamente para a berma de gravilha. Por fim pára numa nuvem de pó quando embate num enorme formigueiro.

"O carro grande está a dar cambalhotas no ar. A frente vira até ficar ao contrário. Depois despenha-se sobre a estrada, de lado. Agora desliza uns quatro ou cinco pés e, finalmente, pára com um estrondo ensurdecedor. Uma tempestade de pó metálico cintila agora por toda a estrada. As rodas desse carro ainda estão a girar, sem rumo."

A Nina parou, visivelmente demasiado agitada para continuar.

O que impressionou os ouvintes foi o facto de o Mike nunca ter visto o outro veículo até depois de a luz prateada se ter tornado dourada. Ele e a Heather não tinham sentido qualquer impacto. Não tinham sofrido dor. Apenas uma ascensão suave pelo ar.

A Nina recompôs-se o suficiente para continuar: "A Heather e eu ainda estamos de mãos dadas. Descemos agora junto do Mini. Vemos dois corpos amarrotados lá dentro.

"Sentimos uma vaga pena de que aquilo lhes tenha acontecido. E ambos compreendemos plenamente que estamos, agora, no que diz respeito aos mortais, mortos.

"Também temos consciência de que muitas pessoas começaram a reunir-se à nossa volta. Estão vestidas com cores gloriosas. Reconhecemos rostos familiares; os rostos de amigos que passaram além da terra antes de nós. Continuamos de mãos dadas; agora, guiadas por aquele que primeiro

nos ergueu no ar, nós as duas avançamos para os céus. Flutuamos por cima das duas colinas arredondadas conhecidas como os Seios de Sabá."

Os três ouviram com alegria profunda, arrebatados pelo facto de a passagem não ter envolvido medo, choque, nem sofrimento.

O Mike dirigiu-se então ao irmão. Algum tempo depois do acidente, o Kevin reparara que o pó se acumulava na mota e começara a limpá-la. No processo, notou que a corrente de transmissão estava seca. Com demasiada pressa para encontrar a pistola de massa, decidiu, imprudentemente, arriscar com a lata de óleo. Mas fez asneira e o óleo escorreu pela parte de baixo da carcaça, formando uma poça no chão da cozinha. O Kevin enxugara o óleo com um dos panos do Mike, que lavou e passou a ferro de imediato, antes de o devolver à gaveta "de cerimónia".

O Mike informou-o então de que tinha observado tudo como um falcão e avisou o irmão de que, se alguma vez voltasse a fazer uma porcaria daquelas, lhe daria uma bofetada na orelha!

Isto deixou o Kevin sem fala, porque esse episódio ocorrera muito depois do funeral e ninguém sabia dele a não ser ele próprio. E, no entanto, o Mike não só tinha visto tudo acontecer, como ainda lhe estava a dar "um empurrãozinho" adicional!

De seguida, o Mike virou-se para a mãe. "Fico tão contente por começares a aceitar o que aconteceu", disse-lhe. "Nunca te permitas lamentar. Quando o fazes, isso deprime-me vitalmente neste mundo. Enviem-nos o vosso amor, enviem-nos a vossa felicidade; isso nós podemos usar ao serviço do nosso Pai.

"Na outra manhã, mesmo depois do nascer do sol, saíste do quarto e foste até ao jardim de robe, e colheste uma única rosa branca, perfeita. Eu estava contigo então e envolvi-te com o meu amor. Mãe, se voltares a ficar deprimida, vai ao jardim e colhe outra flor. Eu estarei contigo outra vez."

O Jasper e o Kevin não sabiam nada disto, pois estavam a dormir quando a Clarice fora ao jardim. Mas, nas semanas seguintes, sempre que a Clarice ia sozinha ao jardim, o Jasper e o Kevin reparavam que, por mais sombria que saísse de casa, regressava mais tarde com os olhos a brilhar e o rosto transformado.

O Mike continuou, para a mãe: "As únicas discussões a sério que tivemos foram quando me obrigaste a estudar metade da noite para aqueles exames! Eu percebo por que o fizeste; mas se soubéssemos o que ia acontecer, não tinha havido necessidade de me bateres com um cabo de vassoura tão grande!"

O Jasper, sendo um homem descontraído, sempre deixara o Mike e o Kevin fazerem as próprias regras na escola, mas a Clarice sabia que o Mike não era particularmente dedicado ao estudo a sério, e fazia questão de lhe manter o nariz na mó.

"Mike, onde estás agora?", perguntou-lhe então o Jasper.

A resposta veio instantaneamente: "Estou rodeado pelo amor e pela paz do nosso Pai, Chud."

"Mas onde estás? Em que mundo estás? Podes dizer-me?"

"Estou num mundo que é, mais ou menos, igual ao vosso, pai; só que aqui em cima há leis diferentes.

"Quando digo leis, não me refiro a leis que governem o comportamento das pessoas aqui. Refiro-me às leis que governam o pensamento."

"Mike, diz-me mais sobre esse mundo. Como é que se chega aí? Onde é que ele existe?"

"Pai, toda a gente chega aqui através dos portões da morte. Tens de rearranjar os teus valores para apreciares as virtudes disto!

"Enquanto ainda estás na terra, determinas o teu próprio futuro neste mundo. Enquanto ainda estás na terra, o teu pensamento — as tuas intenções — tudo o que fazes — dá à tua alma uma certa taxa de vibração. Para efeitos de argumento, suponhamos que a tua alma vibra numa faixa de cinquenta megaciclos. Quando morres e te manifestas aqui, irias diretamente para a parte do nosso mundo que vibra a cinquenta megaciclos. Pelo mesmo princípio, se fores um tipo de pessoa de pensamento lento que só consegue vibrar a quinze megaciclos, então passarás a fazer parte deste mundo na faixa dos quinze megaciclos. Tudo vai depender da tua taxa de vibração, percebes?

"Por isso és tu próprio que escolhes o tipo de paisagem que te vai esperar quando chegares aqui.

"Os planos acima de nós são ainda mais ricos em luz e felicidade. Se eu for para lá (e posso), acho-o demasiado luminoso; a luz dói-me nos olhos. E as vibrações são tão refinadas que eu não consigo responder-lhes! Por isso faço marcha-atrás e volto a este mundo — que me serve muito bem!

"Os planos abaixo deste são planos mais densos, mais escuros. Se eu descer até eles, fica cada vez mais turvo, cada vez mais sinistro, até ser tão assustador que eu fujo de volta para aqui, para onde pertenço!"

"Esses mundos a que te referes, Mike — ?"

"Não tanto mundos, pai, mas planos de existência. Embora aqui tenhamos o sol e o céu e campos e campos de flores lindas, não temos chuva, como vocês a conhecem. Nem há pragas que destruam a beleza das árvores. Elas parecem exatamente iguais às da terra. Com uma grande diferença, no entanto. Aqui são todas perfeitas. Não há ventos fortes que as deformem e torçam. Há apenas brisas suaves. Está sempre agradavelmente morno-fresco, se é que me faço entender.

"A minha maior alegria aqui é a sensação de liberdade perfeita. Podemos ir onde quisermos, quando nos apetecer; este mundo é infinito.

"E, embora toda a gente que encontras neste plano esteja no mesmo estádio de desenvolvimento que tu, cada um continua a ser um individualista à sua maneira, tal como era na vossa terra! Toda a gente tem a sua maneira de ver as coisas e a sua maneira de dizer o que pensa! Quando discutem qualquer coisa aqui, aprendem sempre algo novo, porque o tipo com quem estás a falar tem uma atitude tão original. Como eu disse, o pensamento é todo-poderoso aqui. Por exemplo, se eu quiser ter um Jaguar novinho em folha, tudo o que tenho de fazer é visualizá-lo na minha mente, e ele é criado ali mesmo diante dos meus olhos, a partir da energia mental deste mundo!

"Mas pensaríamos duas vezes antes de fazer isso, porque significa ter de pensar em três dimensões! Se eu visualizar o carro tal como aparece numa revista, é exatamente isso que eu vou obter! Tenho de pensar na largura do carro, no interior do carro, em todos os componentes e em onde cada um deve estar. Mas, pai, no instante em que pensas corretamente, ele está ali! A dificuldade é concentrar-me completamente no carro todo, exatamente tal como ele existe.

"Se estivermos longe uns dos outros e quisermos fazer contacto, a telepatia é o método aceite aqui. Basta-me pensar no tipo com quem quero falar e, pumba!, ele está ali mesmo!"

Nós contactamo-nos uns aos outros com a mesma facilidade com que vocês usam o telefone… só que não precisamos de telefone!

"Se alguém quiser falar contigo, primeiro ouves essa pessoa na tua mente. Se quiseres ir ter com ela, basta exercer a tua vontade e, num instante, estás lá! É preciso habituar-se um bocado, mas dá uma abada à televisão! Vês como tudo é perfeito?

"Este mundo é o certo para mim nesta fase do meu desenvolvimento; mas, à medida que as minhas vibrações se tornam mais refinadas, poderei visitar os planos superiores com facilidade. Um dia, posso até descobrir que um plano superior me assenta melhor do que aquele em que estou. Todos progredimos assim. À medida que crescemos em espírito, ascendemos ao plano seguinte; os dois processos funcionam de mãos dadas.

"Quando queres estudar o direito e aprender como ele funciona, vais ao Salão da Lógica. Há muitos Salões de Conhecimento e Sabedoria aqui. Podes ir a qualquer universidade que escolhas, embora as aulas sejam todas muito informais; discutes o assunto com o professor, cara a cara. Podes ficar o dia inteiro, se quiseres; exceto que isso poderia ser para sempre, porque aqui não temos dia nem noite!

"Podemos viajar de uma ponta a outra deste reino à velocidade do relâmpago. Os nossos corpos nunca se cansam. A doença e a enfermidade não existem aqui. Este é um mundo de perfeição."

Toda esta informação levou algum tempo a ser digerida pelo Jasper, e a sua pergunta seguinte foi: "Mike, se estás seguro no domínio infinito de Deus, onde está o Inferno?"

Isto foi recebido com uma explosão de riso franco.

"Eh pá, pai", respondeu o Mike, "tenho medo de que não exista um sítio desses! O meu Pai é um pai de amor e compaixão. Ele não pode, Ele nunca permitiria que uma das Suas almas sofresse; e o Inferno seria um lugar de sofrimento. Aposto que só existe aí onde vocês estão agora! Amorosamente conservado em aspic pelos santarrões.

"Há uma lei mais realista, em ambos os nossos mundos, que tem tantos dentes como essa! Não tentes identificar o branco antes de aprenderes a identificar o preto — e vice-versa — porque só então saberás o que são o preto e o branco! Foi por isso que vocês, mortais, foram postos na terra em primeiro lugar, pai: para aprenderem por tentativa e erro. Mas como vocês insistem em ir pela letra da lei em vez do espírito da lei, acabam sempre por se tramar! E, no entanto, quantas vezes já viste essa mesma lei em ação, pai, e juraste pela sua infalibilidade?

"Quando nós os dois conversávamos, tu chamavas-lhe a lei do bumerangue. Mas ela não é acionada por causa e efeito materiais; é acionada pela intenção no teu coração.

"Por exemplo, imagina que vais a conduzir depressa demais e uma criança pequena se lança de repente para a estrada e tu atropela-la; pela lei da terra, eras arrastado até à cadeia mais próxima. Mas, segundo a lei divina, o remorso genuíno por teres magoado a criança pode limpar a lousa. Se não quiseste, de sangue-frio, magoá-la, de que é que podes ser castigado?

"Repara, eu não devia usar a palavra 'castigar'; o termo correto é 'justa paga'. Quem deveria compreender isso melhor do que tu? Tu ensinaste-me que 'como semeamos, assim colheremos'! E, do sítio onde estou agora, eu vejo essa lei a operar vinte e quatro horas por dia no vosso 'melhor de todos os mundos possíveis'! A única coisa que me intriga é por que razão os seres humanos ainda persistem em negar a sua existência!

"Não há tribunais aqui, aliás, pai, porque cada uma das nossas leis opera dentro do nosso coração. Até aceitarmos o facto de que todo o pensamento negativo acaba sempre em lágrimas, continuamos a criar o nosso próprio sofrimento. Ias ficar surpreendido com a rapidez com que aprendi que o estado do meu coração reflete o mundo à minha volta! Agora eu apostaria as nossas duas camisas, pai, que o mundo mesmo real, a vida verdadeiramente verdadeira, é aqui onde eu estou. O vosso mundo mortal é mais parecido com um jardim-de-infância, onde tu e os outros malucos se infligem aflições uns aos outros como lição salutar para não o fazerem nos mundos mais sábios que hão de vir!

"O problema básico é que a maioria de vocês, mortais, insiste em existir em vez de viver. Tropeçam nas vossas frustrações até mal conseguirem ir de um lado para o outro. Porque achas que as raças orientais usam o lótus como símbolo de beleza espiritual? O lótus cresce na lama de pântanos estagnados;

mas, de dentro do lodo, ergue-se a flor branca e pura. O homem acaba por aprender a distinguir a beleza e a verdade da miséria e do mal que o rodeiam. E só da aceitação da beleza e da verdade nasce o maravilhoso regresso ao seio do Grande."

O Jasper sentiu no coração que o Mike o ultrapassara na solução do enigma a que chamava vida. Tinha encontrado felicidade no além: não no latim macarrónico da intolerância organizada, na condenação ao Inferno.

Na verdade, o Jasper demorou muito tempo a absorver tudo o que o Mike lhe vinha dizendo.

Obviamente, quando o Jasper e a Clarice tiveram tempo de refletir sobre o encontro com o Mike, sentiram uma necessidade urgente de ajudar a Maureen e o Bill, tal como eles próprios tinham sido ajudados.

Infelizmente, os dois velhos amigos pareceram encarar a notícia com grande ligeireza, e mais tarde o Bill até puxou o Jasper de lado e disse-lhe, com brandura: "Olha, Jasper, não queremos ferir os teus sentimentos. Tu e a Clarice são os melhores amigos que temos. Mas não te esqueças de que vocês os dois perderam o vosso filho mais velho, e podem estar vulneráveis a ideias que normalmente rejeitariam."

Pediu também ao Jasper que não voltasse a levantar o assunto na presença da Moira, pois a ideia de os mortos continuarem a existir num tipo de espetáculo de fantasmas só poderia aumentar o seu desolado sentimento de perda.

O Jasper, um tanto na defensiva, disse ao Bill que ele se estava a privar desnecessariamente de um consolo de que precisava muito, mas prometeu, obedientemente, nunca mais mencionar o assunto.

Algumas semanas depois, porém, enquanto trabalhava num tribunal de comarca, sentiu um impulso avassalador de voltar a falar com a Nina Merrington. Sem se aperceber, estava a tornar-se mais recetivo às vibrações do Mike, que agora se manifestavam como um cálido brilho dourado no seu coração.

Viajou até Sezela assim que pôde e, durante a sessão com a Nina, disse ao Mike que o Bill tinha escolhido não acreditar na sua existência.

O Mike riu-se e respondeu: "Está bem, pai, agora é comigo! Eu trato de lhe mudar as ideias!"

O Jasper, a conduzir para casa mais tarde, teve uma sensação algo superior de que, se ele próprio não conseguira fazer o Bill ganhar juízo, o Mike dificilmente conseguiria fazer mais a partir do seu plano dourado. Mal o pensamento lhe atravessou a mente, soltou uma gargalhada, percebendo a falta de fé em que ele próprio estava a cair. Visto sob essa luz, conseguia muito bem compreender o que o Bill sentia!

Cerca de quatro dias depois, um Bill visivelmente agitado apareceu de repente à porta da casa do Jasper. A Clarice sentou-o, deu-lhe qualquer coisa para o reconfortar e perguntou-lhe o que o tinha perturbado.

"Ontem à noite", começou ele, "a irmã da Maureen veio passar a noite connosco. Percebi que elas teriam muito para dizer uma à outra, por isso disse-lhe que se deitasse com a Maureen e eu dormia no quarto de hóspedes.

"Nessa noite eu estava deitado a ler, quando de repente me apercebi de uma forte agitação no ar à minha volta. Ao princípio pensei que fosse uma tempestade súbita lá fora; soava tão alto como um furacão a atirar-se contra as fundações! Mas o barulho estava ali, dentro do quarto! Só que o fumo do meu cigarro no cinzeiro continuava a subir direito, como se nada o perturbasse.

"Depois um solavanco tremendo pôs-me sentado na cama, e eu vi o Mike a sorrir-me ao fundo, aos pés da cama, como se estivesse vivo e mais natural do que nunca!"

Embora os lábios do Mike não se mexessem, o Bill disse que o ouviu dizer: "Então tu achavas que eu estava a dois metros debaixo da terra, era?"

O Bill ficou a olhar para o Mike durante muito tempo, num silêncio horrorizado. Depois, sem qualquer aviso, o Mike desapareceu e o quarto voltou instantaneamente ao normal.

O Bill ficou tão abalado com aquele encontro inacreditável que esteve acordado o resto da noite. Agora vinha ter com a Clarice e o Jasper para lhes dizer que estava completamente convencido de que o Mike sobrevivera à morte; e, nesse caso, a sua filha devia estar tão "cheia de vida" como o Mike. Ele e a Maureen tinham discutido tudo entre si e agora também queriam conhecer a Nina.

A Nina recebeu-os a todos de braços abertos, perfeitamente disposta, como sempre, a ajudar em tudo.

Mais uma vez cobriu os olhos com o dorso das mãos, e o Bill e a Maureen foram rapidamente postos em contacto com a filha perdida. Depois de a Heather lhes assegurar que a sua morte ocorrera exatamente como o Mike a descrevera, voltou a atenção para o problema de distribuir os seus bens preferidos. Queria que os seus vestidos e livros fossem para as crianças do Sunshine Home, um grande hospital para onde eram enviadas crianças com histórico de tuberculose para recuperarem. Estas crianças costumavam ser levadas a passear regularmente e, quando passavam pela casa do Bill e da Maureen, a Heather muitas vezes ficava na varanda a observá-las com preocupação solidária.

Enquanto conversavam, o Bill chamou de repente: "Olá, Menina Muffet!" A Heather respondeu de imediato: "Olá, Jack Sprat!" O Bill tinha usado uma saudação conhecida apenas pelos dois; agora ficou completamente satisfeito de que só podia estar a falar com a sua menina.

A Heather disse-lhes o que gostaria que fosse feito com o resto dos seus tesouros: as suas amigas receberiam a maior parte dos brinquedos, mas ela especificou que o Sr. Plod deveria ser entregue à mãe.

O Jasper perguntou quem era o Sr. Plod, e a Heather disse-lhe que era um pato de porcelana que lhe tinha sido oferecido pela Maureen e que ela guardava num lugar de honra em cima da toucador.

Depois a Heather voltou-se de novo para a Maureen. "Mamã", disse num tom meigo, "eu quero que a Jessica fique com a minha boneca de trapos, mesmo não sendo das caras. O pai e a mãe dela têm todo o dinheiro do mundo, mas não se amam um ao outro como eu e tu e o pai nos amamos." A Heather mostrava uma habilidade consumada para perceber as circunstâncias que moldavam o carácter dos que lhe eram próximos.

Pediu então que a sua medalha dourada de São Cristóvão — que ficara em casa antes da viagem fatal — fosse usada sempre ao pescoço da mãe. Por fim, tal como o Mike, deu uma valente descompostura aos pais por se terem deixado adoecer com um luto desnecessário. Depois deixou o Mike tomar a palavra, e ele animou-os a todos com a notícia de que tinham libertado a Heather e a si próprio de estarem presos à terra; estariam agora livres para aplicar todas as suas energias no novo plano em que habitavam.

O Mike também pediu ao Jasper que vendesse a sua motocicleta, prometendo que ele próprio aprovaria as credenciais do novo dono. Para

começar, a mota teria de ser bem tratada. Prometeu ainda que ela nunca faria mal a um único cabelo da cabeça do seu novo dono, mas avisou o Jasper (que tinha tendência para querer as coisas quando as queria) de que isso levaria algum tempo e que não adiantaria tentar apressar o processo.

O Mike voltou-se então para o Jasper: "Tu e a Clarice têm andado a pensar em como arranjar um monumento para nós, não têm?", perguntou. "Pois bem, não percam mais o sono com isso. Não vão precisar de penhorar os vales na minha conta-poupança. O avô Vic paga a conta, e o monumento adequado será erguido para mim; um monumento que eu vou ver com grande satisfação." Quando o Jasper lhe pediu que fosse mais explícito, tudo o que ele disse foi: "Vais saber na altura certa."

Quando os cinco fizeram, nessa noite, a longa estrada de regresso a casa, o Jasper e a Clarice, ao olharem para os rostos do Bill e da Maureen, conseguiram ver uma serenidade, uma aceitação e uma tranquilidade que antes não existiam. Falar com a Heather dera-lhes nova coragem e, mais importante, aceitação do facto de que a filha tinha simplesmente avançado para uma nova fase de desenvolvimento, continuando, porém, a ser a mesma Heather exuberante que fora na terra.

Agora, sempre que um espasmo de perda voltava a acordar nos seus corações, era rapidamente posto em fuga pela prova segura e certa da existência continuada de ambas as crianças.

Cada vez mais, o Jasper e o Mike cruzavam-se pela casa. O Mike parecia tão mortal como fora na noite em que aparecera ao Bill. Nessas ocasiões, o Mike limitava-se a ficar de pé e a olhar silenciosamente para o pai; mas a perfeita harmonia que fluía entre ambos era algo que o Jasper precisava de viver para acreditar.

O Mike revelou-se um profeta de primeira. A mota ficou exposta na montra de um grande concessionário durante mais de seis meses. À sua volta, dia após dia, outras motas eram vendidas, mas nunca aquela.

Meses mais tarde, quando o Jasper finalmente perdeu a paciência com o Mike, levou um choque. O Mike disse-lhe que a mota era para ser dada ao Kevin, assim que ele tivesse idade suficiente para tirar a carta.

"Vês, pai", explicou, "finalmente aceitaste a minha morte; agora já podes usar uma atitude lógica. Não podes objetar!" Como era previsível, o Jasper não objetou.

Cerca de seis semanas após a cremação, o Larsen avisou a Clarice e o Jasper de que estava na altura de as cinzas das crianças serem formalmente depositadas e, a uma hora marcada, as duas famílias dirigiram-se ao Columbário para a cerimónia de entrega das cinzas.

O Jasper, a Clarice e o Kevin, os primeiros a chegar, tiveram imediatamente a sensação de que o salão transbordava de pessoas — pessoas que não conseguiam ver nem ouvir, mas que, ainda assim, emanavam amor e compreensão em medida abundante.

A cerimónia, conduzida pelo MacGregor, foi breve e simples e, embora o Jasper achasse que já tinha aprendido a viver com o inevitável, a descida das urnas para o solo foi uma realidade nua e crua que lhe trouxe, com força redobrada, a terrível finalidade do ritual.

Quase no fim da cerimónia, a Clarice começou a tremer da cabeça aos pés. O Jasper segurou-a pelo braço, receando que ela fosse desmaiar. Mas a Clarice continuou a estremecer até o Larsen esconder da vista as duas urnas tão lastimáveis, e o pequeno grupo acabou por se afastar em silêncio, quieto e desconsolado.

Em casa da Mrs. Merrington, a Clarice e o Jasper voltaram a falar com o Mike. Quando começaram a discutir a cerimónia fúnebre, o Mike disse à mãe: "Mãe, aquele tremor súbito que sentiste, éramos a Heather e eu. Eu via que as tensões em ti estavam a subir até um ponto em que ias inevitavelmente colapsar, por isso nós sustentámos-te suavemente nos nossos braços."

O Jasper voltou a maravilhar-se. Nenhum dos outros enlutados reparara que a Clarice estava a tremer. E só depois de lhe ter tomado o braço é que ele percebeu com que violência ela estava a lutar contra o desmaio.

O Glen não era apenas o médico de família; era um velho e íntimo amigo. Desde o primeiro dia da sua prática local, o Jasper e a Clarice tinham sido seus doentes, e crescera entre a família e o médico uma compreensão profunda e enraizada.

O Mike dissera ao Jasper que a Clarice devia ser completamente examinada, porque sentia que a tensão arterial dela estava demasiado alta, mas, ao princípio, a Clarice escolhera ignorar o conselho. Por duas vezes o Mike voltou a levantar o assunto com o Jasper e, por fim, ela concordou, sem entusiasmo, em submeter-se a um exame minucioso feito pelo Glen. Assim que isso foi feito, perguntou ao Glen se havia alguma coisa seriamente

errada. Ele respondeu "não", mas receitou-lhe três tipos diferentes de medicamentos.

Quando a Clarice os trouxe para casa, o Jasper percebeu que havia boas razões para a insistência do Mike.

Passadas seis semanas, ela voltou para nova consulta e, por fim, quando tudo regressou ao normal, o Glen admitiu-lhe que fora obrigado a usar os medicamentos mais fortes para a fazer voltar ao normal.

O Jasper sabia que o médico era um homem realista, de feitio muito conservador; ainda assim, contou-lhe sobre o contacto com o Mike e a Heather. O Glen ouviu com atenção suficiente e depois confessou-se incapaz de compreender, embora aceitasse o facto de o Jasper acreditar no que dizia. Como médico, estava muitas vezes presente no momento da morte, e confessou ao Jasper que esse momento de transição era geralmente precedido por um estado de euforia, um alívio da dor e um deslizar para a paz. Embora não pretendesse avaliar a espiritualidade do que se passava, conseguia acreditar que o Mike tinha sido "erguido" no momento da sua passagem e que não tinha sentido choque nem dor.

Por fim, o médico disse ao Jasper: "Da próxima vez que falares com o Mike, faz-me, por favor, esta pergunta. Penso muitas vezes nisso e nunca consegui obter uma resposta satisfatória. Trato de muitas pessoas nas suas últimas horas e tenho sido obrigado a prolongar-lhes a vida o máximo possível usando a minha competência profissional. Pergunto-me repetidamente — é correto prolongar a vida dos idosos que estão cansados e só querem morrer? Quando uso todos os truques à minha disposição, consigo prolongar-lhes a vida talvez cinco ou seis dias. Isto é humano?"

Na sessão seguinte, o Jasper transmitiu o pedido ao Mike, que respondeu de imediato:

"Pai, a passagem do vosso mundo para o nosso só pode ser feita com o consentimento da pessoa que passa.

"Duas das forças usadas para criar um ser humano são a alma imortal e a personalidade consciente. A segunda é um direito de nascimento da pessoa em causa e, enquanto ela vive, a sua palavra é lei. Tem de dar o seu consentimento antes de poder viajar para qualquer outro mundo.

"Um médico pode pensar que está a prolongar a vida do doente, mas não está. O que ele está a fazer é esperar que o doente dê o consentimento necessário para a sua própria libertação. Acredita em mim, pai: nenhum médico consegue manter uma pessoa viva por mais tempo do que a vontade do Grande determinou!"

Isto explicou ao Jasper por que razão, em tantos casos, pessoas idosas podiam cair em coma, por vezes durante semanas, antes de finalmente partirem. Mesmo que o corpo já não tivesse necessidade de vida, a alma talvez ainda não estivesse pronta para pôr em movimento os procedimentos complexos da encarnação. O Jasper começava a habituar-se à ideia de um Deus que era, ao mesmo tempo, atencioso e infinitamente misericordioso.

Como o Mike fora tão categórico ao dizer que só com o consentimento da pessoa em causa podia a alma passar deste mundo para o seguinte, o Jasper perguntou-lhe então se isso também era verdade em mortes violentas como a dele.

O Mike confirmou: "Oh, sim, pai! A minha morte foi autorizada muito antes do acidente! Para ser exato, na segunda-feira anterior, enquanto eu assistia às corridas em Kyalami, soube de repente que a minha vida estava a chegar ao fim, embora não soubesse o momento exato. Não me arrependi, porque também tinha consciência do espanto, do amor e da beleza do mundo que me esperava.

"A Heather também sabia. Tinha plena consciência de que o tempo estava perto. Este é um mundo tão maravilhoso, pai. Gostava de conseguir descrever a beleza infinita que nos rodeia."

Bastava ao Jasper refletir a alegria que o Mike irradiava para saber que ele dizia a verdade.

A mente do Glen ficou muito mais tranquila quando soube que os seus esforços para prolongar a vida não eram contrários à natureza, não eram cruéis, como os familiares dos doentes tantas vezes insistiam. Saber que cumpria uma função simultaneamente humana e lógica tornou-o um homem muito mais feliz.

O Jasper concluiu, mais uma vez, que o Mike ajudara onde a ajuda era mais necessária, para a fonte que lha pedira.

Por causa do número crescente de sessões com o Mike, vários membros da grande família de irmãos e irmãs da Clarice tinham, inevitavelmente, sido postos ao corrente; particularmente a Rose e o marido, Michael, que já tinham sido de tanto conforto e apoio ao Jasper e à Clarice.

O Mike, que aprovava calorosamente a ajuda generosa deles, disse um dia ao Jasper: "A tia Rose desenvolveu uma perda de sensibilidade nas pontas dos dedos, e o médico dela em Durban diagnosticou isso como doença de Raynaud. Quero que lhe digas que ele está completamente enganado. O adormecimento dos dedos vem de problemas na circulação; mas muitos outros médicos locais são capazes de o diagnosticar corretamente. Um deles, de facto, vai curá-lo."

Quando o Jasper a contactou, a Rose admitiu que o Mike tinha razão. Ela e o marido estavam perturbados, porque a doença de Raynaud não tinha cura: apenas progredia até resultar na morte.

O Jasper sugeriu de imediato que ela consultasse o Glen; e, depois de um exame minucioso, o Glen confirmou que o problema estava na parte da circulação acionada pelo sistema nervoso. Receitou um tratamento e, em poucas semanas, a condição começou a dar sinais de melhoria.

O Mike também manifestou preocupação pelo bem-estar do pai da Clarice. O avô Mac aproximava-se dos setenta e três anos e já sofrera dois enfartes graves. A família não conseguira obter um diagnóstico satisfatório do médico dele; este limitava-se a dizer que o coração do idoso estava tão cansado que iria abrandar gradualmente até, por fim, parar por completo.

O Mac fora engenheiro. Antes de se reformar, estivera responsável por uma grande unidade de extração química durante a Segunda Guerra Mundial. Como a produção da fábrica era estrategicamente vital, fora obrigado a permanecer de serviço vinte e quatro horas por dia. Foi esta repetição de longas horas sob stress constante que devastou o coração do idoso.

Na juventude, quando estudava para os exames do Board of Trade no mar, passava junto de um dos grandes motores alternativos do navio exatamente no momento em que uma biela partiu, abrindo-lhe um golpe profundo ao longo da coluna. Ficou acamado durante um ano, submetendo-se a uma interminável série de operações às costas.

Ele revelou-se difícil de anestesiar, pelo que, quando chegou a altura da segunda operação, o anestesista disse: «Bem, da última vez demorou tempo

suficiente a adormecê-lo; deve ser forte como um boi. Desta vez vou certificar-me!» Administrou então tal sobredosagem de clorofórmio que foi necessário injetar estricnina diretamente no coração de Mac para o reanimar.

Quando o avançar dos anos obrigou Mac a resignar-se à inevitabilidade da morte, viu-se em território simultaneamente estranho e inexplorado. Ninguém lhe conseguiu explicar que todos, mais cedo ou mais tarde, atravessam o mesmo limiar rumo à eternidade.

Felizmente para todos os envolvidos, a Sra. Merrington encontrava-se em Pietermaritzburg em negócios, e Jasper apressou-se a convidá-la para sua casa. Garantiu que estivessem presentes não só o Avô e a Avó Mac, mas também o Avô e a Avó Vic.

Mike manifestou-se de forma clara e audível, dirigindo-se de imediato ao seu querido avô. Descreveu como a própria mãe do Avô Mac estava com ele no mundo do espírito e como se encontrava satisfeita. Prometeu igualmente ao Avô Mac que descreveria todo o processo da morte a Jasper, para que este pudesse explicá-lo a Mac com toda a calma.

Jasper passou, como era devido, longas horas com o Avô Mac, com o resultado de que o velho acabou por encontrar um caminho claro e traçado que podia seguir. Já não temia enfrentar o chamado ceifeiro sinistro, agora que sabia o que ia acontecer, como aconteceria e qual seria o seu papel nesse processo.

Um enorme fardo foi retirado dos ombros de Mac. Jasper tinha boas razões para refletir sobre as virtudes contidas nos conselhos deste seu filho de ouro, este Mike Dourado!

Chegou o momento em que o Avô Mac sofreu outro ataque cardíaco e teve de ser levado de urgência para o hospital. Ali tornou-se rapidamente evidente que a sua partida era apenas uma questão de horas.

Numa sexta-feira à noite, Mike manifestou-se e avisou suavemente a sua mãe de que a hora da partida estava iminente; e prometeu estar com Mac durante a transição.

Na manhã seguinte, bem cedo, Mac saiu do coma, fixou Jasper com os seus olhos azuis e disse: «O Mike está aqui comigo.»

«Foi isso que estiveste a sonhar, Avô?», perguntou Jasper.

«Não! Não é um sonho! Ele está aqui!»

Três horas depois, tranquila e serenamente, Mac afastou-se da terra dos vivos — e, ao fazê-lo, os seus lábios moviam-se.

«Valha-me Deus, Pai», disse Mike uma semana depois, «o Avô estava a fazer perguntas quando o fomos buscar aqui, e ainda não parou de as fazer!»

«Mike», disse Jasper, durante uma sessão com Nina, «penso que estou a obter uma imagem muito mais clara das leis que operam no teu mundo. Mas podes contar-me um pouco mais sobre ti?»

«Bem, Pai, há uma grande diferença entre o eu que vive neste mundo e o eu que viveu no teu mundo! O meu corpo não precisa de comida nem de bebida para se manter; nem precisa de sono para se restaurar.

«Quando se chega aqui pela primeira vez, no entanto, as rotinas de comer, beber e dormir estão demasiado firmemente estabelecidas para serem eliminadas de uma só vez. Por isso, se pensas que precisas de dormir, deitas-te num sofá numa das casas e dormes pelo tempo que quiseres. Se pensas que precisas de comer, então comes até te saciares. Não existem órgãos excretores nos nossos corpos. Por exemplo, quando bebo um copo de água, ela simplesmente se difunde por todo o meu sistema, e pronto! Por outras palavras, é convertida em energia. Se vejo uma bela macieira com maçãs vermelhas e brilhantes, posso estender a mão, colher uma e engoli-la — tudo o que faz é dar-me uma sensação vibrante de satisfação!

«Temos centenas de árvores que dão fruto, e o fruto nunca cai nem apodrece. Mantém-se firme e fresco. Quando ocasionalmente nos sentimos deprimidos — e sentimo-nos, Pai; quando as pessoas que deixámos para trás estão a sofrer por nós de forma demasiado intensa, isso deprime-nos aqui em cima! — a melhor maneira de nos animarmos é sair a passear e apanhar uma maçã ou uma pera, ou qualquer outro fruto que nos apeteça. Tem o efeito de recarregar as nossas baterias.»

«Que tipo de roupa usas, Mike?»

«Qualquer coisa que escolhamos. É simplesmente uma questão de nos concentrarmos num determinado corte de tecido e, presto! estamos a usá-lo!

«Há uma túnica que nunca tentaríamos alterar: a nossa túnica espiritual. Quando temos reuniões públicas aqui, ou quando visitamos um dos irmãos mais elevados nos salões de sabedoria e aprendizagem, simplesmente descartamos a nossa moda pessoal do momento e as nossas túnicas

espirituais aparecem de imediato. Caem em pregas clássicas e apresentam todo um espetro de cores luminosas. Nunca podemos mudar a cor nem alterar a forma de uma túnica, porque a sua função é refletir a verdadeira condição do nosso espírito.

«Suponhamos que, na Terra, eu tivesse sido um homem de temperamento violento. A minha túnica aqui teria manchas de cinzento escuro e turvo; ou vermelho sujo entremeado de cinzento. Isso proclama a todos e a cada um que está mais do que na altura de o portador começar a livrar-se dessas imperfeições.

«A maioria de nós aqui usa a sua indumentária espiritual a maior parte do tempo; quando combinamos isso com o nosso dom da telepatia, é praticamente impossível alguém manter uma fachada falsa e esperar escapar impune! Mal pensei alguma coisa, a pessoa com quem estou a falar ouve-a. Sabe exatamente o que me move!

«Como aqui não existe pó nem sujidade, não temos razão para lavar a roupa. Nem precisamos de lavandarias a seco. Quando sentimos que as nossas roupas não têm o brilho que gostaríamos que tivessem, exercitamos a mente e as roupas brilham tanto quanto merecemos.

«Divertimo-nos imenso com os adolescentes que acabam de chegar aqui. Especialmente as raparigas, quando ainda pensam que são o máximo. Oh, Pai, rir-te-ias ao vê-las a pavonearem-se como se estivessem numa loja de departamentos, a trocar um conjunto de trapos vistosos por outro, e depois a recomeçar do zero e a imaginar algo ainda mais estranho e maravilhoso! Que aparece prontamente, tão real quanto a vida e duas vezes mais natural! Passam horas assim, a divertir-se à grande!»

Jasper ficou fascinado com a ideia de o pensamento se manifestar como matéria e pediu a Mike que elaborasse mais.

«Bem», disse Mike, feliz por satisfazer o pedido, «o nosso Pai é o criador de todo este magnífico cosmos e das suas incontáveis galáxias. As galáxias são compostas por sistemas universais, milhões e milhões em número. Nós somos filhos desse mesmo Pai — acredita em mim, somos mesmo! — e também nós, como Ele, temos um dia de nos tornar criadores, razão pela qual nos é permitido praticar quando e como quisermos.

«Este plano onde existo agora, tal como todos os planos próximos, é infinito em conceito. Nunca precisamos de empurrar os outros para fora do

caminho para agarrar o melhor lugar na fila. Alguns de nós gostam de viver em comunidades, outros preferem viver em casas de campo nas colinas ondulantes, ou até sozinhos nas florestas. Somos livres de escolher onde gostaríamos de viver e com quem gostaríamos de viver.

«O nosso lugar específico na criação distingue-se pela forma como reflete a lei da retribuição. Quando desço aos nossos planos inferiores, vejo pessoas a envolverem-se nas mais idiotas extravagâncias. Por exemplo, vi um sujeito rodeado por montes e montes de ouro; estava literalmente enterrado nele! E, no entanto, continuava a contar ciosamente cada moeda. Nem sequer fez uma pausa para olhar para mim quando o cumprimentei; limitou-se a grunhir e continuou a contar. Pensei que aquele avarento estava louco por ficar ali a contar o seu dinheiro como se ainda pudesse comprar riqueza e importância com ele. Por isso perguntei a um dos irmãos mais velhos sobre ele, porque estão sempre acessíveis quando recorremos a eles com um problema que nos deixa perplexos. O irmão explicou que, na Terra, aquele sujeito tinha sido um avarento genuíno. Todas as noites, quando todas as portas estavam trancadas e as cortinas corridas, costumava tirar o seu ouro e contá-lo até ficar vesgo de fadiga.

«Quando fez a passagem, era ainda o mesmo homem que fora na Terra, claro, e ficou com tantas saudades do ouro que deixara para trás que, finalmente, montes dele apareceram à sua volta! O pensamento tornara-se realidade; como sempre acontece neste plano. Bem, ali estava o ouro; por isso sentou-se a contá-lo como nunca o fizera antes! Depois descobriu que, apenas pensando, podia transformá-lo no dobro do tamanho que tinha antes.

Deve ter estado ali sentado durante mais de trinta anos do tempo da Terra, apenas a multiplicar a sua riqueza. E ficará perfeitamente satisfeito a fazer exatamente isso — até que, finalmente, se aperceba de que o ouro lhe é totalmente inútil aqui. Não temos riqueza nem pobreza aqui. E assim acabará por lhe ocorrer que tem estado a desperdiçar o seu tempo. E ninguém lamentará isso mais do que o próprio pobre homem!

«E havia este outro sujeito que fora um bêbedo durante toda a sua vida terrena; quando fez a passagem para aqui, começou com um desejo furioso de beber uma caixa inteira de bom brandy. E eis que uma caixa de brandy apareceu mesmo diante do seu nariz! Forçou a tampa, agarrou a garrafa mais próxima pelo gargalo e bebeu-a de um trago. Sabia exatamente como sabia

na Terra; mas aqui está o senão, Pai: não conseguia ficar bêbedo! Vês, para ficar bêbedo, teria de imaginar-se bêbedo!

Mas como a sua mente estava agora una com o seu criador, recusava-se a embriagar-se a si própria! A bebida fora apenas um álibi na Terra; um expediente para evitar enfrentar a realidade; por isso, quando bebeu para evitar enfrentar a realidade aqui, percebeu finalmente que, por mais álcool que despejasse pela goela abaixo, continuava completamente sóbrio!

«Que castigo pior poderia recair sobre um avarento ou um bêbedo que tivesse abusado dos frutos da Terra? Mas a beleza está no facto de terem sido eles próprios a determinar os seus castigos. Não existe aqui um Grande Juiz a presidir sobre nós, distribuindo pão seco e água e confinamento solitário! Quando uma nova alma chega até nós, não há um Confessor vingativo que diga: "Foste bom, vai para o Céu!" ou: "Foste mau, vai para o Inferno!" e depois te atire para o poço de fogo de qualquer maneira!

«Repito-te que o nosso Pai é de amor e compaixão infinitos. Qualquer castigo desencadeado no vosso mundo, mas que tem de ser resolvido no nosso, é pago exclusivamente pelo próprio transgressor.

«A conservação de energia é uma lei primordial aqui. Isso significa, na verdade, moderação. Aprendemos a ser moderados em todas as coisas. O avarento permitiu que o seu sentido de equilíbrio se virasse do avesso porque cobiçava ouro e nada mais do que ouro. O bêbedo tinha tanto medo de enfrentar a vida que se embriagava até à insensibilidade, em vez de usar o álcool como um estimulante razoável no final de um dia de trabalho árduo.»

Jasper perguntou a Mike como ocupava o seu tempo no Mundo Dourado, tendo em conta que, na sua vida terrena, ambicionara a arquitetura. A arquitetura entrava de algum modo no quadro?

«Podes apostar as tuas botas!», respondeu Mike. «Quando alguém atinge esta fase do seu desenvolvimento, é inevitável que aplique o seu sentido crítico ao tipo de lugar onde quer viver. Assim que cheguei aqui, o Tio Mark mostrou-me os pontos de interesse. As pessoas que praticaram arquitetura na Terra porque amavam a profissão, como ele, procuram inevitavelmente os seus semelhantes e colocam o letreiro de "negócio como sempre" aqui.»

«Quando um rapaz novo como eu está pronto para procurar uma casa própria, "faz o seu número" junto destes arquitetos, e sentamo-nos todos a discutir que tipo de casa me conviria melhor.

«Lembra-te de que nunca temos chuva nem mau tempo, por isso não há problemas de desgaste. Aliás, não há sequer necessidade de casa nenhuma! Mas, se quiseres uma casa, vais escolhendo até decidires gradualmente por esta ou aquela casa com tantas divisões. Se quiseres dez mil divisões, podes tê-las, embora pareça um pouco desnecessário. Seria um enorme elefante branco ecoante, caso não tivesses contado com isso!

«De qualquer modo, assim que decides o tipo de casa que queres, procuras o local perfeito. Há vales, montanhas, rios, até oceanos no nosso mundo; por isso começas a deslocar-te a cerca de cento e cinquenta pés acima do solo, a uma velocidade razoável, digamos duzentas milhas por hora — até encontrares o sítio que te agrade.

«Eu queria que a minha ficasse perto de uma comunidade afim, e vi exatamente o que o médico receitou. Estava situada numa encosta suave, protegida por belas árvores e relva verde e macia. A relva cresce até cerca de três polegadas de altura aqui, e é maravilhosamente suave para caminhar. Nunca precisa de ser cortada; nunca murcha; mantém-se sempre neste belo verde-esmeralda.

«Depois de escolher o meu terreno, o Mark chamou os arquitetos. Sentaram-se e visualizaram, nas suas mentes, o tipo de casa que melhor me conviria. Depois chegaram os construtores. Eram três, e sentaram-se mesmo ao lado dos arquitetos.

«Um minuto depois, ali mesmo no lote que eu tinha escolhido, começaram a surgir os contornos cintilantes da minha casa! Depois todos olharam para mim, e o Mark disse: "Então, Mike? É mais ou menos isto que tinhas em mente?"

«Não te consigo descrever como foi emocionante sentir-me um proprietário legítimo! Gritei de volta: "Claro que é!" e, de imediato, a estrutura transparente começou a adquirir forma sólida. Em vinte minutos, ali estava a minha casa!

«É perfeita em todos os pormenores, Pai! De uma maneira ou de outra, as várias pessoas tinham lido a minha mente; todos os truques da profissão

que eu alguma vez invejara à distância foram incorporados nesta minha casa novinha em folha.

«Tomei posse nessa mesma hora e enviei convites mentais a todos os meus amigos para a inauguração da casa. Num instante estavam todos presentes em pessoa, e eu recebi cada um à minha própria porta! O primeiro ponto da ordem de trabalhos foi pedir a um dos anciãos que se juntasse a nós. Sentámo-nos à volta dele em círculo e transmitimos a nossa gratidão e alegria ao Grande Ser. Depois disso, tivemos um concerto pop! Sim, Pai! Usámos todo o tipo de música — sabes como eu gostava de rock and roll na Terra — pois bem, em pouco tempo tínhamos uma orquestra completa em plena atuação, e estivemos à altura! Foi uma inauguração fantástica!

«Tornou-se rapidamente evidente que a casa não era suficientemente grande para nos conter a todos, por isso enviei um S.O.S. aos arquitetos originais. E assim que pusemos todos as nossas cabeças a trabalhar numa sessão de sentar e pensar, eis que a casa aumentou exatamente até à capacidade de que precisávamos!

«Acredita em mim, Pai, esta partilha universal de tudo tem de ser vista para se acreditar. Não há inveja, não há ganância; não há "tu tens mais do que eu", porque no momento em que queres alguma coisa, ela está lá!

«Lembras-te de como eu adorava andar apenas de T-shirt e calções quando era criança? Pois bem, sempre que preciso de sentir a chuva refrescante a bater-me no rosto e o vento a clarear-me a cabeça, vou para um campo aberto, penso — e depois desfruto da minha própria trovoada privada! Não interfere com mais ninguém; tenho o cuidado de que não interfira; fazemos questão de viver e deixar viver neste plano!

«A chuva forma pequenas poças enquanto caminho; contudo, quando me viro e olho para trás, não há sinal delas — apenas a habitual relva verde e comprida. Leva algum tempo a habituarmo-nos ao facto de que a mente é um instrumento criador!

«Usei a palavra errada», acrescentou, refletindo. «Não instrumento de combate. "Instrumento" é uma forma muito mais adequada de o dizer.»

«Mas, Mike», perguntou Jasper, «o que vos é permitido fazer se algum dos vossos vizinhos se revelar pouco bondoso ou pouco atencioso?»

«Isso não poderia acontecer aqui. Estamos todos no mesmo estádio de desenvolvimento. Se algum de nós perturbasse a harmonia, mesmo sem intenção, um dos anciãos apareceria prontamente e encaminhá-lo-ia de volta à linha. Por vezes até os melhores de nós cometem deslizes, claro. É então que os anciãos nos apontam o erro dos nossos caminhos, e corrigimo-nos de imediato.

«É tão sereno aqui que ficamos imediatamente arrependidos por termos sido o "fora do tom", e o arrependimento corrige de imediato o erro.

«Ninguém é alguma vez punido neste mundo. Um homem pune-se a si próprio se tiver quebrado as regras da vida feliz.»

Quando Mike avisou que um dos irmãos de Clarice, Rich, estava a levar-se a tal estado de tensão que em breve caminharia diretamente para uma úlcera, Clarice e Jasper contactaram-no de imediato e transmitiram-lhe o que Mike dissera.

Rich, que estava quase prestes a sofrer um clássico ataque de neurose de ansiedade, deu subitamente uma reviravolta completa e começou a reconhecer os problemas que estava a criar ao seu próprio corpo. Assim que voltou a alinhar o seu organismo devidamente, a úlcera ainda incipiente começou a cicatrizar, e ele acabou por se tornar um indivíduo muito mais calmo e filosófico.

Outro dos irmãos de Clarice, Jim, alcançara uma posição de autoridade no mundo do jornalismo; mas lidar com as fraquezas da sociedade local gerara nele um desencanto com a humanidade no seu todo.

Mike aconselhou Clarice assim: «Mãe, quero que lhe digas que esta amargura pode acabar numa operação grave às pedras na vesícula. Se conseguires persuadi-lo a fazer um curso de atualização nas humanidades, ele rapidamente voltará à forma. Que reaprenda algumas das verdades básicas, e as suas agressividades perderão intensidade.»

Quando lhe transmitiram isto, Jim adotou as suas habituais táticas defensivas; mas a sua mulher, Joan, confidenciou a Clarice que ele tinha problemas com a vesícula há anos, e sentia que o conselho de Mike era exato e urgente.

Jasper percebeu que Jim tinha agora de enfrentar o caos que o seu exterior duro criara para si antes que a sua saúde colapsasse sob esse peso

morto. Sabia que ele não faria qualquer exame de consciência até depois de o céu lhe cair em cima; era vital que superasse o seu cinismo comprado feito, não só por sua causa mas por causa de toda a sua família.

Da próxima vez que os dois cunhados andavam cautelosamente à volta do problema, um raio dourado de luz penetrou subitamente na mente de Jasper, revelando o amor profundo e inarticulado que residia no coração de Jim pelo seu semelhante; um coração tão compassivo que o sofrimento que lhe causava era quase insuportável.

Nunca mais Jasper o provocou para testar as suas defesas; pelo contrário, envolveu-se em demasia, como se a culpa fosse sua e tivesse de restaurar pessoalmente Jim a um estado de graça. Tanto assim que Mike logo o aconselhou em tom de brincadeira: «Ainda te hei de ver no púlpito de uma igreja, a discursar a uma congregação cativa! Realmente, Jasper, talvez devesses tornar-te pregador revivalista, para incutires um verdadeiro medo da morte no teu rebanho crédulo!»

Jasper desatou a rir às gargalhadas, pois nada poderia estar mais longe do seu pensamento do que algo tão hipócrita, e o assunto pareceu ficar por ali, por enquanto. Mas, depois de terem discutido exaustivamente o problema de Jim, Mike regressou ao tema anterior num tom mais sério.

«Pai, muito em breve ser-te-á pedido que te dirijas a uma reunião convencional de igreja», começou. «Quero que aceites o convite; e não quero que prepares nenhum texto — tentarei inspirar-te quando chegar o momento oportuno. Tens fé suficiente em mim? Sabes como fiz com o MacGregor? — Posso fazer o mesmo contigo.»

Jasper estava longe de se sentir agradado com esta inesperada mudança de rumo. Protestou que seria demasiado embaraçoso aparecer diante de um grande rebanho apenas para ficar sem palavras no momento mais crítico por não ter preparado nada para dizer! Afinal, era um advogado ortodoxo com uma prática local responsável.

«Está bem, Pai», disse Mike alegremente. «Se isso te deixar mais descansado, pousarei uma mão gelada na tua nuca mesmo quando começares a falar! Mas, falando a sério, Pai, quando enfrentares a congregação, um irmão mais velho fará sentir a sua presença colocando uma cruz dourada ao teu pescoço. Quando a sentires a pressionar o teu peito, saberás que estamos lá em força para te inspirar.» Jasper quis imediatamente

saber quem compunha esse "nós", e Mike respondeu: «Ora, a Heather e eu, claro!»

Nada mais se disse sobre o assunto até cerca de quatro semanas depois, quando uma mulher pequena e de semblante agradável entrou no escritório de Jasper, sentou-se à sua frente e anunciou: «Sr. Swain, tem de nos ajudar! Convidámos um orador para se dirigir à nossa congregação no domingo. Ontem ele colapsou e hoje está no hospital com um enfarte. Por isso queremos que seja o senhor a dirigir-se à nossa congregação!»

Jasper, completamente desconcertado, respondeu de imediato: «Eu? Estou demasiado corrompido pelo mundo para ser pastor! Veio falar com a pessoa errada!»

«Não, não vim», insistiu a senhora. «É o senhor quem vai vir falar connosco!»

Jasper explicou então que não podia corresponder ao pedido naquele fim de semana em particular, porque estaria em Joanesburgo. Mas o agora familiar raio dourado de luz iluminou-lhe a mente, e a voz de Mike ecoou-lhe nos ouvidos: «Promete que vais, Pai!»

Jasper teve a decência de dispensar mais álibis e fingiu consultar a agenda. Depois, embora ainda relutante, concordou em satisfazer a boa senhora.

Quando ela lhe perguntou que assunto preferiria abordar, o raio de luz voltou a penetrar-lhe na mente e as palavras **Sobrevivência depois da Morte** vieram-lhe a ecoar na cabeça.

Com calma, disse: «Sobrevivência depois da morte.» A velhinha expressou a sua aprovação e retirou-se, e Jasper passou a fazer uma imitação muito convincente de um homem a dar pontapés em si próprio pela sala.

Embora o seu trabalho o obrigasse a falar nos tribunais todos os dias da sua vida, Jasper sentia que um juiz de peruca num tribunal e uma grande congregação numa igreja eram peixes de espécies inteiramente distintas! Ainda assim, foi para casa e anunciou a Clarice e a Kevin que aceitara dirigir-se a uma congregação. Com uma alegria e deleite nada modestos, Clarice e Kevin expressaram a firme intenção de o acompanhar.

Para maior vexame de Jasper, a imprensa local, no dia seguinte, anunciou oficialmente a sua estreia.

A sorte estava lançada; o Rubicão teria de ser atravessado!

Jasper sentia que fora metido na maior humilhação da sua vida, e não havia saída; por isso contentou-se em apoiar-se fortemente na garantia de Mike de que não seria necessária qualquer preparação. De vez em quando, porém, a sua mente derivava para o tema daquela palestra, e ele imaginava-se de pé no púlpito, a olhar para os olhos de uma vasta congregação, sem saber o que dizer!

Quando a família Swain chegou, como era devido, à igreja, esta já estava bastante cheia. Por fim chegou o momento em que Jasper teve de subir ao púlpito e proferir a alocução.

Ao tomar o seu lugar, sentiu de repente uma mão gelada na nuca, e todo o seu corpo estremeceu com o frio do seu toque.

Jasper deu por si a pensar instintivamente: «Oh, graças a Deus! Isso mostra que o Mike anda por aqui! Não vou ser abandonado no último minuto!» Ficou a olhar para a congregação, e uma terrível pressão fez-se sentir no seu peito. Pensou: «Ah, esta é a cruz de que o Mike me falou!»

Durante a hora seguinte, para sua total surpresa, Jasper falou fluentemente sobre a morte e a transferência da alma para o mundo do espírito. Lembrava-se de estar a falar, estava consciente da atenção cativa na igreja e, dentro de si, foi crescendo um desejo envolvente de consolar aquelas pessoas, de as convencer de que, de facto, não existe morte; portanto, não há razão para temer esta translação perfeitamente natural, este renascimento, no infinito mundo de luz.

Quando terminou, recolheu à sacristia; dali voltou a entrar na igreja pela parte de trás e sentou-se ao lado de Clarice e Kevin. Foi recompensado pela profunda aprovação que viu nos olhos da sua mulher e do seu filho. Agora, por fim, sentia que tinha contribuído com alguma coisa, por pequena que fosse, para ajudar o seu semelhante.

Jasper compreendeu então a forma como os oradores públicos prendem a mente dos seus auditórios. Isso fê-lo ganhar juízo; e tornou-o um homem muito mais sábio e compreensivo. E não pôde deixar de sorrir quando pensou que, do raio oblíquo de luz que esperava ter atingido o coração dos seus ouvintes, fora ele próprio quem recebera a maior, a mais maravilhosa iluminação.

Na congregação dessa noite estava uma jovem de vinte anos chamada Dene, que estivera noiva de um piloto. O dia em que Mike e Heather foram cremados tinha sido o dia em que Dene se deveria ter casado; mas, um mês antes, o seu noivo pilotava um grupo de homens de negócios para um projeto de desenvolvimento no norte de Natal. Enquanto voavam baixo sobre a ondulação das colinas, como instruído pelos engenheiros, uma linha de alta tensão surgiu subitamente à frente do avião. Essa linha, tendo sido instalada apenas alguns meses antes, não estava assinalada nas cartas aeronáuticas. O avião explodiu num clarão ofuscante, e o corpo do piloto foi encontrado muitas horas depois numa ravina próxima.

MacGregor conhecia Dene e o seu noivo extremamente bem; fora ele quem fora convidado a celebrar o casamento. Agora era chamado a amparar Dene na sua terrível hora de provação.

Dene recusava-se a aceitar a morte do noivo. Ele fora um homem vibrante, cheio de vitalidade, transbordante de saudável exuberância. Fora-lhe arrebatado em circunstâncias tão trágicas que ela se recolhera sob um manto de indiferença silenciosa até ouvir falar da morte de Mike e Heather. Então o seu coração abriu-se para os pais enlutados que nunca conhecera e, ao dar-lhes amor e simpatia, a vida começou a regressar ao seu próprio coração. Quando soube que Jasper iria dirigir-se à igreja e percebeu o tema — **Sobrevivência depois da Morte** — entendeu que era um assunto que ele, em especial, compreenderia.

Ao ouvi-lo naquele domingo, percebeu de imediato que ele não falava por teoria. Nem andava a brandir a Bíblia; limitava-se a contar-lhes o que lhe acontecera e contava-o com simples honestidade. Ouviu-o embevecida, começou lentamente a compreender e, pela primeira vez, a aceitar aquilo que Jasper aceitara: o conhecimento seguro de que o seu jovem amado ainda existia, o conhecimento de que não há morte. Lentamente, um enorme peso lhe foi levantado de cima. Jasper veio mais tarde a saber pela família dela que, a partir daquela noite, Dene começou o caminho de regresso a uma existência normal.

Ficou profundamente grato por ouvir isto, pois sentia que, mesmo que ela tivesse sido a única convertida na congregação, o esforço de Mike certamente não teria sido em vão.

Durante semanas depois, foi abordado por membros da igreja que queriam saber mais sobre a existência do mundo da alma.

Jasper, sem pretender ser perito em tais assuntos, limitava-se a dizer-lhes aquilo por que ele próprio passara. Mas isso era prova suficiente de que a morte não passa de um renascimento, pois ele perdera o medo de morrer.

Da próxima vez que falou com Mike, o filho estava radiante. Tinham alcançado muito mais do que qualquer um deles esperara — o chefe da sua fraternidade ficara encantado quando os resultados se revelaram maiores do que os anciãos tinham antecipado.

Mike disse que era agora altura de voltar a levantar a questão de MacGregor. Instou Jasper a convidá-lo para jantar. «Ele chegou a um impasse nas suas relações com a Igreja», explicou. «Vais ter de o sentar e meter-lhe algum bom senso na cabeça! E, Pai, não percas a calma se me ouvires a soprar-te as deixas das coxias!»

Jasper, confiante agora de que podia ser considerado um formidável porta-voz do filho, prometeu não "perder a calma".

Mike sempre idolatrara MacGregor; agora podia retribuir ao velho mentor, "em pessoa", por assim dizer, a força moral e a coragem que dera às duas famílias enlutadas.

Além disso, Clarice e Jasper sempre quiseram recompensar MacGregor por ter sido um amigo tão firme, pelo que Jasper fez algumas indagações discretas e soube que MacGregor nunca conseguira comprar uma caneta de aparo realmente impressionante. Comprou-se de imediato uma Waterman dourada, para lhe ser oferecida quando viesse jantar.

MacGregor, cheio da sua habitual boa disposição, recebeu devidamente a caneta. O seu rosto foi um estudo de surpresa vazia, depois embaraço, e depois um prazer comoventemente sincero. Nunca procurara qualquer remuneração pelos seus serviços; até recusara aceitar pagamento do agente funerário; mas ficou vencido pelos sentimentos subjacentes ao presente da caneta: o apreço pelo seu trabalho como pastor e o profundo amor de Jasper e Clarice por ele como homem.

Rapidamente se tornou claro que as palavras de Mike eram mais do que verdadeiras. Eles nada sabiam das batalhas e dúvidas pessoais de MacGregor, nem de que o seu coração ficara com uma rapariga no Velho País; mas, depois de o sondarem, MacGregor confessou que estava de licença da Igreja até descobrir, no seu próprio coração e alma, se poderia algum dia tornar-se um

pastor digno do Seu rebanho. Só Deus sabia a agonia que lhe causara tomar essa decisão.

Tinha discutido o assunto com o Bispo, que lhe aconselhara que todos os que assumiam o bem-estar espiritual do seu semelhante atravessavam a mesma batalha; assim, em vez de aceitar a demissão de MacGregor, aconselhara antes uma licença por tempo indeterminado.

Quando o jantar terminou, Clarice desapareceu discretamente, deixando MacGregor e Jasper frente a frente na sala.

Apanhando Jasper de surpresa, MacGregor disse logo em voz baixa: «Jasper, tens uma mensagem para mim do Mike, não tens?»

«O que te levou a essa ideia?», ripostou Jasper.

«Tenho sido um bocadinho psíquico desde miúdo», disse MacGregor, «por isso despacha-te, homem!»

Mike não lhe dera qualquer aviso prévio do conflito que se desenrolava na vida de MacGregor, pelo que Jasper recostou-se e pensou para consigo: «Bem, Mike? É melhor começares a soprar-me as deixas, *tout suite*!»

Quase de imediato, o claro raio dourado iluminou-lhe a mente, mostrando-lhe uma imagem da guerra no coração de MacGregor.

Já sem dúvidas, disse a MacGregor: «Qual é o teu problema mais difícil?» e respondeu de imediato à pergunta ele próprio, de rompante, sem pensar.

Quando acabou de falar, MacGregor fitou-o durante muito tempo e depois disse: «Vês, como mais ninguém jamais viu, esta luta a decorrer dentro de mim. É óbvio que só o Mike te poderia ter contado.

«Nunca senti que fosse suficientemente bom para ser ministro. Ainda não consigo acreditar que, de facto, me tenha tornado um! Em Inglaterra, antes da ordenação, o orientador do retiro disse-me que a Igreja teria de esperar muito tempo se só aceitasse servidores perfeitos. Disse que eu era o "ordenando de livro", querendo desistir antes de ter sido disparado o primeiro tiro!»

Falou agora livremente, e os dois homens poderiam ter passado o resto da noite a esgrimir prós e contras, pois MacGregor, o insondável, por fim desnudava a sua alma a outro ser humano. Jasper ficou atónito ao ouvir a

complexidade dos problemas que o seu convidado enfrentava, mas, juntos, abordaram-nos todos de todos os ângulos concebíveis.

Então, mais uma vez, veio esse súbito raio dourado de luz; e, no olho da mente, Jasper viu a verdadeira natureza do conflito entre MacGregor e a sua Igreja. Mike mostrou-lhe que MacGregor estava a confundir duas batalhas: uma pessoal consigo mesmo e outra com a Igreja. Apontou-lhe aquilo de que MacGregor se esquecera: que servia um Mestre misericordioso. Apesar das fragilidades humanas, devia ocupar-se apenas da Obra em si.

«Sei uma coisa», declarou MacGregor com firmeza. «O Diabo não diria a alguém para avançar com um trabalho para Deus! Vou ao Bispo e retiro a minha demissão!»

«Bem, Pai», disse Mike, «uma vez que acabarás por te juntar a mim deste lado da Grande Divisão, falemos primeiro do processo da morte do teu ponto de vista. Há três maneiras de passar do teu mundo para o nosso. A primeira é vir como eu vim, com a violência de um fim abrupto. A segunda é vir como resultado do colapso do corpo; por exemplo, por doença ou velhice. A terceira maneira, a maneira lógica, é vir até nós com plena e consciente compreensão de por que razão isso está a acontecer.»

«Agora eu sei que essa terceira maneira fez soar uma campainha na tua mente, por isso vamos discuti-la aqui e agora.

«Para começar, a alma que habita o teu corpo funciona como um sistema de impulsos elétricos. A maioria das pessoas chama-lhe o corpo etérico. O Novo Testamento concorda que a personalidade humana sobrevive à barreira da morte. O próprio Mestre Jesus revelou o seu corpo etérico aos seus discípulos. Chegou até a mostrar-lhes os buracos dos pregos nas mãos, lembras-te? Por outras palavras, Ele recriou o seu corpo terreno a partir de matéria etérica, a partir dos impulsos elétricos que tinham ativado o corpo de carne e sangue. Sendo um Mestre, estava suficientemente iluminado para o fazer, pois um Mestre tem pleno controlo de todos os níveis de energia na Terra e pode dobrá-los todos à Sua vontade.

«Muitas vezes me maravilho com a Sua humildade quando estava pendurado na cruz, permitindo que o atirassem daquela vida para esta, quando todo o poder do Céu estava ao Seu comando! Com um simples gesto, poderia ter desencadeado poderes desconhecidos do homem! E, no entanto, deixou que lhe fizessem o que quisessem, mesmo quando submeteram o seu

corpo físico a uma tortura indizível. Quando penso no exemplo do Mestre, arrependo-me de não ter estudado os Seus ensinamentos de forma um pouco mais inteligente quando estava na Terra. Só quando se chega aqui é que se percebe como os Seus ensinamentos foram torcidos para servir os fins dos homens; incluindo a Sua atitude perante o processo de morrer. Quando a Bíblia diz: "rompe-se o cordão de prata e quebra-se a taça de ouro", usa uma linguagem precisa e clara. Quando dormes, a tua alma pode viajar até estes planos onde eu existo; mas mantém contacto com o teu corpo mortal por meio de um fino fio luminoso a que a Bíblia chama o Cordão de Prata. Isso ancora a alma ao corpo até que a necessidade de sono tenha sido satisfeita.

«Por vezes, uma recordação da viagem da alma desce por esse cordão de prata até à mente do adormecido sob a forma de um sonho muito vívido. Mas a mente humana é falível, tendo sido condicionada desde a infância a certas crenças estanques, e assim a mensagem transmitida pelo cordão de prata pode tornar-se confusa e incoerente. Por vezes, quando a alma observa o seu próprio corpo na Terra a fazer algo contrário à Vontade Divina, a consciência física açoita-a com pesadelos tão ferozes que o pobre adormecido, apavorado, chama de volta a alma para o corpo. Segue-se um despertar num suor frio de terror.

«Quando a morte chega, o processo é exatamente o mesmo, exceto que, quando a alma se desprende do corpo, o cordão de prata é cortado por completo. Aí começa e termina a mecânica da morte.

«Há, claro, algumas condições menores envolvidas. Em primeiro lugar, nenhuma alma pode fazer a passagem para estes mundos sem ter dado o seu consentimento; e aqui não me refiro a um consentimento consciente, porque a mente consciente é apenas uma pequena extensão da alma. A mente consciente pode supor que a morte se aproxima, mas é a própria alma que tem de dar o seu consentimento antes que o processo possa ocorrer.

«Imagina, Pai, que és um velho com uma fé razoável no teu Criador. Foste um cristão bastante correto ao longo da vida, tentando viver segundo as leis tal como foram estabelecidas pelo Mestre, Jesus. Indiscutivelmente quebraste-as quando a tentação se tornou grande demais, mas sentes, na tua própria mente, que o Grande Ser perdoará as tuas transgressões banais.

«Essa seria a tua primeira falha. Não há julgamento quando fazes a passagem para o nosso mundo. Como já te disse, a tua alma vibra a uma certa frequência; e, quando passa, vibrará aqui a uma frequência semelhante.

«Se tiveste uma vida enganosa na Terra, as vibrações da tua alma serão muito lentas; irás para um plano baixo aqui, no qual os teus semelhantes serão parecidos contigo em mente e em atos. Podes imaginar as lutas internas que existem entre pessoas assim! Encontras a aplicação da lei: "Assim como semeares, assim colherás".

«Mas o ato de morrer, propriamente dito, é tão simples como adormecer depois do almoço. Uma sonolência enche todo o teu corpo de um conforto relaxante. Ainda consegues ver, com os teus olhos terrenos, o quarto à tua volta. Depois reparas que há todo o tipo de pessoas novas de pé à volta da tua cama; pessoas que conheceste outrora; como pais, um tio favorito, um amigo que fez a passagem muitos anos antes: a alegria de os veres de novo distrai-te de tudo o resto. Pegam-te na mão e levantam-te. Isto faz-te invariavelmente olhar para trás, para a cama, e, para tua surpresa, tu — ou a tua carcaça mortal — ainda está deitado ali. Dizes em voz alta: "Mas como posso estar aqui convosco, e ao mesmo tempo ainda estar ali deitado na cama?" Só então percebes que isto é a morte.

«E agora os teus amigos levam-te para o mundo a que passas a pertencer. Ao saírem do quarto contigo, atravessam aquilo que parece ser um nevoeiro ou uma névoa. Não é denso; consegues ver cerca de dois metros à tua frente; e, como conheces e amas as pessoas com quem estás, segue-las de boa vontade. Essa névoa é causada pela dissipação do teu corpo etérico, que serviu de guardião do teu corpo material. O corpo etérico, agora que a morte interveio, abandona o corpo material e procura ligar-se à alma. Mas, à medida que sobes para planos mais rarefeitos, a matéria etérica não consegue acompanhar; por isso forma a névoa que te obscurece a visão durante alguns segundos. Quando sais da névoa, a matéria etérica regressa aos reservatórios universais.

«"O cordão de prata e a taça de ouro" são apenas palavras simbólicas, significando o fim da experiência terrena. A natureza envolve-te num manto de sono; uma pessoa, mesmo que esteja apavorada com a morte, limita-se a adormecer. No seu sono, sonha que ainda está no mesmo quarto; mas, na realidade, está a passar para o nosso Mundo Dourado.

«Acredita em mim, Pai, é dez vezes mais perigoso e desagradável nascer no teu mundo do que deixá-lo! Nascer é um processo doloroso e arriscado; e nenhum de nós o contempla com qualquer grau de prazer. E, no entanto,

vocês, na Terra, têm medo da morte. Eu tinha medo dela quando lá estava; nas poucas vezes em que pensava nisso, que eram muito, muito poucas!

«Agora, vamos tratar da passagem consciente de alguém que está familiarizado com o processo de morte. Há muito poucas pessoas assim no mundo ocidental hoje, porque são, na sua maioria, almas evoluídas que só regressaram à vossa Terra para cumprir uma tarefa específica: provocar um avanço no pensamento, ou incentivar uma determinada filosofia.

Quando chega a altura de voltarem ao seu reino próprio, fazem-no, acredita em mim, com o maior alívio e alegria! Põem em ordem os seus assuntos terrenos e, sem pressas, pedem as bênçãos do Grande Ser. Depois simplesmente se elevam para fora do corpo e vêm diretamente para o plano a que pertencem. Nada poderia ser mais simples ou mais benigno.

«A terceira forma de passagem é como eu fiz. Lembra-te, Pai: embora a minha mente consciente não soubesse que eu estava prestes a regressar aqui, a minha alma sabia. Três dias antes do acidente, eu sabia de alguma maneira, subconscientemente, que a minha vida terrena estava a chegar ao fim. A minha passagem propriamente dita já te descrevi. Tanto eu como a Heather fomos erguidos para fora dos nossos corpos antes da colisão. Não houve dor, nem choque. Este processo é o mesmo em toda e qualquer forma de morte violenta. Se te parece violento do vosso lado, acredita em mim, é apenas do vosso lado; nunca do nosso!

«No caso de uma alma bastante atrasada, colocamo-la num torpor profundo assim que tomamos conta dela. Quando chega a este mundo, acorda no que lhe parece ser uma enfermaria de hospital. A perceção vai-se infiltrando de que está em segurança e a ser bem cuidado; depois, gradualmente, começa a aperceber-se de que não há médicos nem enfermeiros naquele hospital; não há ligaduras nem instrumentos cirúrgicos.

Ele próprio não sente dor; por isso o passo seguinte é sair da cama e começar a explorar, para descobrir que espécie de hospital é aquele. Só então percebe que fez a passagem com sucesso. É maravilhoso ver o seu espanto e alívio quando percebe que está mais vivo do que nunca.

«Leva algum tempo — bastante tempo — para tudo isto se fixar completamente; muitas vezes a sua primeira reação é voltar para a cama por mais um ou dois dias, para se habituar à ideia do que lhe aconteceu!

«Depois um dos anciãos visita-o e responde a todas as perguntas não formuladas na sua mente. Vês, as leis da criação não são tão facilmente compreendidas por estas almas atrasadas como são pelos seus irmãos mais experientes.

«Do mesmo modo, se não houver amor suficiente no coração de um recém-chegado, a sua capacidade de se adaptar a um mundo que funciona pelo amor é igualmente atrasada. O que é bom; porque a primeira coisa que ele faria seria criar armas e depois usá-las para estabelecer poder sobre as outras almas!

«Não que se possam magoar uns aos outros; os seus novos corpos são indestrutíveis; por isso, quando finalmente se apercebem da inutilidade de pegar num cacete e dar com ele na cabeça do vizinho, sentem-se muito injustiçados. Mas acabam por perceber que só ganham vivendo em paz com os seus semelhantes. Gradualmente (e podes ver a ideia a pegar), surgem gestos altruístas e, por fim, a textura da alma purifica-se o suficiente para lhes permitir alcançar um plano mais claro e harmonioso; e, à medida que as coisas se tornam ainda mais claras, também eles avançam para planos ainda mais resolvidos.

«Há uma forma muito tola de vir para aqui. Pelo suicídio. Isto é um ato fútil para todos os envolvidos. Quando alguém, no plano da Terra, se sente tão restringido, tão apertado, tão assustado, que não vê solução — quando, na verdade, já não consegue enfrentar os fardos do dia a dia que todos os outros enfrentam no teu mundo — pensa que cometer suicídio será uma saída fácil e que punirá os seus "opressores" ao mesmo tempo.

«Quando a sua alma chega aqui, é imediatamente colocada num estado de repouso… até que as dissonâncias convulsas do suicídio se dissipem. Depois é imediatamente enviada de volta à Terra para habitar um novo corpo. Mais uma vez se encontra um homem mortal; mas não retém qualquer recordação da sua história anterior.

«Além disso, nesta sua segunda vida, vai ser confrontado com exatamente os mesmos problemas. Se falhar uma segunda vez, o mesmo processo ocorrerá e continuará a ocorrer até aprender a enfrentar os seus problemas em vez de fugir deles.

«Durante todo o processo, estará rodeado pelo amor do Grande Ser e protegido pelos seus irmãos; mas tem de resolver o seu problema sem ajuda

de ninguém. Uma vez que o enfrente e resolva, deixa de haver qualquer perigo de voltar a cometer suicídio. Ao mesmo tempo, está a desenvolver a força de espírito de que precisará quando, por fim, aprender a ser um Criador, como o seu Grande Pai foi antes dele.

«Por isso, se queres um bilhete de ida e volta frustrante até ao nosso mundo e logo de regresso ao teu, Pai, comete suicídio! Não te levará a lado nenhum, e depressa!

«Originalmente, quando as nossas almas pela primeira vez tomaram as formas de homens, continuávamos a ser filhos de Deus: com a Sua sanção divina escolhemos por nós próprios como queríamos parecer e como nos desenvolveríamos. Toda a lei divina assenta nesta liberdade de escolha. Nós decidimos, Pai. Nós próprios decidimos o que vamos fazer. Se entrar em conflito com alguma das regras divinas, então temos de corrigir o nosso erro. Lembras-te do avarento e do bêbedo, quando vieram para aqui? Castigaram-se a si próprios de forma muito, muito eficaz! E, no entanto, ninguém os julgou. Ninguém decretou castigo ou pena. Isso é porque — e repito — estes mundos são criados de amor, Pai, o amor infinito do Grande Ser. Quando lhe dirigimos as nossas preces, um raio azul de luz sobe aos céus — depois torna-se dourado, e a Sua paz infinita desce por ele para nos envolver.»

«Quando os "homens do clero" chegam aqui acima — oh, Pai, é terrível ver a sua autorrecriminação e o seu exame de consciência quando se apercebem de que aquilo que ensinaram na Terra tantas vezes estava longe do correto; ainda que apenas ensinassem aquilo que eles próprios tinham aprendido. Precisam de toda a nossa ajuda e conforto enquanto lutam contra imagens aterradoras de diabos e de fogo do inferno… que, na verdade, não existem aqui, nem em parte alguma!

«Mas há, nos planos inferiores, almas que precisam da segurança de uma igreja e do conselho de um ministro para que a sua fé possa tomar forma articulada. Assistem a belas catedrais e ouvem avidamente todos os sermões. Mas o único ritual que aqui ouvem é a verdadeira ladainha!

«Quando a Heather falou contigo pela última vez, contou-te sobre o gatinho que a adotou quando ela chegou aqui. Agora tem um cão. Há todo o tipo de animais e aves domesticados nestes reinos… prova, mais uma vez, da lei do amor! Quando crias um laço com um animal no plano da Terra, esse laço é suficientemente forte para o trazer para aqui quando ele morre. Ele é cuidado até que o seu dono faça a passagem para o nosso plano. Quando os

animais chegam aqui, é maravilhoso vê-los a folgar uns com os outros… leões e tigres ao lado de gatos malhados… e alguns mahouts birmaneses* até trazem os seus elefantes consigo! Todos sobrevivem à viagem por causa do amor e do cuidado que toda a gente aqui lhes dedica.

*(*Tratadores e condutores de elefantes*)

«Ouvimos pássaros a cantar por onde quer que vamos. Se por acaso eu admirar o seu canto, eles respondem imediatamente ao meu pensamento; pousam no meu dedo e exibem as suas cores e a sua extensão musical! Nunca deixamos de nos maravilhar com a variedade infinita de felicidade nestes planos, Pai.

«Quando cheguei aqui pela primeira vez, não senti nenhum sobressalto súbito com a minha passagem. Como te disse, fomos erguidos no ar e eu peguei na mão da Heather e, juntos, vimos os carros colidirem. Depois, de repente, o Tio Mark estava de pé ao nosso lado. Explicou que tínhamos passado por uma colisão tão terrível que já não estávamos na terra dos vivos. Fiquei demasiado surpreendido para lhe perguntar como é que ele sabia, embora tivesse a intuição de que estava morto, e pareceu perfeitamente natural que ele tivesse vindo tomar conta de nós.

«Decidi que a Heather e eu não podíamos fazer melhor do que segui-lo; e foi o que fizemos. Foi simplesmente uma questão de ascender gradualmente ao céu, até que, de repente, estávamos nesta bela pastagem. Não te sei dizer exatamente quanto tempo demorámos a deixar o plano da Terra. Foi bastante parecido com mudar o seletor de uma rádio de uma estação para outra. Quando giras o botão, assumes que outra estação estará à tua disposição; não pensas que haja algo de invulgar nisso. Foi assim que passámos do vosso mundo para o nosso novo. Toda a nossa família, até os que não conhecíamos quando estávamos na Terra, estava aqui para nos receber. Fizeram-nos sentir desejados e muito em casa!

«Foi por isso que demorei tanto a perceber que a notícia da nossa morte não seria aceite por vocês como foi neste plano. Só então, Pai, é que eu consegui sentir de facto o terrível puxão do desgosto que tu e a Mãe estavam a sofrer. Lembras-te de quando querias punir o condutor do outro carro? Quando senti aquela terrível determinação a endurecer-se no teu coração, soube que tinha de voltar e dar-me a conhecer a ti. Nada mais teria alterado a tua teimosa determinação de vingar as nossas mortes.

«Antes de poderes elevar-te até este plano, terias de elevar as tuas vibrações à velocidade das minhas. Do mesmo modo, quando eu preciso de regredir de volta ao teu mundo, tenho de reduzir as minhas vibrações ao seu ritmo mais lento. Isto não é fácil, Pai: alguma parte disto é francamente dolorosa. É como vestir uma camisa de forças. Tenho de me constranger cada vez mais, como o Coelho em *Alice no País das Maravilhas*, até que as minhas vibrações se movam tão lentamente quanto as tuas.

«Não que eu esteja a tentar gabar-me, percebes, mas sou um dos poucos aqui que conseguiu fazê-lo. Posso mover-me do meu mundo para o teu por livre vontade. A Heather também já consegue. Mas eu diria que noventa e cinco por cento das almas deste nível são completamente incapazes de se manifestar ao nível da Terra. Talvez, em momentos de urgência, consigam aparecer por um instante aos seus entes queridos na Terra, mas não prometeriam garanti-lo.

«Talvez a mensagem mais importante que te podemos enviar daqui — se a conseguires transmitir por mim — é que o luto, o choro e o desejar que a alma do falecido regresse são as piores coisas que vocês, na Terra, podem fazer a alguém que acabou de morrer.

«Vês, onde quer que exista um laço de amor, existe uma linha de comunicação ininterrupta.

«Quando sofres por alguém que amas, a tua tristeza é imediatamente transmitida a essa pessoa no seu novo mundo — um mundo belíssimo — mas ela não pode voltar ao plano da Terra para consolar os seus enlutados. Ainda não teve tempo de dominar a arte de abrandar as suas vibrações até ao ponto de tu a poderes ver ou ouvir. Isto coloca-a numa situação terrível — fica dividida entre o desejo de consolar os seus, sabendo que isso é impossível, e a necessidade de se ajustar ao seu novo e luminoso ambiente.

«Por isso, por favor, Pai, diz aos que ainda estão na Terra para não chorarem por nós, os que viemos para aqui. Eu sei que é impossível pedir-lhes que se regozijem; e, no entanto, nós, deste lado, regozijamo-nos quando a alma de um velho amigo chega aqui. Eu pediria aos enlutados que se sentassem e pensassem nos seus entes queridos em vez de em si mesmos. Em breve esquecerão as suas próprias mágoas. Diz-lhes, por favor, apenas para enviarem o seu amor e pensamentos bondosos por uma viagem calma e uma chegada feliz, porque o amigo que perderam já está seguro neste mundo de calor e felicidade.

«Enviem onda após onda de amor. Isso ajudará os recém-mortos a estabilizar, porque os convence da validade de ambas as esferas de existência. Isto é talvez a coisa mais importante que quero que ponhas neste livro.

«Quando explorei este novo mundo pela primeira vez, senti que estava a regressar a uma paisagem familiar que já conhecia bem. Depois de olhar bem à volta, depressa me convenci de que tudo estava em boa ordem na casa do meu Pai!

«Como posso manter contacto com o vosso plano, sei como os vossos jovens pensam e sentem; e a Heather e eu muitas vezes conseguimos dar-lhes uma ajuda. Como ambos queremos pôr mãos à obra e fazer alguma coisa, os anciãos disseram-nos que somos mais úteis quando ajudamos os jovens que estão prestes a chegar aqui por via da violência.

«Um dos anciãos diz-nos sempre por telepatia quem ajudar e quando. Normalmente é dez a quinze minutos antes de ocorrer o momento final; assim temos aviso suficiente para ir ao encontro da alma e escoltá-la para onde ela deve ir. Ela pode não saber que estamos com ela, mas o Grande Ser dá-nos o poder de confortar e consolar, e nós transmitimo-lo à alma que estamos a proteger.

«Quando nos é dado um caso em que dois carros estão prestes a colidir, por exemplo, baixamos as nossas vibrações até que essa alma nos possa realmente ver: assim a sua atenção é desviada da violência prestes a envolvê-la. Assim que temos a certeza de que nada mais pode ser feito para evitar a sua morte, pegamos-lhe nas mãos e erguemo-la para fora do seu corpo terreno.

«Quando são almas evoluídas — e almas evoluídas são particularmente curiosas! — ficam fascinadas por quem somos e pelo que estamos a fazer: só muito mais tarde lhes mostramos a violência que foi feita às suas carcaças terrenas. Acredita em mim, Pai, aceitam mais do que prontamente o facto de estarem mortas! E, à medida que as erguemos até ao nosso nível, igualamos as nossas próprias vibrações às vibrações delas, à medida que mudam de grosseiras para finas. Depois disso, aparecem os seus próprios entes queridos, e a nossa parte naquele trabalho específico está concluída.

«Recordas-te do jovem estudante do ensino secundário que foi morto em Durban em circunstâncias semelhantes às minhas? Pai, nós estávamos lá:

fomos nós que o ajudámos a passar. Ele e eu conhecíamo-nos de forma casual enquanto ambos estávamos vivos, por isso ele ficou aliviado e, acredita em mim, encantado por me ver! Ele sabia que eu já tinha feito a passagem, mas ainda assim levou algum tempo a perceber o significado disso quando lhe mostrei o estrago feito pelos dois carros depois de terem colidido!

«A Heather e eu especializámo-nos neste tipo de "primeiros socorros" há cerca de quatro meses do vosso tempo terrestre; e, embora eu não seja perito no assunto, começo a suspeitar que há discrepâncias entre o nosso tempo e o vosso.

«Sempre que me pedes para estimar o nosso tempo, tenho sempre de multiplicar tudo por sete para o trazer à velocidade do vosso tempo. Por exemplo, quando algo está prestes a acontecer no nosso mundo, eu consigo vê-lo cerca de um mês antes de acontecer; mas, em tempo da Terra, aconteceria daqui a sete meses! Se isto te parece complicado, olha para isto de um ponto de vista financeiro — tu receberias sete dias de salário pelo meu um!

«Cada vez mais, a Heather e eu somos chamados a ajudar adolescentes que fazem a passagem nas circunstâncias mais negativas. Refiro-me aos miúdos da "roleta russa" que se metem nas drogas.

«Há demasiadas mortes de adolescentes por causa das drogas; algumas por causa do veneno puro e duro na própria droga, e outras porque o seu instinto normal de sobrevivência tinha sido obliterado pela sua insensata dependência de estupefacientes. Estes miúdos terminam abruptamente os seus períodos de vida porque não encontraram outra forma lógica de sair dos enredos. As drogas podem causar disfunções fatais do cérebro em muitos níveis diferentes de consciência.

«Os nossos anciãos estão satisfeitos por a Heather e eu sabermos como trazer estas mentes tóxicas para aqui com um mínimo de "perdas", mas ambos sentimos que poderíamos fazer um trabalho mais completo se tivéssemos o nosso próprio quartel-general privado, por isso persuadimos um dos anciãos a aprovar uma pequena casa de campo-hospital onde estes jovens destroçados possam adaptar-se ao novo ambiente.

«A realidade nunca se imprime na memória de um toxicodependente, porque a mente deixara de funcionar normalmente. Por isso, estes miúdos

não fazem ideia de como chegaram aqui, quando acordam no nosso mundo. Não só não têm memória da droga que tomaram; como não conseguem recordar o que lhes aconteceu enquanto estiveram sob a sua influência.

«Por isso, o nosso primeiro trabalho é reconstruir a memória danificada para que possam recordar como se sentiram enquanto ainda estavam "moca" com aquele tipo particular de droga. Tendo recriado o seu efeito na mente deles, recriamos depois a memória da sua passagem.

«Depois vamos, gradualmente, aliviando o seu sono até que consigam lembrar-se de "um sonho" em que morreram. Só quando recuperam plenamente a consciência é que percebem que o sonho não era um sonho, mas a sua passagem real.

«Uma vez que aceitam isso, nada os impede de se juntarem às suas famílias e ocuparem o seu lugar legítimo nestes planos dourados.

«Somos particularmente cuidadosos em garantir que não há efeitos posteriores negativos; não há culpa. Nunca permitimos que a dor ou o sofrimento acompanhem a passagem da alma.

«Embora eu já tenha dito isto, sinto que devo repetir que é muito menos doloroso para um mortal morrer do que nascer. Para que nem um vestígio de medo permaneça na mente de um destes jovens toxicodependentes quando faz a passagem, é colocado num sono tão profundo que a transição ocorre sem que ele o saiba. Só aprenderá o que aconteceu depois de recuperar a consciência neste mundo de amor.»

«Outra das nossas tarefas é levar connosco estas almas recém-transferidas nas nossas rondas pelas várias salas de aprendizagem. Invariavelmente, depois encontram-se connosco para me dizer o que ouviram. Como aqui não há noite nem dia, estas sessões podem ser longas; mas é imensamente recompensador ver como este novo conhecimento excita a imaginação dos nossos recém-chegados.

«Neste momento, sete deles juntam-se sempre a nós nas nossas rondas. Sempre que algum deles tem um problema que não conseguimos resolver, contacto telepaticamente o ancião mais próximo. Ou ele aparece e resolve o problema por nós, ou envia uma das almas de categoria mais elevada: aqui nunca há falso orgulho em dar e receber conselhos.

«No vosso mundo, uma criança inquisitiva que faz eternamente perguntas depressa leva uma nega. As suas perguntas são quase sempre ignoradas, quer reflitam inteligência quer curiosidade ociosa. Aqui em cima, a curiosidade é um bem muito valorizado, porque quanto mais curioso és, mais conhecimento tens para absorver. Toda a sabedoria das eras está disponível aqui, por isso uma curiosidade saudável pode manter-te utilmente ocupado por muito tempo!

«Somos particularmente favorecidos nesta esfera porque os registos akáshicos estão à nossa disposição. Cada pensamento, feito e ação teus enquanto estás na tua Terra ficam permanentemente registados nas vibrações rarefeitas do nosso mundo etérico. Estes registos nunca podem ser apagados. Sempre que um dos Grandes Mestres precisa de medir o desenvolvimento de uma determinada alma, limita-se a sintonizar esse comprimento de onda, e os registos akáshicos revelam os seus pensamentos mais íntimos. É como ver uma televisão a cores tridimensional. Vês tudo exatamente como aconteceu, como se estivesses lá em carne e osso.

«Não tinha passado muito tempo desde que aqui cheguei quando desejei ter estudado o Mestre Jesus mais de perto enquanto ainda estava na Terra; e, ali mesmo e então, foi-me permitido ver a sua vida nos registos akáshicos exatamente como ele a viveu. Fiquei tão profundamente comovido que um dos líderes me disse:

"Agora, meu filho, olha para isso do ponto de vista do mundo que ele habitava. Aqui estava um homem que saiu de casa muito cedo e se envolveu num tipo de pensamento radical; viajou de estado em estado a pregar uma doutrina que era considerada tão extrema como o comunismo é hoje. Era contra a interferência no direito de um indivíduo à completa liberdade. Podes imaginar quão bem-vindas eram essas ideias, quando o Grande Ser estava vivo! Foi expulso da maioria das cidades, sempre um salto à frente da polícia local!

«"Por fim, voltou à sua terra natal. Aí colidiu com as autoridades romanas, que o executaram prontamente. Olha para isso de um ponto de vista não partidário. Que desperdício de esforço humano!"»

«Pai, pensei nisso durante muito tempo antes de perceber quão diferente o mesmo conjunto de factos pode parecer, dependendo do olhar do observador! A vida do Mestre foi a mais perfeita vivida na Terra. Ensinou verdades mais profundas do que qualquer outro dos Grandes Seres que

regressaram ao vosso mundo. Vai lá, pede emprestado ou rouba uma cópia do *Evangelho Aquariano*.

Embora tenha sido publicado pela primeira vez em 1926, está redigido numa linguagem simples e coloquial. Esperamos que venha a afirmar-se na década de 1970 no vosso mundo, pois é um texto não corrompido. Além disso, os espíritos altamente evoluídos que orientam o destino último da vossa Terra têm plena consciência de que o Grande Mestre se prepara para regressar como prometeu.

«Creio que é a Sua presença, ao preparar-se para baixar as Suas vibrações, que está a criar a perturbação ao vosso nível mortal. À medida que Ele abranda as Suas vibrações, mais próximo se aproxima do vosso mundo; e, do mesmo modo, o Seu poder agita os vossos valores improvisados.

«Outra coisa que agora compreendo melhor é o problema das crises nervosas. Eu costumava pensar que os nervos em franja eram propriedade exclusiva de pessoas cujas mentes oscilavam sem rumo de uma obsessão para outra. Agora percebo que, quando um homem no plano da Terra começa a tornar-se mais maduro, entra em conflito com muitas das atitudes que formara anteriormente; especialmente quando estavam erradas! Como a vida não vai mudar, ele tem de mudar. Podes imaginar a convulsão nos seus hábitos quando já não consegue confiar em nenhuma parte da sua atitude anterior perante o mundo à sua volta!

«Nós aqui em cima temos uma compaixão muito real por um mortal que sofre uma crise nervosa, porque percebemos que são as dores de parto da sua determinação de crescer em maturidade. Está a começar a compreender como as leis de Deus controlam o mundo à sua volta, e isso leva-o a lançar um olhar crítico sobre os seus semelhantes, à medida que começa a perguntar-se o que os faz funcionar. Quando faz isso, está a começar a longa viagem ascendente rumo à reconciliação com o seu Pai espiritual.

«Do mesmo modo, sinto que a maioria dos desajustados da sociedade — os vagabundos, os bêbedos e os toxicodependentes — está a passar por uma purificação drástica da mente e da alma. Já não conseguem conformar-se com a norma, porque começaram a suspeitar de que há algo mais vital na vida do que a sua fachada. Por isso, não se apressem a desvalorizar o contributo do bêbedo caído na miséria. Muito provavelmente, está a atravessar uma limpeza de primavera essencial. Quando a ultrapassar, dará

um contributo muito melhor à sua comunidade do que alguma vez foi capaz de dar antes.

«O homem está sempre a tentar assimilar-se; mas, no momento em que deixa de prestar vassalagem às ideias falsas da sociedade sobre decoro exterior, ela fecha-lhe as portas. Quando os da sua espécie chegam aqui, Pai, são duplamente bem-vindos. Também constatamos que, quando um ateu chega a estas portas, tendo morrido a negar a existência de Deus, na verdade admitira a existência de Deus para poder negá-Lo! Esse irmão, também ele, começou a dura vereda de regresso a casa, ao seu Pai eterno.»

O facto de Mike ter dito que a sua tarefa especial era cuidar da sua própria geração renovou a curiosidade de Jasper. Por que razão a geração de Mike desenvolvera tal obsessão por drogas letais? Porque tinham de apagar o mundo normal? Porque não estavam dispostos a aceitá-lo tal como existia à sua volta? Ou seria, afinal, esse mundo assim tão desejável?

«Não, não é!», respondeu a voz de Mike. «Cada peixe que nada no mar ajusta a sua vida aos padrões feitos pelas marés, pelas rochas e pela água turva dos rios. Sabe que essas condições são uma realidade permanente à qual tem de se conformar para sobreviver. Cada pássaro a voar no ar aceita o vento, as nuvens, os relâmpagos e o trovão como perigos que existem e que, portanto, governam o seu mundo de existência. Tu, como homem, Pai, pensas que tens de obedecer às leis da moralidade que existem no teu mundo; mas tenho de te dizer agora que muitos dos valores que acreditas serem essenciais não o são de todo! São relíquias obsoletas dos teus anos de formação, quando levavas logo uma palmada se discordasses do teu professor. O respeito pelos mais velhos significava simplesmente que eles podiam sujeitar-te às suas próprias regras e regulamentos, quer a lógica te escapasse quer não! Tinhas de te conformar, mas era uma submissão baseada na intimidação em vez da razão.

«Aqui em cima, antes de respeitarmos uma regra, familiarizamo-nos com a necessidade de a respeitar. Não há coação envolvida; é simplesmente uma questão de chegar a uma conclusão sensata. Se não quiseres obedecer, não precisas; mas, nesse caso, aceitas as consequências.

«Tenho sempre muito para discutir com as almas jovens, depois da sua transição para este plano. Muitas vezes tenho de as aliviar das crenças que lhes foram enfiadas à força enquanto ainda estavam no vosso mundo, normalmente pelos membros da tua geração. Excluo-te a ti e à Clarice dessa

generalização, porque me permitiram tomar a maior parte das minhas decisões por mim próprio; mas demasiados jovens no vosso mundo são obrigados a ir à escola dominical à ponta de uma arma para aprenderem do que trata o Cristianismo; e, quando finalmente são confirmados na Igreja cristã, não lhes é permitido questionar essas crenças de maneira nenhuma, de forma nenhuma, nem sob forma nenhuma — a menos que queiram sofrer a desaprovação da sociedade em geral.

«As pessoas já não arriscam ir para a prisão por serem agnósticas ou seguidoras de seitas religiosas disparatadas; mas isto só aconteceu desde a Segunda Guerra Mundial. E, mesmo assim, continuam a ser vistas como malucas!

«Não me interpretes mal. Não estou a defender a rejeição da Igreja estabelecida. Pelo contrário; quero que comeces a compreender o que é o Cristianismo! Quero que voltes atrás e traces a origem da Bíblia, e descubras quantos dos verdadeiros sermões de Jesus de Nazaré ela realmente contém.

«Há imbecis às carradas que se atreveram a dizer que a Bíblia deve ser tomada à letra. Se as palavras tivessem vindo diretamente do próprio Jesus, ninguém poderia levantar a mínima objeção. Mas, quando estudas o dogma da Igreja, encontrarás que ela excomunga qualquer uma das suas ovelhas que não engula os textos adulterados, sem espinhas. Tens de aceitar sem questionar que Cristo, o seu Pai e o Espírito Santo são uma trindade indivisível, o que não são. Jesus foi um homem simples, amoroso, de carne e osso. Foi um grande amigo dos pobres.

Foi um grande curador, consolou os que sofriam e, acima de tudo, toda a sua pregação reflete o seu amor pelo nosso Pai Eterno. Predisse a felicidade que nos espera neste plano onde eu agora existo; e disse-nos como viver as nossas vidas na Terra para que pudéssemos aprender as lições que fomos enviados para lá aprender. Quando segues os seus ensinamentos, como a tua vida se torna mais fácil! Mas ele foi, acima de tudo, um reformador, e foi feito sofrer pelas suas crenças.

«A Igreja, porém, diz que ele foi crucificado porque quis tomar os pecados da humanidade sobre os seus próprios ombros!

«Pai, tu, como homem lúcido, consegues realmente acreditar que podes sair e cortar a garganta ao teu irmão e que, porque Jesus já foi crucificado pelo teu pecado, isso não será tido em conta quando fores levado perante o

teu Criador? Tu tens usado muitas vezes a expressão: "Essa é a atitude escapista por excelência!"

«Jesus nunca afirmou ser bode expiatório do resto da humanidade! Ensinou uma religião simples de amor e de serviço ao próximo; e aconselhou-nos a "honrar o nosso pai e a nossa mãe". Então porque é que, noutra parte da mesma Bíblia, nos dizem que "aquele que não odeia o seu pai e a sua mãe, e mulher e filhos, e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo"? Esse texto foi usado como justificação para as Inquisições.

«Jesus era um homem pobre que não possuía nada além da roupa do corpo. Quando olhas para as vestes ornamentadas dos dignitários da alta igreja, não te interrogas? E, no entanto, esta mesma Igreja criou orfanatos nacionais; criou um sistema escolar que educa os pobres; liderou a maior parte dos movimentos humanitários da história.

«Mas o outro lado da moeda permanece. E a questão principal na mente dos jovens quando chegam aqui continua a ser este contraste indigesto entre as simples parábolas de Jesus e as regras empíricas, sem nexo, da Igreja estabelecida. É por isso que os jovens aqui condenam a tua geração por ser hipócrita: de que outra forma poderias esperar praticar as lições ensinadas por Jesus num fôlego e, no seguinte, prestar vassalagem ao mundo dos negócios?

«Este é o maior problema que tenho de gerir aqui. Os jovens nasceram no vosso mundo com olhos limpos e claros vindos destes planos dourados e deram por si num mundo em que o comportamento dos seus semelhantes era hipócrita e cobarde. Vieram ao vosso mundo à procura de amor, verdade e fraternidade; em vez disso encontraram fraude e opressão. O vosso duplo padrão lançou-os numa tal confusão quando tinham dezasseis, dezassete, dezoito anos de idade, que sentiram que tinham de se adaptar a isso ou tentar escapar, nem que fosse por uma hora ou duas.

«À medida que os seus corpos se foram tornando cada vez mais resistentes às drogas, aumentaram a dose para garantir o esquecimento. E quando isso finalmente os traz para aqui, a Heather e eu só podemos fazer o melhor que pudermos.»

Jasper, resignado ao facto de que a sua própria geração era "quadrada" e "pouco recetiva", ficou muito infeliz ao ver-se agora lançado no papel de vilão consumado.

O problema tinha de ser rastreado até à sua origem e, no seu esforço determinado para chegar à verdade, Jasper descobriu que a primeira rutura definitiva entre Cristo e Igreja tinha ocorrido no Concílio de Niceia, em 325 d.C., quando o Cristianismo se tornou a nova crença do Imperador romano Constantino.

O verdadeiro instigador desta versão do Cristianismo foi o discípulo Paulo, que favorecia a filosofia dos estoicos na forma a que Filão aderira. Esta versão considerava o homem como sendo duplo: metade dele era espírito e a outra metade era humana, com todos os seus apetites carnais e paixões terrenas. Assim, o corpo era uma prisão que encarcerava o espírito, o qual, por sua vez, lutava eternamente para regressar à sua origem celeste.

Paulo subscreveu de alma e coração a lógica desta doutrina; mas se Jesus também a acreditava é outra questão, pois nunca entrou em contacto pessoal com Paulo. Foi depois de ter sido crucificado que Jesus o censurou com: «Paulo, Paulo, porque me persegues?» Seria perfeitamente lógico que Paulo tivesse associado esta visão sublime à sua própria teoria de estimação. Além disso, os outros apóstolos parecem não ter ficado impressionados com as cartas de Paulo. Preferiram deixá-lo seguir o seu caminho.

Paulo nunca cita os ensinamentos de Jesus palavra por palavra. A par disto, os gnósticos sustentavam que o plano de salvação de Deus seria levado ao homem através da intercessão pessoal do Filho de Deus. Assim, a crucificação de Jesus, conjugada com a própria "visão" de Paulo, tornou a crença gnóstica infalível para ele — com uma diferença falível: Paulo considerava que o amor era apenas uma emoção física e, portanto, dispensável.

Foi a escola contra-paulina que acreditava que a salvação do homem seria alcançada pelo sacrifício-símbolo de um redentor simbólico; e esta é a visão ainda sustentada pela Igreja estabelecida. Quão diferente poderia ser a fé contemporânea, se tivesse permanecido fiel à crença de Paulo!

A mais antiga obra sinóptica, o Evangelho de São Marcos, teve origem em 70 d.C. O Evangelho de São Lucas surgiu vinte anos mais tarde, em 90 d.C., e o Evangelho de São Mateus em 100 d.C. Há uma distinção subtil entre estes e o Evangelho de São João, que veio a existir em 110 d.C., pois a *Encyclopaedia Britannica* sugere que ou o Evangelho de São João é inexato, ou os evangelhos sinópticos o são.

A isto acresce que Mateus e Lucas parecem ser copiados de Marcos, com alterações independentes acrescentadas: o entusiasmo dos escritores antigos por "reinterpretar" aquilo que copiavam era uma prática aceite. Por fim, a maioria dos especialistas bíblicos conclui hoje que existe um manuscrito em falta, a *Quelle*, que deu origem a todos.

Os primeiros Padres da Igreja reuniram conscienciosamente toda a literatura disponível, aprovaram aquilo que sentiram ser "inspirado" e rejeitaram o restante. A recente descoberta do Evangelho de São Tomé torna óbvio que o próprio João tratara apenas do lado simbólico dos ensinamentos de Jesus. Mas o lado simbólico dos ensinamentos de Jesus está excluído da Bíblia tal como hoje a conhecemos.*

Constantino, quando quis restabelecer o Império Romano quase moribundo, precisava de um fator unificador para inspirar o seu povo. A sua mãe já era cristã, pelo que, ao examinar os ensinamentos de Jesus de Nazaré, foi lógico sentir que encontrara o homem certo.

Reuniu o Concílio de Niceia para formalizar a sua nova religião, mas as discussões tornaram-se tão acaloradas que documentos confidenciais foram atirados de um lado para o outro na sala conciliar e muitos dos membros sofreram agressões físicas. Quando por fim chegaram a um compromisso numa solução manca, Constantino anulou-a de imediato e escreveu a sua própria versão. E obrigou-os a assiná-la sob pena de excomunhão.

**L. G. Rylands em A Critical Analysis of the Four Pauline Epistles: «Agora que foi demonstrado que o Cristianismo paulino era gnóstico, encontra-se o elo de ligação. O Cristianismo paulino foi evidentemente um desenvolvimento do gnosticismo pré-cristão.»*

Arrio, o único membro do concílio que acreditava que Jesus era não só o Cristo mas também um mortal impecável inspirado por Deus, foi assim derrotado, e a crença unitária foi expulsa do Cristianismo oficial juntamente com o seu primeiro campeão.

Quando o Bispo de Alexandria se sentiu agora livre para ensinar que Deus era único e indivisível, Arrio opôs-se veementemente, insistindo que Deus, sendo divisível, enviara o espírito de Cristo para habitar o corpo de Jesus de Nazaré, transformando-o assim numa Alma Santa num corpo mortal. Isto dividiu o concílio ao meio, e Constantino voltou a ficar mais do que satisfeito por arbitrar.

Como era previsível, o Bispo de Alexandria venceu, e os crentes equivocados na indivisibilidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo imprimiram a sua vitória no Cristianismo para todo o sempre.

Eusébio também se encontrou na linha de fogo quando Constantino ordenou ao concílio que assinasse o decreto. Embora o tenha feito, confessou mais tarde ao seu rebanho que «o Credo deve mais à engenhosidade do Imperador do que à sua candura!»

Jerónimo, no ano 384, admitiu candidamente que alterara as primeiras escrituras para as alinhar com aquilo que achava que realmente acontecera. A nossa Santa Bíblia de hoje baseia-se na tradução latina de Jerónimo.

Um dos piores golpes infligidos à Igreja foi o aparecimento do profeta Maomé no século VII. Quando conquistou a Palestina e o Egito, foi capaz de arrebanhar um terço dos filhos de Deus sob o seu estandarte "pagão".

A idiotice das Cruzadas anticristãs, resultado direto das depredações de Maomé, pelo menos trouxe uma reforma misericordiosa: os feridos eram mantidos vivos em hospitais em vez de serem espetados nos campos de batalha como carniça.

Em 1054, o Papa Leão IX decidiu acrescentar a palavra *filiogue* ao credo (significando "e do filho"). Por causa desta alteração, a Igreja Ortodoxa Grega separou-se, e Leão excomungou prontamente toda a gente nela. Desde esse dia até hoje, os Papas no Ocidente e os Patriarcas no Oriente têm estado em rota de colisão.

Com a Reforma, tão necessária e há tanto tempo devida, as mentes irrequietas dos grandes homens voltaram a inflamar-se. Erasmo lançou um olhar longo e severo ao Cristianismo e sentiu o apelo para o reformar, e Lutero e Calvino seguiram-no, de forma pesada. Todos tinham consciência de que a igreja militante da Idade Média obliterara o credo humano de Jesus; mas a soma total do seu entusiasmo foi simplesmente a substituição das velhas corrupções por sinónimos recém cunhados.

E assim a voz do Príncipe da Paz, ainda hoje, continua a definhar, obscurecida e ignorada.

Jasper sempre se mantivera firme no raciocínio do Evangelho de Lucas, em que Jesus tornava a sua própria atitude perfeitamente clara ao ler em voz alta do Livro de Isaías: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me

ungiu para pregar o seu evangelho aos pobres. Enviou-me para curar os quebrantados de coração, para levar libertação aos cativos e recuperação da vista aos cegos.» Jesus acrescentou então aos ouvintes na sinagoga: «Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos.»

Jasper, cada vez mais infeliz ao deparar-se com tanta coisa contrária a estes conceitos originais, colocou o problema a Mike, que recorreu aos seus anciãos em busca de orientação.

A resposta foi maravilhosa na sua clareza.

«Pai», disse Mike, «quando olhas para qualquer ser humano, olhas para um filho de Deus. E olha o que eles fazem! Mentem, roubam, traem-se uns aos outros; fazem tudo o que os Mandamentos proíbem. Porque é que este é o padrão normal? Porque, quando os seus espíritos foram pela primeira vez rebaixados a forma material, o nosso Pai deu-lhes o direito de fazerem o que entendessem querer fazer. Uns escolheram fazer o bem, outros escolheram fazer o mal. E é apenas por estes dois canais que aprendem e crescem.

«Quando fizeste o mal, aplica-se a lei do "assim como semeares, assim colherás". Por isso senta-te e espera que te façam mal. E esta lei de causa e efeito continuará a operar até que se te torne claro que te é mais fácil obedecer às leis do Grande Ser. Caso contrário, poderás ter de continuar a reparar indefinidamente!

«Este é o processo de purificação em que o homem, por sua livre vontade, aprende a agir em harmonia com a Lei Divina.

«E a Igreja está exatamente na mesma situação. Tem de passar pelo próprio purgatório que avisa a humanidade para evitar, antes de poder praticar aquilo que prega.

«Por isso não percebo bem porque estás a fazer uma confusão tão monumental. Esta é a forma certa e apropriada de evolução. Esta é a tua herança como filho de Deus.

«Certamente não ajudará em nada virares costas à Igreja. Pelo contrário, volta a envolver-te com todas as tuas forças. Pressiona os teus ministros para que se atenham às palavras originais de Jesus de Nazaré. Afinal, Pai, quem manteve vivos os ensinamentos de Jesus nos últimos dois mil anos? A mesma Igreja que continua a tentar crucificá-lo de novo e de novo!

«A Igreja é feita pelo homem, Pai; tem todos os defeitos que tu tens pessoalmente. Por isso aceita a Igreja tal como é, tal como te aceitas a ti próprio tal como és. Corrige o que está errado e encoraja o que está certo; assim, acabarás por obter a perfeição tanto para ti como para a Igreja que aprendeste a honrar.»

Este foi, de facto, o golpe de nocaute nas dúvidas de Jasper.

Ocorreu então a Jasper que este processo de levar pancadas na cabeça até que, por fim, se seguisse o caminho certo teria necessariamente de levar mais do que uma vida. Já vivera metade da sua vida presente sem aceitar a lógica deste argumento: tudo o que tinha para mostrar era o conhecimento de que fizera muito pouco mais do que tomar a direção errada. Assim, gastou o resto do seu período de "perguntas e respostas" a descobrir se Jesus ensinara alguma coisa sobre reencarnação.

A evidência mais antiga para isso encontrava-se nas obras do grande Pitágoras, por volta de 540 a.C. Ele afirmara que recebera, como dádiva do deus Mercúrio, a memória de todas as suas encarnações anteriores, bem como o conhecimento do que a alma experiencia antes do nascimento e depois da morte.

Em 200 a.C., o próprio Platão tinha afirmado: «A alma é mais antiga do que o corpo. As almas nascem continuamente de novo para esta vida.»

Este credo pagão de Platão, Aristóteles, Numénio e Corruto foi reunido num tema unificado por um dos primeiros padres da Igreja, Orígenes, em 200 d.C.; e a doutrina do renascimento passou a existir, pela primeira vez, na fé cristã.

No seu livro *Contra Celsum*, Orígenes argumenta: «Não é mais conforme com a razão que cada alma seja introduzida num corpo segundo os seus merecimentos e ações anteriores? Não é racional que as almas que usaram os seus corpos para fazer o máximo bem possível tenham direito a corpos com qualidades superiores aos corpos de outras?»

Mas, mesmo depois da sua morte, Orígenes nunca deixou de ter inimigos.

No início do século VI, sob Teodora, a esposa prostituta do imperador bizantino Justiniano, um concílio canónico publicou os Anátemas; e os ensinamentos de Orígenes, que até então tinham sido venerados por esse

mesmo concílio, foram agora expulsos da Igreja. E se uma premissa tão básica na lógica do propósito de Deus podia ser removida por uma querela neurótica numa hierarquia secular, quantas vezes terá sido adulterada desde então?

Certamente, «assim como semeares, assim colherás» ganha dentes muito afiados quando visto através da lente brilhante da doutrina da reencarnação; e dá um sentido extraordinariamente bom às parábolas do Mestre, uma vez que se tenha coragem de a pôr em prática.

Jasper estremeceu ao pensar em quanto provavelmente ainda teria de pagar; e, no entanto, seguramente, se aderisse a uma interpretação positiva do credo, poderia usar essa mesma lei para diminuir a sua conta a débito?

«Argumentado como um verdadeiro advogado!», riu Mike. «Estás finalmente a começar a manter-te sobre os teus próprios pés!»

«E como responderias tu, se fosses advogado?», ripostou Jasper.

«Imagina que tenho de viajar de 'Maritzburg até Durban como a principal razão de ter encarnado desta vez. Os meios pelos quais lá chego são estritamente da minha responsabilidade; quer eu vá a pé, de bicicleta, de avião, de carro, ou a gatinhar de joelhos a empurrar uma salsicha com o nariz, a única regra é que eu tenho de tentar chegar lá inteiro. Tenho de chegar a Durban diretamente? Posso ir via Isipingo? Posso contornar Durban por completo e depositar todas as minhas esperanças em Isipingo? Em que ponto da rosa-dos-ventos é que os senhores do horizonte atribuem o seu maior bónus? Só Deus sabe, e Ele não diz! A possibilidade de poderem existir outras alternativas melhores pode continuar a atormentar-me e a aguçar-me; mas a lei da Conservação de Energia, embora seja uma lei formidavelmente poderosa, é elástica o suficiente para me conceder 100% pelo esforço honesto.

«A vida é uma corrida de obstáculos, e tudo o que se vê adiante é a lona ondulante, à medida que engole um irmão mais frágil que entrou em pânico e perdeu o sentido de direção. Só se pode avançar apesar de tudo. Se tentares escapar de lado — ou pior, recuar — o jogo inteiro é cancelado e terás de recomeçar do zero.

«Acredita na função simples do amor, tal como ela está enraizada na irmandade dos homens e na paternidade de Deus. Aí não podes errar. Muletas são muito úteis quando tens a perna partida; mas, quando a perna

sarou, são apenas vaidade. Lembra-te sempre de que és um filho de Deus por direito próprio. Tens de olhar o teu Mestre de frente e reclamar o teu direito de nascença.

«Só tu és responsabilizado pelos teus atos; por isso não te esquives, a dobrar esquinas, esperando evitar a questão. Moldas a tua vida pela forma como tomas as tuas decisões: o que explica porque desculpas nos outros condutas que nunca desculparias em ti, porque sabes melhor!

«Não é uma tarefa impossível. Aliás, é muito simples. Basta deixares-te banhar na luz dourada da serenidade eterna e avançar com amor para encontrares os teus irmãos no universo. Toda a tua perspetiva mudará. Tudo o que tens de fazer é experimentar, "até agora, meu pai!". Encontrar-nos-emos de novo em breve.»

O significado das últimas palavras de Mike passou ao lado de Jasper, por enquanto.

Ao repensar o argumento de Mike sobre a verdadeira função da Igreja, Jasper via agora que a religião, durante tanto tempo administrada por instituições, era afinal algo mais pessoal. Cada membro da comunidade cristã tinha o direito de escolher por si próprio as crenças de que a sua vida dependeria para sustento espiritual, pois a civilização chegara a um ponto em que já não podia ser alimentada à colher por um computador benigno.

Em criança, Jasper fora ensinado a acreditar que o Estado existia exclusivamente em benefício do homem comum: a sua função era proteger os seus direitos e a sua propriedade; mas, com o passar do tempo, tornou-se-lhe claro que o indivíduo existe para o Estado, e não o contrário. Ter-se-ia repetido este padrão na religião?

Mike ficou extremamente satisfeito quando Jasper lhe chamou a atenção para a questão. «Precisamente!», disse. «Remonta até à lenda de que Jesus não era um homem vulgar, nascido como tu e eu fomos. Antes de a instituição poder divinizá-lo com conforto, ele tinha de se tornar uma figura de origem tão exótica que ninguém ousasse confundi-lo com um mortal comum.

«Como a origem natural do seu nascimento teve de ser ocultada, vês o resultado em pessoas como tu e eu, que fomos trazidos ao mundo pelo processo corriqueiro da evolução. Disseram-nos que estávamos demasiado cheios de "barro comum" para sermos homens-deus! Outro resultado foi que

o sexo passou a ser "mau". Portanto, o clero, como agentes mortais do Homem-Deus, foi proibido de degradar o seu estatuto funcionando como machos da espécie. Tinham de permanecer celibatários.»

Depois de ouvir toda a barafunda sobre o celibato dos seus padres locais, Jasper sabia porque nunca haveria um relaxamento oficial desta regra: baseava-se na duvidosa lenda do nascimento virginal. Até Freud concedeu que todo o homem tem de funcionar em três campos principais: trabalho, lazer e sexo. Negadas tais necessidades fundamentais, as neuroses de ansiedade poderiam alastrar.

De forma semelhante, o bem da instituição sobrepusera-se ao bem do indivíduo na questão da contraceção. Jasper conhecia demasiado bem as privações dos seus amigos que lutavam consigo próprios para manter uma imagem pública "respeitável"; e ainda mais desamparada era a situação do padre, obrigado pelo dever a insistir que as suas instruções proibitivas fossem obedecidas à letra.

Embora Mike nunca tivesse tentado converter Jasper ao Budismo, oferecera uma simplificação excessiva da crença budista, segundo a qual Deus, tendo de passar vinte e quatro horas por dia a gerir os Seus universos e galáxias, ficava satisfeito quando o próprio homem tratava do trabalho de melhorar a sua mente e a sua alma. Em última análise, ao fim da subida, ele acabará por entrar em contacto com o seu Criador, mesmo que, até então, Ele tenha estado demasiado ocupado para mostrar um interesse pessoal em cada um dos Seus filhos.

Jasper conseguia apreciar este ponto de vista, mas o seu coração continuava dedicado aos ensinamentos do homem de Nazaré; pois Mike despertara nele uma crença muito mais realista nos ensinamentos de Jesus.

Um dia, quando nada no escritório parecia correr bem, o telefone de Jasper tocou e a voz da Sra. Merrington cumprimentou-o. «Venha aqui abaixo o mais depressa que puder!», ordenou-lhe. «Tenho uma coisa muitíssimo importante para lhe dizer!» Naquele momento, Jasper sentia-se demasiado exausto de um dia pesado para conduzir cento e tal milhas sem uma razão específica, mas quase ao mesmo tempo sentiu-se impelido pelo raio dourado de luz e a palavra: «Vai!» imprimiu-se-lhe na mente, e partiu sem mais demora. Chegou ao fim da viagem e foi recebido pelo sorriso radiante da Sra. Merrington. Quando pensou nas dificuldades incessantes por que ela

passara, ficou de novo impressionado com a força interior e a confiança inabalável que ela retirava da sua "outra voz".

O marido entrou, e os três sentaram-se e conversaram amigavelmente até Nina Merrington inclinar a cabeça para Jasper e dizer:

«Faz ideia porque o chamei com tanta urgência?»

«Nem a mínima ideia», assegurou Jasper.

«Pois bem, primeiro», disse Nina, «o Mike quer que saiba que o avisou com antecedência de que o que está prestes a acontecer iria acontecer!»

Depois entrou em transe, e desta vez usou um método inteiramente novo. Limitou-se a fechar os olhos e, no instante seguinte, as suas feições ficaram irradiadas por uma luz dourada.

Essa luz tornou-se cada vez mais forte até Jasper sentir que deviam ficar cegos com ela. Então uma translucidez cintilante começou a ocultar-lhe as feições e, de súbito, Jasper deu por si a olhar diretamente para os olhos de Mike.

Olhou de relance para o Sr. Merrington e viu que ele também fixava, com intensa atenção, o rosto de Mike. A luz dourada tornou-se ainda mais brilhante, e, no entanto, na própria brilhância havia uma pureza e uma clareza que lhes acalmavam os olhos.

Mike continuou a olhar para o pai com um sorriso afetuoso no rosto; depois, de repente, Jasper estava a olhar para uma alma madura e maravilhosamente bela. Num lampejo, percebeu que a vida do filho fora o último elo de uma longa, longuíssima série de vidas, e que fora privilégio de Jasper ter sido seu pai enquanto ele esteve vivo.

«Finalmente consegues ver-me tal como realmente sou», saudou-o Mike. «Agora podes ver-me com os óculos escuros retirados dos teus olhos. És duas vezes meu irmão; pois todo o viajante humano é irmão do seu semelhante.»

A alegria que Jasper sentiu inundou-lhe toda a mente.

«Mas, por enquanto», prosseguiu Mike, com agrado, «penso que todos nos sentiremos mais à vontade se eu conservar a forma exterior do Mike!»

Jasper apenas conseguiu acenar, inarticulado de felicidade diante da visão daquela figura dourada.

«Irmão», disse Mike, «tivemos de te deixar sofrer o teu luto até ele te dar uma visão clara e serena. E porque eu te devo muitas dívidas cármicas, vamos ajudar-nos um ao outro. Eu pegarei na tua mão, irmão, e mostrar-te-ei exatamente o que és; mas, por enquanto, tudo o que quero que percebas é o facto de que tu e eu somos ambos filhos de Deus, e chegou a hora de reclamares o teu direito de nascença. Isto é, necessariamente, tua responsabilidade. Eu só posso orientar os teus passos na direção certa. Tens de ser tu a caminhar; ninguém o pode fazer por ti. Isto tem sido verdade desde que a humanidade tropeçou pela primeira vez na Terra.

«A vida é uma montanha íngreme que temos de transpor antes de podermos regressar ao Grande Ser. Como eu comecei a subir este caminho antes de ti, progredi um pouco mais. Isso dá-me o direito de ser teu mentor mesmo quando "também eu sirvo, que apenas estou de pé e espero".

«Vejo que ainda te deixa constrangido ver-me tal como realmente sou. Mas, tal como eu sou, assim és tu! Por isso nunca aceites tudo o que eu digo como infalível! Testa sempre e comprova por ti próprio. Só assim aprenderás verdadeiramente o que é a verdade; e, quando compreenderes como a lei divina opera, terás dominado a sabedoria, porque só testando e comprovando constantemente podes converter a experiência em sabedoria. Duvida as vezes que quiseres; testa tudo o que puderes; tu, e apenas tu, beneficiarás.

«Neste momento, as leis da Natureza trouxeram-te a um ponto em que a vida parece não ter significado. O dinheiro parece ser a chave — se me conseguires mostrar um homem rico e em paz! Talvez seja mais recompensador procurares um vagabundo que tenha fome, frio e esteja sozinho. É provável que descubras que ele está muito mais em paz consigo mesmo. Mas raramente encontrarás um mais sem um menos ali ao lado. Nem podes esperar encontrar todos os confortos de casa no teu mundo mortal. Afinal, é apenas uma sala de aula! O que talvez explique a tua frequente sensação de seres um rato branco de laboratório, fechado numa gaiola sem portas nem janelas.

«A própria Natureza te trouxe a este ponto.

«Tens um corpo físico. Ele repara-se e funciona por si. Tens um corpo emocional. Ele controla o corpo físico. E tens um corpo mental. Ele percebe, absorve e controla os outros dois.

«Vamos investigar estes três corpos até compreenderes como os dominar. Depois, quando se tornarem ferramentas perfeitas e precisas, procuraremos amorosamente e encontraremos a Alma.

«Porque é isso que procuras, meu irmão. Essa é a tua busca intemporal!»

Parte três

[Um refinamento adicional das vibrações de Mike enriquece a relação entre pai e filho; pois agora uma lealdade e afeição invulgares mantêm o contacto aberto. Nas passagens seguintes, Jasper consegue conversar sem o auxílio da Sra. Merrington.]

NIEL: «É melhor eu sublinhar a natureza das três leis eternas antes de avançarmos. São a Lei do Amor, a Lei do Grupo e a Lei da Terra.

«Já tomaste consciência do "padrão repetido" da reencarnação, mas agora é essencial que compreendas exatamente como e porquê ele opera. Só então perceberás que o homem poderia avançar mais depressa se usasse maior cautela; pois seria governado e não assediado pelas consequências dos seus atos anteriores. Toda a ação deve basear-se no resultado que terá sobre quem a faz, sobre quem a sofre, mas, acima de tudo, sobre quem estiver destinado a sofrer mais com as suas consequências.

«De mãos dadas com esta lei, irmão, está a Lei do Amor. Jesus pediu ao homem que amasse o seu próximo como a si mesmo. Isto é melhor do que pedir ao homem que não odeie o seu próximo como se odeia a si mesmo, o que ele consegue com pouca provocação! Restringe os teus impulsos até poderes confiar que não farão mal aos outros. Enquanto os teus motivos permanecerem construtivos, estás a tratar o teu próximo como tratarias (ou deverias tratar) a ti mesmo, e a lei divina não tem motivo para te atingir como um bumerangue.

«Isto não significa ficar sentado a deixar as coisas correr! Quase dois mil anos se passaram desde que Jesus andou pela Terra, e a humanidade ainda não melhorou muito. Alguma vez pensaste no que o mundo seria se tivesse escutado o seu conselho? A guerra ter-se-ia tornado impossível; a maior parte da doença teria sido eliminada, e o crime não seria uma parte aceite da sociedade. Todos nós poderíamos prosperar em condições ideais. As almas jovens seriam encorajadas a florescer.

«Felizmente para a maioria de nós, o nosso Pai Celeste tem toda a eternidade para completar o Seu projeto. Ainda assim, Ele só nos pode dar uma escolha de oportunidades. Não pode tomar as nossas decisões por nós.

«É em ti que reside a escolha. Só podes aplicar as Suas leis à tua vida conforme sentires que delas precisas.

«Isto leva-nos à Lei do Grupo. Não só deves prover com gosto aos teus dependentes; deves pensar na própria humanidade nesses mesmos termos universais. Estende o negativo de "Nunca magoar inutilmente ninguém" para incluir o positivo de "Como posso melhor servir a irmandade dos homens?"

«A última das leis a que terás de obedecer, irmão, é a Lei da Terra; quer te pareça fazer bom sentido, quer mau. São, ainda assim, as leis feitas pelos teus irmãos para se adequarem à tua raça particular no teu planeta particular. Se alguma vez esperas viver em paz com a tua comunidade, terás de respeitar as suas regras no teu quotidiano. Isto não significa permitir que a injustiça corra à solta. Tens sempre de trabalhar para corrigir um erro; mas tens de trabalhar dentro do enquadramento da lei da tua terra.

«Recapitulemos? Nunca te comprometas com um ato que possa resultar numa má dívida cármica para ti.

«Age apenas quando souberes que os resultados da tua ação serão inofensivos. Depois procura aplicar o resultado dessa ação em benefício dos teus irmãos.

«Conforma-te sempre com as leis do país em que estás.

«Se operares dentro deste enquadramento, terás de alcançar paz dentro de ti.

«Mais importante ainda, quero que assumas, a partir deste momento, o papel de observador.

«Não só tens de fazer parte da vida na vida; tens de estar fora da vida também, observando não só os teus próprios atos mas os de toda a gente. Em muito pouco tempo terás uma educação de primeira ordem! Lembra-te sempre de que, pela observação, aprendes melhor como as leis do Grande Ser operam. Poderás confirmar a sua validade. Queiramos ou não, elas operam todos os dias em todas as vidas à superfície do globo. Só um idiota desobedeceria a uma lei, uma vez que sabe que ela existe para o seu benefício!

«A primeira coisa que notarás, à medida que começas a refinar o teu padrão de vida, é que começas a meter-te em sarilhos por todo o lado… com a tua família, com as autoridades, com todos os elos concebíveis que alguma vez estabeleceste com outro ser humano. Toma isto como a prova gratificante de que já era mais do que tempo de a tua vida mudar!

«Quando a tua abordagem se conforma com as três grandes Leis, a tua mente (que pode não ter sido nem muito positiva nem muito negativa) oscila de repente para um extremo negativamente pouco característico. Isto provoca uma subida de todas as forças negativas suficientemente forte para influenciar a tua sorte na vida.

«Descobrirás que aqueles que te conhecem e amam melhor ficarão exasperados contigo. Até agora, provavelmente conseguiam prever a tua resposta a qualquer conjunto de circunstâncias. Agora, os teus processos de pensamento só os confundem. A maioria perguntar-te-á que diabo é que te aconteceu. Não te permitas protestos indignados quando isto acontecer. Protesta em silêncio e pesa a situação com muito cuidado antes de dares outro passo. Até o gasto dessa cautela pode criar energia suficiente para inclinar a tua polaridade para o seu extremo negativo!

«Tem ânimo. É necessário viajar de noite antes de se poder apreciar plenamente o dia. É assim que mudas de mudança. Viajas ao nível negativo para poderes passar dele ao ponto mais alto da tua compreensão. Se consultasses um clarividente, ele seria capaz de detetar a mudança nas cores da tua aura depois de mudares de mudança e poderia avaliar a melhoria na sua clareza e pureza.

«Pouco importa em que mundo estejas a viver — há sete planos de existência, e cada plano é mais positivo do que o que está abaixo dele — a autodisciplina elevar-te-á sempre acima das vibrações negativas da emoção ao nível astral e ajusta-te às vibrações da mente ao nível mental mais rarefeito.

«Quando tiveres avançado o suficiente para emergires ao nível mental, a tua vida anterior encolhe-se até ao seu aspeto negativo e o inferno solta-se todo! Darás por ti a tornar-te emocionalmente instável. Necessariamente: porque já estás a operar num comprimento de onda mental. Antes, tinhas sido "programado" para operar no comprimento de onda astral, ou emocional. Mas, enquanto te engrenas para o mundo mental, as tuas

emoções tomam o freio nos dentes e poderás sentir que foste atingido por um cavalo de carroça desgovernado.

«Saber o verdadeiro porquê e para quê, no entanto, dá-te noventa e nove por cento de hipóteses de vitória. Quando sabes que as tuas emoções te vão dar trabalho, vigia-las como um falcão; e o simples facto de as estares a vigiar mantém-nas, de algum modo, sob controlo.

«O Grande Ser protege os seus filhos a cada passo do caminho, por isso não desperdices tempo valioso com medos falsos enquanto sobes, montanha acima, o Seu trilho. Mas há um ponto de que é melhor lembrares-te! Como filho Dele, estás agora a tomar o teu bem-estar nas tuas próprias mãos e, por isso, é vital que adotes uma abordagem imparcial e te vejas como os outros te veem.

«Sei como é difícil desempenhar o papel de observador quando se está no centro do próprio mundo finito. O que pode ser mais importante do que aquilo que nos vai acontecer? Mas tens de te afastar e olhar para ti como apenas mais um membro da tua espécie particular. Esquece os teus gostos e desgostos pessoais. Esquece a necessidade de sobrevivência a qualquer custo. Arranca os óculos verdes que se colaram aos teus olhos.

«Estou a tentar persuadir-te a abrir os braços e abraçar objetivamente toda a humanidade!

«Um dos tabus mais perniciosos da sociedade tem agora de ser enfrentado sem rodeios. A questão do sexo na vida moderna; a diferença biológica entre homem e mulher. A resposta prática ao problema resolve-se com tanta facilidade que espero que não a consideres banal: lembra-te apenas de que o Grande Ser sabe o que é melhor para os seus filhos! Garanto-te que não há melhor lugar para treinar os reflexos do que no meio da azáfama da vida familiar quotidiana, onde o desafio é identificar-se com a humanidade como um todo, e não eleger-se a si próprio como o único seixo perfeito na praia.

«Um peixe individual no meio de um cardume preocupa-se apenas com a direção para onde os seus irmãos peixes vão, e o seu único medo é ficar para trás. Do mesmo modo, o cardume é uma entidade que divide o seu tempo entre alimentar-se e deslocar-se, cumprindo assim a sua função primordial. Estou certo de que a lógica de um padrão de vida assim seria

incompreensível para qualquer membro solitário do cardume, que, portanto, faz melhor em não tentar morder mais do que consegue mastigar.

Tu também tens de aprender a confiar na humanidade como um todo, em vez da tua esperança vã de seres o único peixe que sabe todas as respostas. Isso tornar-te-á mais fácil compreender o que é e o que não é essencial para o teu progresso como um deus embrionário prestes a entrar na incubadora olímpica.

«Até aqui, tudo bem. Agora vamos a coisas específicas. Essencialmente, temos de tentar compreender o que te move pessoalmente com a máxima eficiência. A melhor maneira de o fazer é descobrir o que és no esquema geral das coisas.

«És um mecanismo muito complexo, caso não o soubesses. Consistes num corpo físico; num corpo elétrico ou etérico para energizar o corpo físico; e num corpo astral ou emocional. O corpo etérico é, essencialmente, a plataforma de lançamento sob o físico e, portanto, parte dele. Retira a plataforma de lançamento e o corpo físico morre. Para além de tudo isso, tens um corpo mental. Por fim, no núcleo de todo o conjunto, está a tua alma imortal.

«O corpo mental tem de se resolver antes de poder perceber o seu parentesco com o físico, o etérico e o astral. Depois, de repente, diz a si mesmo: "Aqui está a minha mente, aqui estão as minhas emoções, e aqui está o meu corpo. Quem, se alguém, os está a ver através dos meus olhos? Qual é a soma total de todos os meus componentes?" Então essa entidade percebe que é, de facto, uma alma imortal: um Filho Pródigo a utilizar uma série de corpos para regressar intacto à proteção do Pai Eterno.

«Olha para as vidas das pessoas que amas e que, por isso, são as mais importantes para ti. Verás que a vida de cada homem se divide em cinco fases importantes. Desde a hora do seu nascimento, a alma que encarna tem vindo a aprender a ocupar a nova forma em que se viu metida. Até aos sete anos, está preocupada com o problema de como chamar a atenção para si e de como coordenar os seus membros!

«Entre os sete e os catorze anos, começa a desenvolver emoções; começa a experimentar amor. E começa a desenvolver um temperamento!»

«Aos catorze anos, enfrenta a crise da adolescência. O corpo emocional começa a assumir o controlo do corpo físico.

«A partir dos catorze, a intensidade aumenta até que a mente desperta aos vinte e um.

«Dos vinte e um aos vinte e oito, a mente avança até começar a aperceber-se de que há mais na vida do que inicialmente pensava.

«A partir dos vinte e oito, o corpo mental toma as rédeas e aprende a ajustar-se aos corpos emocional e físico, inferiores.

«Aos trinta e cinco, este processo deveria estar completo (se é que alguma vez vai estar). O homem está agora orientado mentalmente.

«Dos trinta e cinco aos quarenta e dois, torna-se consciente de outra coisa na vida. Isto deve-se à sondagem da sua alma, que agora procura meios de controlar a mente.

«Dos quarenta e dois aos quarenta e nove, este processo intensifica-se. Durante este período, o homem torna-se consciente da presença da sua alma.

«Dos quarenta e nove aos cinquenta e seis, apercebe-se de que há muito mais na vida do que "comer como um lord". Começa a perguntar-se se, de facto, alcançou alguma coisa na vida, ou se foi "tudo vaidade e só levou à sepultura".

«A conclusão é alcançada entre os cinquenta e seis e os sessenta e três. Ou decide cumprir a sua sentença até ao fim amargo, na esperança de que isso finalmente resolva o enigma da existência, ou eleva-se até ao nosso Plano Dourado. Pode atravessar uma interminável variedade de vidas, mas o padrão cairá sempre nestes ciclos de sete anos.

«Com isto em mente, tentemos coordenar o corpo físico, o corpo emocional e o corpo mental num belo instrumento afinado e simplificado. É este instrumento que nos permitirá emular Jesus e encontrar a divindade essencial dentro de nós próprios.

«O teu mundo finito está dividido em reinos: o reino mineral, o vegetal, o animal e o humano. Para aprendermos como os nossos múltiplos corpos reagem a cada um destes, teremos de começar pelo princípio. O mundo finito em que agora existes, juntamente com todos os outros mundos nesta galáxia, foi feito de energia tangível: por outras palavras, vibração.

«Deus, no princípio, estava sozinho num vasto mar de pensamento. Nada de tangível tinha ainda sido criado. Não pretendo conhecer a origem de

Deus nem o fim de Deus! Estou apenas a tentar dar-te uma hipótese razoável, para que me possas seguir com mais clareza.

«Suponhamos que Deus é omnipotente, omnisciente e omnipresente. Sendo que Ele existia, por que razão quis ter uma ideia de Si próprio, à parte de Si próprio? E, no entanto, quis. Separou de Si mesmo sessenta e três mil milhões de faíscas. Depois, com um poderoso esforço de vontade, rasgou uma fenda no vazio primevo e forçou, alargando-os, dois pontos de tensão até criarem uma abertura nesse vazio. Entre eles surgiu uma interação magnética, através da qual os universos e as galáxias puderam manifestar-se.

«À medida que se solidificaram, esses milhões de faíscas também puderam manifestar-se como matéria concreta. Nunca serão capazes de inverter o processo e regressar à fonte de onde vieram, até serem suficientemente autónomas para passarem elas próprias pelo processo.

«Fica certo de que só então, e apenas então, conseguirão compreender que existem. Por outras palavras, só Deus sabe e vê e compreende quem e por que razão Ele é.

«Toda a matéria é vibração. A água é um líquido; podes segurá-la num copo à tua frente e olhar para ela; podes vê-la, podes tocá-la, por vezes até a podes cheirar. Se aplicares calor a essa água, aceleras a vibração e ela transforma-se em vapor. Se desacelerares a vibração, transformas a água em gelo sólido.

«Gelo e água e vapor consistem todos dos mesmos componentes; mas, à medida que a vibração acelera ou abranda, adquirem três atributos inteiramente diferentes. A taxa de vibração das moléculas de óxido de hidrogénio, que compõem a água, é o único fator diferenciador. Gelo, o sólido; água, o fluido; e vapor, o gás; todos são bastante independentes uns dos outros ao nível físico; todos continuam a ser uma só e a mesma coisa; todos são diferenciados apenas pela taxa de vibração molecular. Todo este universo assenta neste princípio. Tudo é vibração.

«Os filósofos orientais sustentam que tudo é luz. O próprio Jesus disse que tudo é luz. E esta interpretação de luz refere-se simplesmente à sua taxa de vibração molecular, que, na sua forma mais elevada, nós não conseguimos percecionar.

«Deves também ter em mente que, enquanto és um espírito mortal num corpo animal, o teu único contacto com o mundo à tua volta é através dos

cinco sentidos: sentir, tocar, ver, ouvir e saborear. Se nenhum desses sentidos estivesse disponível para ti, bom irmão, se não pudesses ver nem ouvir, serias um vegetal não orgânico! Percebemos o mundo à nossa volta apenas através desses cinco sentidos.

«Podes dizer que os raios X não existem, simplesmente porque não os consegues percecionar? Sabes que existem quando vês as radiografias que permitem ao médico endireitar um osso partido. E, no entanto, não consegues sentir um raio X. Não o consegues tocar. Não o consegues cheirar. Nenhum dos teus sentidos te pode alertar para a presença de um raio X. E, contudo, ele existe. Tens prova irrefutável disso.

«Não há muito tempo houve grande alvoroço num hospital belga porque duas agulhas de rádio que tinham sido usadas no tratamento de cancro desapareceram pelas condutas juntamente com os tecidos doentes. Ninguém conseguia cheirar, sentir, saborear, tocar ou ver a radiação dessas agulhas. Mas, assim que se descobriu a perda, o médico limitou-se a andar por todo o lado com um contador Geiger até que o ruído da radiação os levou ao ralo que escondia as agulhas. Nenhum dos seus sentidos humanos poderia ter detetado a existência daquele rádio; mas, felizmente, isso não alterou o facto de o rádio existir!

«Por isso não desacredites necessariamente uma coisa só porque não a podes examinar a olho nu! Continua a evoluir e desenvolverás poderes extrassensoriais que te permitirão percecionar até as bandas de vibração mais sensíveis.

«Bem, retomando onde ficámos: temos esta força, Deus, a criar sessenta e três milhões de faíscas a partir da Sua própria energia e depois a lançá-las no mundo da matéria… um mundo, lembra-te, que só veio a existir quando dois pólos magnéticos foram forçados a separar-se: um pólo positivo e um pólo negativo. No campo magnético entre esses dois pólos, a vibração abrandou até se coalhar em gases abrasadores e quentes. À medida que mais energia escapava, assim também se solidificou no sistema planetário tal como hoje existe. Este novo campo de energia atraiu as miríades de faíscas de divindade, arrastando-as para o fundo da matéria mais lenta e mais densa.

«É a diferença na velocidade de vibração que distingue um estado físico do seu vizinho — lembra-te do gelo, da água e do vapor? — e, como a vida mortal está aprisionada ao nível muito denso da matéria, terá de abrir caminho de volta à sua fonte divina.

«Foi isto que eu realmente quis dizer quando falei do caminho íngreme de montanha de regresso a Deus.

«A energia terrestre aprisionada entre os dois pólos divergentes divide-se em quatro reinos separados: o mineral, onde a taxa de vibração é mais lenta; o vegetal, onde a taxa de vibração é um pouco mais rápida; o animal, onde a taxa é mais rápida ainda; e, por fim, o reino humano, onde o espírito se viu pela primeira vez sufocar em matéria inanimada. Gradualmente, à medida que a evolução afetou estas zonas separadas, os neutrões e os eletrões foram forçados a reorganizar-se; e quando alguns se tornaram radioativos, a força vital evoluiu no reino mineral.

«A força vital expandiu-se depois para abranger o reino vegetal. Aqui quero deixar-te claro que o átomo, quando finalmente alcança a radioatividade, irradia a soma total da sua energia e depois regride lentamente, inerte como chumbo; mas a molécula que é capaz de subir ao reino vegetal é assimilada por uma raiz e torna-se parte de uma planta. Por outras palavras, evoluiu uma entidade organizada, tendo recorrido aos vários minerais para dar origem a um novo padrão de existência. Quando a planta é assim afetada, torna-se uma nova forma de vida independente dos seus antecedentes, e uma alma é trazida à existência, ainda que não seja capaz de escolher o seu próprio habitat. Tem de aceitar aquilo que o vento e a chuva e o sol escolhem trazer, e fica à mercê deles.

«Em seguida, gradua-se para o reino animal, onde é capaz de desenvolver um sentido de individualidade. Agora consegue afastar-se de ambientes que não lhe convêm. O animal pode abrigar-se debaixo de uma árvore próxima, em vez de morrer com o calor do sol. A maior variedade de escolha permite à unidade de força vital comandar muito mais do seu ambiente.

«Agora tem lugar o terceiro grande passo. O animal está a tornar-se uma entidade pensante e coerente. Ainda tende a viajar em grupos; mas cada animal, sendo um indivíduo, é uma entidade em si. Quando o animal se torna suficientemente individual para ter consciência de si, começa a escolher a sua companhia, experimenta prazer e medo e foge do perigo. E quando compreende as suas necessidades básicas, começa a simplificar o processo de capturar a sua presa.

«O reino mineral é comparável ao nosso corpo; é matéria inerte. Deixado a si mesmo, seria demasiado inerte para saber que existia! O reino

astral existe no nosso corpo emocional. Não tem laços com o reino vegetal, onde a vida só pode responder à luz em que cresce e floresce.

«O reino animal é capaz de usar a mente para se preservar. Pode escolher o alimento que o manterá vivo. Não o torna isto parte do reino mental também? E não completa isto o paralelo entre os nossos três corpos e os três reinos logo abaixo de nós na escala evolutiva?»

«Nunca faz mal apreciar quão intimamente o reino humano, que habitas conscientemente, te liga aos elementos de onde vieste, ainda que estejam envolvidos éones de tempo mortal.

«Pequenas formas de vida sencientes continuam a evoluir através destes três reinos; primeiro para o animal e, por fim, para o reino humano, onde adquirirão almas.

«O elefante e o boto são duas das inteligências mais altamente evoluídas do reino animal. Não é razoável supor que cada um deles tem pleno direito de evoluir para o reino humano e habitar uma alma humana?

«Pensa nas vezes em que viste um homem comer como um porco, ou lutar com a coragem de um leão, ou gabar-se de uma memória total como a de um elefante. Os símiles bem podem ser factuais! Na verdade, posso dizer-te que normalmente o são! Ajuda-te isto a apreciar exatamente o que és? — o resultado complexo de um longo processo evolutivo!

«Bravo, bom irmão! Estás a adotar a atitude do observador imparcial com grande estilo! E, quando por fim te polarizares no plano mental, o desequilíbrio entre o plano astral e o plano mental recuperará o seu equilíbrio. Isto terá ainda o efeito de promover a tua alma para um lugar acima do plano mental. Isso, por sua vez, ativará um equilíbrio negativo que terá de ser convertido em positivo; o que te dará uma ideia grosseira do alvoroço que vai ocorrendo, ao mesmo tempo, nos teus três corpos superiores! O plano da alma está a desenvolver uma tendência negativa; o mental inclina-se cada vez mais para o positivo, enquanto o astral se afunda cada vez mais abaixo do horizonte. Admira-te que o teu padrão de vida se esteja a desfazer pelas costuras?

«Mas não abandones o barco. O teu instinto de sobrevivência, que trazes de fábrica, acabará por trazer harmonia a estes três níveis discordantes.

«A primeira posição a defender, (e eu vejo isso a acontecer agora dentro de ti) será o cenário de extrema confusão. Isto manifestar-se-á, cada vez com mais força, como falta de raciocínio lógico até que, por fim, se exponha como medo corriqueiro.

«É um medo que podes vencer facilmente, desde que compreendas o que o provocou. Acabará por ter de se esgotar. Entretanto, porém, fará o possível por se manifestar a cada oportunidade. Começarás a duvidar se realmente sabes distinguir o certo do errado. Certamente sentirás que não devias ter posto o pescoço tão de fora. E recordarás, com amargo humor, quão feliz eras antes de tudo isto começar!

«Mas lembra-te sempre, bom irmão, de que avançar significa sempre abandonar o velho, o que explica porque o teu equilíbrio normal se tornou agora o convés do *Titanic* a adornar. À medida que começas a duvidar de ti, duvidas do mundo à tua volta. Terias toda a razão se até duvidasses da minha sanidade quando te incentivo a avançar, custe o que custar!

«Mas, à medida que começares a recuperar o controlo do teu equilíbrio, perceberás que estás a fazer progressos vitais; e, já que tens de passar por isto agora, bom irmão, porque não decidir apreciá-lo? Vou repetir-me: aprende a apreciá-lo! Não ganhas nada se deixares que o medo entupa os teus processos de raciocínio. Sempre que te sentires inseguro, volta atrás e reexamina a causa na tua mente, e descobre exatamente quão válida ela era.

É uma coisa curiosa: quando agarras firmemente numa inquietação e a expões à luz do dia, ela diminui até se tornar no ténue sopro de nada que sempre foi. Não sobrevive a ser examinada pela tua mente, porque, em factos frios e duros, nunca existiu; foi apenas uma alucinação nascida da dúvida sobre ti próprio. Este é o momento de te lembrares de que és um ser composto, com quatro corpos de energia que, por fim, têm de vibrar em uníssono.

«Durante os últimos cinco ou seis séculos, tens vivido a uma taxa de vibração que devora a tua energia astral, ou emocional. A vida é uma escada em caracol de perceção de si sempre em evolução. Se vives quinhentos anos num plano astral, o corpo astral é obrigado a desenvolver uma medida de autoconsciência, bastante independente da alma residente.

«Porque haveria de surpreender-te, então, que, quando começas a elevar as vibrações desse corpo teu tão potente, o astral se recuse a entregar

o pequeno quinhão de independência que conseguiu ganhar? Vai lutar pela própria existência, bom irmão! E esta é a razão das dúvidas que inundam a tua mente. O astral tem sido um bom e fiel cavalo de sela que agora é mandado para a pastagem porque um cavalo novo e muito mais poderoso está a ser preparado para o substituir no estábulo. Claro que quer protestar — e protesta! A melhor maneira de o controlar é garantir que cada ordem que recebe é dada corretamente e é absolutamente necessária para o bem último de todos os envolvidos. Uma vez silenciadas estas dúvidas, podes começar a ver a floresta apesar das árvores.

«Se, porém, sentires que demasiadas dúvidas se abateram sobre ti para conseguires separar o principal causador de problemas de todos os seus cúmplices, esquece o assunto inteiro, bom irmão! Vai para o ar livre e ocupa-te com trabalho duro — qualquer tipo de trabalho duro; cava um buraco com um metro de profundidade e um metro de lado e deixa-o assim até à próxima vez que as tuas dúvidas te assaltem. Depois vai e volta a enchê-lo!

«Ou, se preferires, corre dois ou três quilómetros, de modo a esgotares o teu corpo físico. Mas prepara-te para correr até o suor te escorrer aos baldes! Aumentarás o fornecimento de energia do quadro elétrico etérico que alimenta o teu corpo mortal. Quando é forçado a operar à potência máxima, empurra energia do corpo astral acima dele. E então as tuas dúvidas desaparecem. Têm de desaparecer. Não há energia que sobre para as operar. Esgota o corpo, toma um duche quente, veste um pijama fresco e vai para a cama. Dormirás como um bebé. Este é um procedimento de emergência, a usar quando as coisas parecem ter saído do controlo. E funciona, bom irmão, funciona mesmo!

«Esta questão do medo e da dúvida também pode ser diagnosticada como "esgotamento nervoso", ou ampliada para "acabei de perder completamente o juízo antes de dar em doido!" Significa simplesmente que nenhum de nós, irmão, é habilidoso o suficiente para se manter na sela quando uma convulsão crónica põe em debandada os seus corpos em série, acima e abaixo do nível consciente.

«Outra coisa que gostaria que fizesses (mesmo que isso perturbe um pouco o teu modo de vida) é levantar-te pouco antes do nascer do sol e escancarar a janela. Observa o nascer do sol até ele coroar o horizonte. Quero que desfrutes da beleza das cores da aurora, dos matizes sempre mutáveis das nuvens. Quero que vejas as colinas sombrias dissolverem-se subitamente

nos matizes brilhantes do dia. (Se o dia estiver nublado e chuvoso e não vires qualquer brilho do sol, recorda o nascer do sol do dia anterior e revive-o na tua mente.) Acima de tudo, quero que abras o teu coração e te banhes na paz e no silêncio com que o nosso Pai recompensa cada um de nós, mesmo que apenas uns poucos sortudos o apreciem.

«Abre as portas do teu coração e dá-Lhe os teus agradecimentos amorosos. Num instante, o amor do nosso amado Pai fluirá de volta para ti cem vezes mais e perceberás que, mesmo aqui, em termos mortais, és de facto Seu filho.

«Quando dominares esta forma simples de meditação, encontrarás sempre alívio dos pequenos aborrecimentos à tua volta. Tudo o que terás de fazer é sentar-te em silêncio num lugar recatado e recriar a paz tranquila que conheceste quando acolheste aquela aurora perfeita.

«Também terás ajudado a integrar esses quatro subcorpos irrequietos que possuis, mesmo no seu auge de motim. Esta "paz para além do entendimento" pode filtrar-se através de ti até te encher de serenidade. É então que podes abrir caminho para o ganho positivo ao nível mental.

«Depois disso, bom irmão, podes investigar o mundo à tua volta com o pensamento claro que reflete uma intuição devidamente equilibrada.»

«Agora, avancemos com os teus quatro subcorpos e vejamos como se correlacionam com o teu ego consciente. Bom irmão, se fores sensato o suficiente para considerares o teu corpo como um templo construído para um filho de Deus habitar, não é justo que ele permaneça um crédito para o Proprietário Original, a quem terá de ser devolvido um dia? Quando despertares no plano mental, perceberás que és, e sempre foste, um filho de Deus. Sentirás que sempre te comportaste como tal, mesmo quando estavas na fase de casulo na Terra; metade lagarta meio moribunda e metade borboleta por vir?

«Quem espera reclamar o seu direito de nascença na presença do nosso Pai tem de seguir a Sua estrada. Por isso, bom irmão, estamos definitivamente a ir a algum lado! Vamos definitivamente produzir efeitos que podem muito bem ser desconcertantes quando os percebemos pela primeira vez. Mas, assim que entendermos o que são e porque estão a acontecer, deixarão de nos surpreender. Só os poderemos acolher.

«Por isso sustenta a tua fé, bom irmão: em ti próprio e no Caminho. Ele dura desde que Adão pisou a Terra, e é tão tangível quanto eterno. Procura os meios de te tornares um criador, como o teu Pai desejaria.

«De mãos dadas com toda a tua confusão está um sentido paralisante de solidão. Isto é um resultado direto do curso alterado da tua polaridade. Confrontada com a polaridade mental positiva, a polaridade astral outrora positiva começou a soçobrar. Como estás em conflito com todos os que cruzam o teu caminho, a tensão afeta o teu sistema nervoso, e a solidão predominará até que, por fim, tomes as rédeas de ti próprio.

«Esta solidão desamparada não é algo novo. Foi sofrida por todo o irmão suficientemente determinado para pôr o pé no Caminho. Ele tem necessariamente de recuar cinco milhas no negativo para avançar seis milhas no positivo. Como estás agora a entrar na Grande Irmandade dos Homens, ou a "Irmandade da Luz", abrirás caminho por um banco isolado de solidão antes de poderes reclamar igualdade com a companhia emancipada de que agora és um membro júnior.

«Começa-se a subida do Caminho sob as condições caóticas causadas pela mudança de polaridade; por isso, a solidão esmagará. Prepara-te para isto, bom irmão. Estás só, ficarás só. Ninguém (assim pensarás) compreende a crise em que te encontras.

«Isto é bom. Antes de um piloto ser confiado com grandes aeronaves comerciais, tem de ser bem-sucedido numa série de voos a solo.

«Antes de poderes qualificar-te como um dos grandes da Irmandade da Luz, também tu tens de aprender a tomar a tua vida nas tuas mãos e a moldá-la até que ela responda com perfeita obediência. Quando isso acontecer, o teu sufocante sentido de desolação será substituído pela companhia da Irmandade; a qual, por sua vez, conduzirá ao calor e à proteção do teu Pai.

«O objetivo último deste Caminho é a reunião com Deus Eterno, não a completa aniquilação de ti próprio. É semelhante a uma gota de água colocada no oceano. Funde-se com o todo desse oceano e, no entanto, conserva a sua independência; podes sempre tirar essa gota do oceano outra vez.

«Esta solidão intensa é apenas a separação necessária de ti do fluxo e refluxo sem sentido da vida mortal. À medida que avanças no Caminho,

aprenderás a fundir-te com o que te rodeia. A partir desse momento, nunca mais voltarás a estar só.

«Mas, nesta fase, bom irmão, a solidão é essencial ao teu desenvolvimento. Aceita-a com boa disposição, porque é prova viva de que te elevaste acima dos limites da manada comum. Só isso basta para te fazer sentir que agora vives num vazio.

«Tenta pensar na humanidade como o plâncton à superfície de um mar turvo e fervilhante. Ao longo das suas margens, uma espécie benigna de espírito observa atentamente a superfície escura da água. Sempre que uma das almas obscuras, a emergir, aceita a responsabilidade do seu próprio destino, revela a sua presença aos observadores ao emitir um pequeno lampejo errático de luz.

«Assim que os observadores veem esse brilho, libertam a alma da massa fervilhante da humanidade e colocam-lhe os pés no Caminho ascendente. É precisamente neste momento, quando a alma se sente separada dos seus irmãos, que a solidão se impõe com toda a sua força. Regozija-te com ela, bom irmão! Sê feliz, porque esta é a prova positiva de que tu és realmente um filho de Deus, e não um naco de barro mortal!

«Mais tarde, auxiliares mais potentes e poderosos do que eu assistirão ao teu desenvolvimento; mas, para "pôr a bola a rolar", tiveste de fazer um esforço sem ajuda para te ergueres fora da massa. Só assim nos pudemos aperceber de ti.

«E basta que olhes para trás, para essa massa fervilhante de onde vieste, para veres que mesmo ali as Leis do Grande Ser operam continuamente, fazendo rodopiar as águas lentas para cá e para lá, até que uma ou outra das almas embrionárias começa a pulsar.

«Isto é a essência do processo evolutivo natural, sem pressas, que faz avançar a humanidade; e, nesta fase, contento-me em medir o desenvolvimento da humanidade pelos quatro reinos que a confrontam na natureza.

«Houve muitas civilizações no passado, através das quais o homem se desenvolveu. Habitou pela primeira vez o seu "corpo múltiplo" na civilização Lemuriana, quando a alma residente se apropriou das funções do corpo e aprendeu a exercer os seus cinco sentidos, preparando-os assim para o mundo da encarnação. Por "funções do corpo" refiro-me aos sentidos de

visão, audição, olfato, tato e sensação. Com o uso destes cinco sentidos, o corpo alinhou-se com a grande Lei Cósmica do Fluxo e Refluxo.

«Depois surgiu a civilização Atlante. Foi aqui que a alma aprendeu a controlar o corpo astral.

«No presente, és uma engrenagem na civilização Ariana. É agora que a humanidade começará a obter controlo do corpo mental.

«Na civilização que substituirá esta, haverá uma coordenação consciente dos três corpos que o homem desenvolveu até agora.

«Agora vês como, ao separares-te do grosso da humanidade, disparaste tão à frente que até ultrapassaste os seus líderes mais augustos? Assim, ponho-te a questão: o teu sentimento de "intocabilidade" é, na prática, uma confirmação maravilhosa de que estás a avançar pelo Caminho certo!

«O que nos traz de volta à Lei dos Opostos Polares. Quero que encares esta Lei de um ponto de vista objetivo, como se estivesses de lado a observá-la como um espectador. E este é um momento tão bom como qualquer outro para tratar da questão do Mal.

«Quando teve lugar a génese humana, o Pai Eterno criou um ponto de crise ao arrancar, separando-os, dois centros na substância primeva, para que as forças magnéticas pudessem entrar em jogo no vazio entre eles. Usei a palavra magnética para dramatizar a intensa taxa de vibração causada pela separação dos pólos no vazio primevo. Toda a manifestação subsequente resultou disso. Onde um pólo é negativo e o outro é positivo, a nossa hipótese de sobrevivência depende da nossa capacidade de nos mantermos no caminho estreitíssimo da zona intermédia, onde o positivo e o negativo se anulam, deixando apenas a zona de neutralidade.

«Um dia, a ciência descobrirá que o valor básico dos aminoácidos não se limita ao seu uso como bloco de construção básico das proteínas que constituem 90% do sangue e 80% dos tecidos. Quando associados à enzima, os aminoácidos provocam um aumento tão marcado na taxa vibratória de todo o sistema que elevam a consciência de cada célula até aos domínios do astral. Quando todas as células atingem um impulso igual de vibração, a consciência do corpo é intensificada até o astral poder ser realmente percecionado.

Provas tangíveis da dimensão astral ao nível físico explicam fenómenos como apports e materializações. Mas uma clara maioria das células do corpo tem de conseguir atingir esta taxa elevada — daí a insistência oriental numa mente pura, que eliminará automaticamente a molécula de baixa vibração. Toda a força motriz do Budismo deriva deste facto. O que mais são as quatro nobres verdades e o caminho óctuplo? E, pelo uso óctuplo de uma perspetiva sã em pensamento, palavra e ato, purificamos a taxa vibratória de todo o sistema.

«"Tudo o que somos é o resultado do que pensámos."»

«A mente pode controlar por completo o corpo impedindo que os aminoácidos vitais passem por um processo de degradação animal. Em vez de os expelir do sistema como ureia, a mente pode redirecioná-los para se combinarem com as enzimas até atingirem a velocidade correta de vibração. Quando as células do cérebro são igualmente afetadas, a perceção do astral pelos órgãos sensoriais torna-se possível.

Os não iniciados, que tropeçam neste nível simplesmente por viverem uma vida decente, veem e ouvem ecos enevoados do real. Estes só podem "fazer barulho na noite" e enchê-los de medos pela sua sanidade! O astral é sempre o grande enganador, mas acabará sempre por, a contragosto, render os seus segredos à mente iluminada. A chave de todo o processo é simplesmente a vibração; tanto assim que os planos material, astral, mental e espiritual podem todos coexistir na mesma área; e, no entanto, o inferior permanece sempre alheio ao nível superior.

«Uma toxina letal pode ser criada simplesmente abrandando a taxa vibratória da célula em causa. Quando ganha controlo do ritmo das células, um homem pode sorver venenos mortíferos impunemente. Só tem de acelerar a vibração na sua mente, lembrando-se sempre de que a matéria astral responde direta e instantaneamente ao pensamento. Esta é a previsão de "mover montanhas" num contexto ligeiramente diferente.

«E este é o Caminho pedregoso e ascendente.

«Para encontrares este Caminho, tens de ser capaz de te imunizares ao positivo e, depois, emergir dele com sucesso suficiente para te imunizares ao negativo. Então, e só então, saberás quando estas duas forças estão exatamente equilibradas. Isso, bom irmão, nos termos mais simples possíveis, é a única maneira de distinguir o bem do mal.

«Não subestimes nem sobrestimes o poder do mal. O bem e o mal são variações das mesmas vibrações, e ambos existem, independentemente do teu ego ou do meu. São vibrações criadas pelo nosso Pai; por isso, enquanto eu empregar uma força natural para o bem, estou seguro dentro dos meus limites naturais.

«Tomemos o caso hipotético de um homem que emprega essa mesma força para promover o mal. Isto torna a força em si algo de mau? (Esta é uma distinção que te encorajaria a fazer.) A força, certamente, não tem culpa nenhuma. A alma que manipula a força pode manipulá-la para o bem ou para o mal; como resultado, a Lei da Retribuição entra em ação. Se manipulares uma força para o bem, serás recompensado na mesma moeda; manipula-a para o mal e também receberás tanto quanto deste!»

«Este é o padrão divino, e não pode ser contornado com conversa fiada por um mentiroso plausível. Por isso, nunca consideres quaisquer dos poderes do nosso Pai como bons ou maus. São todos imparciais. Quero que esqueças o teu conceito rígido e arrumadinho de mal e percebas que não existe tal coisa como uma força do mal.

«Existe, sim, uma força a ser usada para o mal; mas, mesmo então, a força em si não é má.

«Não estou a negar a existência da Fraternidade Negra. É-lhe permitido existir. São almas que exploram a energia do cosmos para os seus próprios fins egoístas e fazem ouvidos moucos ao efeito disso em amigo ou inimigo. Mas são travadas por um travão interno. Nunca poderão esperar progredir para além do domínio do controlo mental.

«A alma, sendo evanescentemente boa, não pode participar num ato que possa resultar em mal. A Fraternidade Negra pode tornar-se perita em dominar as forças naturais nos seus corpos físico, emocional e mental; mas não pode progredir para além desse ponto. As que tentaram avançar para além do estágio mental reativaram também as suas almas imortais; e então trava-se um conflito interno entre a alma positiva e a mente negativa, e o perpetrador é atirado de volta ao fundo da escada da evolução. Isto implica uma longa e sombria subida, na qual a alma tem de se elevar de novo, desde a matéria elementar, até recuperar o autorrespeito.

«Não há necessidade de temer nem de lamentar a Fraternidade "má"; lembra-te apenas de que continuam a ser teus irmãos desviados, mesmo quando põem uma autoengrandecida tola à frente da salvação mútua.

«Para exorcizares qualquer coisa "má" que te tenha perseguido no passado, bom irmão, envia-lhe amor. Envia-lhe a tua bênção. Envia-lhe a tua oração profunda e sentida para que evolua para a alma perfeita que o teu Pai pretendia que fosse, antes de se ter perdido.

«Esta é a arma mais poderosa que tens nas mãos. Se estiver demasiado velho no mal para ser reformado de um golpe, pelo menos envergonhá-lo-ás a tal ponto que ele porá a maior distância possível entre si e ti!

«O teu pensamento de amor é positivo; e todo o pensamento positivo que incide sobre um pensamento negativo invalida uma parte dele; não tarda até já não poder existir.

«É uma manhã luminosa e soalheira. Elizabeth, uma encantadora jovem de dezanove anos, caminha por uma rua acabada de regar. Tudo está limpo, tudo está fresco e novo. Há leveza no seu passo. E, no entanto, na testa tem um pequeno franzir preocupado.

«Elizabeth está prestes a ficar face a face com uma das maiores tragédias da tua sociedade polida, bom irmão. Dentro de quarenta e oito horas, casará com o homem que ama profundamente. John é um jovem arquiteto. À entrada da sua profissão, é o orgulhoso possuidor de um rendimento razoável. O futuro destes dois espera-se muito, muito risonho. Ela é a secretária confidencial do diretor-geral de um grande conglomerado, o que lhe dá um bom rendimento por direito próprio. Os rendimentos combinados permitir-lhes-ão construir a casa dos seus sonhos. Porque, então, esse pequeno franzir preocupado?

«Foi criada a pensar no sexo como algo que "não é bem bonito". Disseram-lhe que os seus problemas era melhor deixá-los de lado até casar com o homem que ama. Depois, ao toque de alguma varinha mágica empolada, tudo se resolverá na perfeição. Mas ela tem consciência intuitiva de que, quando partilharem a primeira noite da lua de mel, terá de fazer uma inversão completa e esquecer tudo o que lhe ensinaram. Como pode ela ser feminina e entregue, compreensiva e reconfortante e, ainda assim, sexy?

Este bicho-papão horrível e repulsivo contra o qual a avisaram tantas vezes, este "mantém-te pura até te entregares ao homem que amas", vem

cobrar o seu preço, mesmo sendo Elizabeth uma das poucas sortudas que andaram numa escola onde se ensinava um pouco de biologia com cautelas. Ela sabia o que era sexo, sabia porque existiam dois sexos opostos e em que diferiam, mas quanto à função natural do sexo na sua vida, permaneceu completamente ignorante. Bom irmão, que hipótese de sucesso tem esse casamento? Ela completamente ignorante, ele igualmente?

«O sexo é, fundamentalmente, um sacramento sóbrio. De facto, é um microcosmo da criação de toda a vida neste planeta. E, no entanto, a humanidade, na sua paixão por padrões duplos e sepulcros caiados, sufocou o assunto como uma porca que se deita sobre a ninhada num chiqueiro.

«O resultado são aberrações mentais e astrais aos biliões.

«Há três aspetos do sexo que o homem tem de aceitar pelo que são. O primeiro é o sexo físico *per se*, o meio nu e sem vergonha pelo qual a espécie humana se reproduz. O segundo ocorre quando elevas a energia da tríade inferior de modo a que se combine com a tríade superior para estimular o centro cardíaco. O terceiro é quando os centros pineal e pituitário (o primeiro dos quais fica entre as sobrancelhas, o segundo no centro do crânio) se tornam tão estimulados que entram numa interação mútua até que isso, por sua vez, desperta as respostas da alma.

«Já te disse como o nosso Pai criou um ponto de tensão a partir do vazio primevo, criando assim um vasto embrião magnético que resultou na criação do cosmos. Tudo estava numa escala inconcebivelmente grande, aos olhos de um mortal; ainda assim, isso estabeleceu o padrão para toda a criação, um padrão mais bem descrito como o funcionamento da Lei dos Opostos Polares.

«Não me refiro ao Ártico ou ao Antártico. Estou a falar de um pólo positivo e de um pólo negativo. Quando finalmente chegamos à criação do homem na Terra, descobrimos que Ele criou simultaneamente a mulher: sendo o homem negativo e a mulher positiva.

«Quando comparamos o corpo físico do macho com o da fêmea, há apenas uma diferença infinitesimal entre eles; e até essa se limita aos órgãos reprodutores. Bastaria "externalizar" os órgãos reprodutores femininos para a transformar num macho. Em todos os planos espirituais superiores, os seus corpos são idênticos; por isso é óbvio que estes dois Opostos, ao nível físico, foram criados apenas para conveniência dos espíritos que encarnam. Homem

e mulher só se identificam como opostos para garantirem a nova vida que procura admissão no mundo físico.

«É aqui que aparece a vespa no monte de lenha, bom irmão! Considera a vaidade com que dedicamos tanta atenção e cuidado aos nossos corpos. Chamamo-los os nossos templos. Protestamos que são tudo o que temos; que, se eles se desmoronarem, nós colapsaremos no caos.

«A hipérbole é demasiado vaidosa.

«Chegamos mais perto do essencial se tomarmos o carro que compraste há três anos. Está a mostrar sinais de desgaste e, além disso, tu já estavas a começar a fartar-te dele. Compraste-o originalmente com o propósito de viajar de um ponto do mapa para outro; e, ao ires de carro em vez de a pé, poupaste-te muito tempo e trabalho. Assim que desenvolveu problemas, entregaste-o à troca sem qualquer escrúpulo.

«O teu funcionamento interno tem muito em comum com o teu carro envelhecido, bom irmão. Só consideras o teu corpo importante porque, sem ele, não haveria "tu" no teu planeta mundano. Da forma como te observamos, a tua alma é o teu único elemento permanente; o teu corpo é apenas um conveniente corta-vento que pediste emprestado durante a tua estada num plano muito impermanente.

«Espero que isto também te ajude a compreender porque ninguém aqui derrama sequer uma lágrima de crocodilo quando ciclones e terramotos dizimam as vossas populações. Estamos habituados a dar as boas-vindas a todos os participantes de regresso aqui, mesmo quando voltam cem mil de cada vez!

«Para a alma ainda tenra, é claro, é uma dificuldade quando a sua experiência na Terra é terminada demasiado abruptamente; mas até a alma tenra é sábia e paciente nas coisas vitais, e fica perfeitamente contente por esperar aqui até que um corpo de carne adequado fique disponível, permitindo-lhe reencarnar.

«Ninguém do nosso lado volta a pensar no assunto!

«Por isso, com todo o choro e lamento e ranger de dentes que obscurece e distorce a questão no vosso mundo, aqui em cima consideramos um fenómeno letal como mais um rangido na engrenagem da evolução e

damos-lhe a nossa cooperação total. Nós, afinal, somos a única verdadeira estação de receção para a alma desapossada.

«Por isso, bom irmão, nunca cometas o erro de pensar que o teu Pai, em toda a Sua misericórdia, se esqueceu de uma alma no plano terrestre. Ele não poderia esquecer um dos Seus filhos mais do que poderia desaparecer de cena Ele próprio.

«Jesus deixou isto claro com a sua ênfase na morte do pardal.

«É a atitude que todos partilhamos aqui; pois estamos demasiado longe para debater os prós e os contras de ser o orgulhoso possuidor de um corpo humano, ou sequer questionar se isso é importante ou não. É apenas bom senso, afinal, cuidar bem do teu corpo enquanto o alugas. Se não o fizeres, ele pode facilmente recusar-se a servir-te. Nesse caso, voltarás para aqui. Aqui, ficarás impaciente por entrar num corpo terrestre novinho em folha o mais depressa possível, para que possas acrescentar cúbitos à experiência que estás a construir. Mas o corpo, mesmo o teu no seu melhor, não é mais do que um veículo! Se queres que te sirva bem, trata-o como tratarias um cavalo puro-sangue no teu estábulo. Se o maltratares, terás de encarnar vezes sem conta antes de alcançares a tua quota necessária de experiência.»

«O aspeto do sexo físico pode já ser coisa batida para ti, bom irmão, depois de viveres metade da tua vida no teu próprio canto do mundo finito. Afinal, é um impulso puramente animal dedicado à propagação da espécie. O psicólogo Freud definiu muito bem o seu valor quando dividiu o campo da atividade humana em três arenas: a arena do trabalho, a arena do lazer e a arena do sexo.

O homem mortal tem de funcionar eficazmente em cada uma destas arenas se espera manter o equilíbrio. Se funciona no lazer e no sexo, mas não no trabalho, muito depressa ficará vulnerável a perturbações mentais e emocionais. Do mesmo modo, o homem que trabalha e que se diverte, mas sublima o sexo, achar-se-á muito rapidamente metido num beco sem saída neurótico. Tens de funcionar normalmente nas três áreas antes de seres elegível para o teu teste de sanidade.

«A única forma de lidar com o sexo físico *per se* é tratá-lo exatamente como tratas as outras necessidades básicas do teu corpo — a necessidade de comer, a necessidade de beber e a necessidade de dormir. Mantém-nas sob o controlo da tua mente. Nunca permitas que a cauda abane o cão!

«Sabes perfeitamente que, se comeres demais, engordas. Se deixares a mente arbitrar, ela reduzirá a ingestão e controlará a ganância. Do mesmo modo, a mente tem de controlar o gosto pelo sexo físico, para que ele só opere no momento certo e no lugar certo. O impulso em si é básico e tem de ser satisfeito, mas que seja servo da moderação!

«Porque a espécie masculina é de uma polaridade negativa dominante e a feminina é de uma polaridade positiva, o macho tende a pensar em si como superior, não só em força física, mas ao nível mental. Paciência para ele! O macho é negativo e, quando digo isto, quero dizer que todo o seu organismo é totalmente negativo.

«Como disse antes, basta externalizar os órgãos reprodutores da fêmea e terás um macho. Astral e mentalmente, a mulher é a mais forte porque é de polaridade positiva; é ela quem preserva a vida recém-nascida até que possa valer-se por si.

«Agora, observemos mais de perto a rede do corpo etérico: pequenos fios a brilhar em dourado; são as fontes de energia. Ao longo da coluna vertebral há sete centros luminosos. A começar pela base da coluna, o primeiro centro é o basal. Acima dele está o sacral, situado aproximadamente no centro da bacia. A seguir vem o plexo solar; acima dele está o centro cardíaco; acima do centro cardíaco está o centro da garganta. Depois vem o centro entre as sobrancelhas (outrora a localização do terceiro olho); por fim vem o centro da cabeça.

«O quarto centro, o coração, é o centro-chave, o equilibrador. É necessário que os três centros inferiores se apresentem como pontos giratórios e luminosos, todos a arder com a mesma intensidade. Depois, os três centros superiores devem ser coordenados numa atividade semelhante.

«Quando o triângulo inferior e o triângulo superior estão equilibrados em energia, o centro cardíaco pode então uni-los e sobrepor o superior ao inferior.

«Isto, bom irmão, é o casamento místico que terás de experienciar, pois resulta na perfeição do homem dentro de si mesmo. Uma luz branca, fulgurante, ilumina o centro do coração quando as duas tríades se fundem. Só depois de este processo ter ocorrido, tanto no homem como na mulher, haverá a união adequada do filho e da filha do Pai. (É aqui que seres como eu orientam os que estão mais abaixo na escala evolutiva, falando com eles até

podermos começar a compreendê-los. Quando digo isso, bom irmão, não quero dizer interferir! Quero dizer que apenas os orientamos.)

«Fica avisado, antecipadamente, dos seguintes perigos. O centro na base da coluna é conhecido na literatura oriental como a elevação da Kundalini, ou Serpente de Fogo. Deixa-me aconselhar-te de imediato, bom irmão: nunca provoques, de maneira nenhuma, a Kundalini! O seu desenvolvimento forçado termina invariavelmente em desastre para a pessoa em causa! Ela pertence ao seu lugar próprio no esquema perfeito que o nosso Pai colocou diante de nós, por isso caminhemos este Caminho corretamente; não atalhemos a sequência de experiências que temos de atravessar. Por outras palavras, para combinar o centro mais alto com o mais baixo, tens de exercer a vontade de vencer, a vontade de aprender e a vontade de saber. Quando tiveres feito isso, um feixe de luz ligará o centro mais alto ao mais baixo, e todos começarão a brilhar.

«O centro seguinte, o sacral, que governa os órgãos reprodutores, é energizado pelo terceiro olho; e, a partir daí, bom irmão, voltamo-nos para o centro do plexo solar, a fonte da mente subconsciente. Este animamos ligando-o ao centro da garganta. Estes dois centros também respondem à medida que te envolves mais profundamente no autoaperfeiçoamento. Quando os três centros inferiores acabarem por rodar com o mesmo brilho que os três superiores, o quarto centro, o centro cardíaco, fundir-se-á com a tríade superior e inferior; e, nessa vida humana realizada, o amor todo-compreensivo do nosso Pai manifestar-se-á. Serás agora um ser humano aperfeiçoado. Podes identificar-te como negativo.

«Quando perceberes que a tua contraparte feminina aperfeiçoada é o pólo positivo, as vossas duas almas fundem-se e surgirá um sentido mais profundo de consciência… a consciência de vós próprios como filhos de Deus… uma consciência plena de toda a criação à vossa volta… então, de facto, bom irmão, alcançais a unificação última dos dois pólos!

«Só quando esta união dos opostos triunfa é que as barreiras finais se dissolvem; pois, após esta união mística, os dois podem separar-se, cada um para descobrir a sua própria imortalidade. Ele é agora ela e ela é agora ele; e ambos são um com o conceito realizado da Irmandade dos Homens.

«Este é o verdadeiro, o derradeiro sacramento do matrimónio. Isto é beleza na sua forma mais pura. Esta união do inferior com o superior é o embelezamento do templo do corpo, tornando-o apto para ser habitado pelo

Senhor. Quando Jesus disse: "Se um homem não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus", referia-se a esta união mística do masculino e do feminino. A última barreira que impedia a alma de tomar controlo sobre a entidade tripla acabou agora de cair.

«Aí tens, bom irmão, uma versão em cápsula do valor esotérico do sexo; que pode ser mais vasto e abrangente do que a maioria das pessoas imagina.

«Ajuda-te a ver o que acontece quando tiras o sexo do seu lugar ao lado do trabalho e do lazer? Percebes como o homem aleijou, iludiu e atrasou o plano-mestre porque, em vez de considerar a mulher como sua igual, tentou eternamente subjugá-la?

«Este número chauvinista teve origem no Oriente e, infelizmente, seduziu também o Ocidente.

«Mas homem e mulher continuam a ser iguais aos olhos de Deus. Ambos, em suma, sempre foram iguais.

«A última questão que quero discutir é a atitude mortal perante a morte. Se te recordas da minha comparação do carro envelhecido, cuja função original tinha sido levar-te de um lugar a outro, não vi nada de desumano ou insensível na tua decisão de o reformar e arranjar um novo. Concedes que esta lógica se aplica igualmente à morte? Aplica-se para nós nestes planos dourados, razão pela qual sugiro que é igualmente verdadeira para ti na concha mortal que agora habitas.

«Quando aqui cheguei, demorou-me muito a habituar-me ao que eu tomei por insensibilidade — a pouca importância que estas almas maravilhosamente amorosas atribuem à morte mortal. Os cataclismos e catástrofes que acontecem na vossa Terra são aqui encarados com completa equanimidade. Quando um vulcão se desfaz em pedaços, ou um tufão faz com que cem mil almas se reúnam aqui ao nível astral, não há choro nem lamentos nem ranger de dentes.

«Há um toque de frustração suave pelas vidas desperdiçadas. As almas em causa terão de receber novos corpos e ser enviadas de volta ao vosso plano material. Mas isso causa incómodo, nada mais. Nunca nos entregamos ao luxo do luto profundo que tanto hipnotiza os enlutados na Terra.

«Olha sempre a morte de frente, bom irmão. Reconhece o bom senso dela. Para nós, o corpo é simplesmente um veículo descartável. Quando se

gasta, abatemo-lo e alugamos um novo. Quando fica demasiado danificado, deitamo-lo fora e requisitamos um em bom estado. O único fator negativo é o atraso que o indivíduo sofre enquanto aprende, do zero, a usar o seu novo corpo.

«Esquece a perda cruel e sem sentido envolvida — a não ser que só lamentes porque sentes que te fizeram uma grande injustiça, agora que a menina dos teus olhos já não alegrará o teu lazer?

«Pensa nisto, bom irmão. Pode parecer duro e calculista, mas é um facto. Quando fui catapultado para este mundo, enviaste-me amor. Enviaste-me poder e força. Desejaste-me bem no meu novo ambiente. É assim que deve ser. Deve haver sempre esses votos de uma chegada segura.

«Quando um navio sai do porto, acenas aos passageiros desejando-lhes boa sorte e uma boa viagem. Quando o navio chega ao destino, a multidão lá o recebe com grande alegria. A morte segue exatamente o mesmo procedimento.

«Nunca chores por ti próprio, bom irmão. Pois, quando te afliges por aqueles que foram à tua frente, estás apenas a afligir-te por ti. O açúcar com que eu adoço a pílula é o facto de o que digo ser perfeitamente verdadeiro. Talvez não consigas ficar feliz com a morte, mas custará muito menos em desgaste ser honesto. Por isso olha para ela sem palas!

«E assim esta pequena homilia chega ao fim. Pudemos conversar sobre o meu novo mundo e o meu novo eu, e conto contigo para trazeres as nossas "sessões de conversa" à atenção dos teus irmãos mortais. A verdade é como o fermento. Precisa de entrar em contacto com um ouvido recetivo antes de poder fermentar e tornar-se digerível.

«Há muitas centenas de milhares de jovens comuns hoje que procuram aconselhamento espiritual, e têm muito pouco que os guie. Que este livro aponte para um marco de sinal válido: cada leitor tem, ainda assim, de percorrer o caminho por si próprio.

«Envio-te as mais calorosas bênçãos destes planos dourados. A vós, os que ainda tendes trabalho a fazer dentro dos limites da Terra, não estejais de coração pesado. À vossa frente, meus irmãos, há apenas luz e felicidade. Os vossos labores serão recompensados pelo amor, pelo calor e pelo conforto do Pai Eterno de todos nós.

«A mensagem mais urgente que eu quis comunicar-te, bom irmão, foi que a morte não tem terror. Se não mais do que um dos leitores deste livro aceitar essa verdade, tu e eu teremos cumprido o dever que nos foi imposto a ambos.

«Que a Sua bênção esteja convosco todos, agora e para sempre.

«Das profundezas do Seu grande coração, o Seu amor eterno envolve cada um de nós.»

Não perdemos Mike. Em espírito, ele está sempre connosco. E, como resultado da forma como partiu, nós, todos nós, perdemos o nosso terror da morte.

Foi por isso que ele me pediu que escrevesse este livro por ele, na esperança de que tu também possas retirar consolo do conhecimento de que a morte neste mundo é apenas uma transição para um campo mais luminoso, onde estamos infinitamente mais bem equipados para funcionar.

Os factos são apresentados tal como aconteceram.

Deixo-te o juízo e a bênção disso.

Jasper Swain, Pietermaritzburg.